UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E
CULTURA RUSSA

Jéssica de Souza Farjado

O rei Lear da estepe, de Ivan Turguêniev:
uma tragédia russa

Versão corrigida

De acordo

Professora Doutora Maria de Fátima Bianchi
Orientadora

São Paulo
2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E
CULTURA RUSSA

***O rei Lear da estepe*, de Ivan Turguêniev:
uma tragédia russa**

Jéssica de Souza Farjado

Dissertação apresentada junto à
área de Literatura e Cultura
Russa da Faculdade de Filosofia e
Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, com
vista à obtenção de título de
Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Bianchi

São Paulo
2016

Agradecimentos

À minha orientadora Profa. Dra. Maria de Fátima Bianchi, pela dedicação e paciência dispensada a mim desde a graduação.

À professora Elena Vássina e a Gutemberg Medeiros, pelas valiosas contribuições no Exame de Qualificação.

Aos meus pais, Sonia e João, e à minha irmã Érica, por tudo.

Agradeço a Edmundo Juarez Filho, pelo apoio e atenção.

À Universidade de São Paulo, pela oportunidade.

Aos meus amigos tão queridos da Seção Circulante da Biblioteca Mário de Andrade, pelo carinho, incentivo e compreensão.

Resumo

Este trabalho é composto pela tradução da novela *O rei Lear da estepe*, de Ivan Turguêniev, publicada em 1870, seguida de um breve comentário sobre a influência do dramaturgo inglês William Shakespeare na literatura russa. Em seguida há um estudo sobre o *skaz* literário presente na novela e da estilização, um recurso estilístico teorizado por Mikhail Bakhtin e Yuri Tyniánov. Assim como a paródia, a estilização é também a recriação de uma obra consagrada, mas, ao contrário daquela, não possui efeito cômico e sim concordância de sentido com o texto no qual foi inspirada. Por fim, há um apontamento sobre a existência de elementos do folclore russo no texto e comentários sobre a tradução baseados em cotejos com versões francesa, inglesa e portuguesa.

Palavras-chave:

- literatura russa
- prosa russa do século XIX
- Ivan Turguêniev
- *skaz* literário
- estilização
- teoria da tradução

Abstract

This research consist of a translation of Ivan Turgenev's novel *The King Lear of the steppes*, published in 1870, followed by a brief commentary on the influence of the English playwrighter William Shakespeare in Russian literature. Then there is a study of the literary skaz present in the novel and styling, a stylistic feature theorized by Mikhail Bakhtin and Yury Tynyanov. Like the parody, the styling is also a recreation of a consecrated work, but rather that it does not have comic effect, but agree with the text direction in which it was inspired. Finally, there is a note about the existence of elements of Russian folklore in the text and comments on the translation based on comparison with French, English and Portuguese versions.

Keywords:

- Russian literature
- XIX century Russian prose
- Ivan Turgenev
- literary skaz
- translation theory

SUMÁRIO

Apresentação.....	7
1. Tradução.....	9
2. Introdução.....	91
3. Shakespeare no contexto da literatura russa.....	93
4. O skaz e a questão do narrador.....	100
5. <i>Rei Lear</i> e <i>O rei Lear da estepe</i> : estilização.....	108
6. Personagem arquetípico e folclore russo.....	127
7. Comentários sobre a tradução.....	133
8. Considerações finais.....	148
9. Bibliografia.....	150

Apresentação

Meu interesse por Ivan Turguêniev surgiu ainda na graduação, ao escolher uma obra sua para elaborar um projeto de Iniciação Científica. Tratava-se do conto “Iermolái e a moleira”, que compõe a coletânea *Memórias de um caçador*, inicialmente publicado em 1847, na revista *O contemporâneo*. Para essa pesquisa foi realizada uma tradução do conto para o português, acompanhada de um breve comentário.

Já a presente pesquisa consiste na realização de uma tradução da novela *O rei Lear da estepe*, de Turguêniev, publicada em 1870, e um estudo sobre ela.

O primeiro capítulo da dissertação traz a tradução da novela. Em seguida foi realizado um breve levantamento da recepção de Shakespeare na Rússia, assim como de ensaios, artigos e obras de Turguêniev que apresentam alguma relação com ele, além de um esboço sobre sua influência na literatura russa.

O passo seguinte foi elaborar um estudo sobre o narrador e *skaz* literário, com destaque para os traços de oralidade presentes na novela, já que se trata de uma narrativa oral.

O capítulo seguinte aborda a estilização, recurso estilístico teorizado pelos estudiosos russos Mikhail Bakhtin e Yuri Tyniánov que se adequa perfeitamente a essa obra de Turguêniev. Frequentemente estudada ao lado da paródia, a estilização consiste também numa releitura de uma obra que é consagrada ou considerada um clássico. No entanto, ao contrário da paródia, a estilização não envereda para o cômico. Nela, em geral, há mudança na estrutura formal, mas seu sentido converge para o gênero da obra estilizada. Sendo assim, a novela de Turguêniev é uma estilização da tragédia shakespeariana por também desenvolver-se de maneira trágica.

Há também um capítulo em que são analisados alguns elementos da cultura popular e do folclore russo presentes na novela, por desempenharem um papel importante na composição da obra e na caracterização das personagens.

No último capítulo da dissertação foram levantadas questões tradutológicas na comparação do original em russo da novela com a presente tradução para o português e versões para o francês, inglês e português de Portugal. À luz das teorias da tradução selecionadas, procurei aqui refletir sobre as alternativas encontradas para a equivalência de pronomes de tratamento e indicadores de formalidade, elementos folclóricos e expressões idiomáticas, bem como soluções para a transferência de humor, cultural e de sentido nos diversos textos. Esse comentário trata dos cuidados a serem observados pelo tradutor no ato da tradução e também reflete em certa medida a minha experiência com essa atividade.

1. Tradução

As notas da tradutora fecham com (N. da T.); as notas da edição russa, com (N. da E.); e as notas do autor, com (N. do A.).

Traduzido do original russo, de I. S. Turguêniev, *Sobranie sochinenii v dvadtsati vosmi tomakh*. (Obras completas em vinte e oito volumes), Moscou-Leningrado, Ed. Izdatelstvo "Naúka", 1965, vol. X.

O rei Lear da estepe

Éramos umas seis pessoas reunidas numa noite de inverno na casa de um antigo colega de universidade. Nossa conversa enveredou para Shakespeare, para seus tipos, para como eram profunda e verdadeiramente arrancados das próprias entranhas da “essência” humana. Admirávamos sobretudo a verdade de vida, a atualidade deles; cada um de nós nomeou os Hamlets, os Otelos, Falstafs e até os Ricardos Terceiros e os Macbeths (estes últimos, é verdade, apenas na medida do possível) com que nos havia acontecido de cruzar.

– Mas eu, senhores – exclamou nosso anfitrião, homem já de certa idade –, conheci um rei Lear.

– Como assim? – perguntamos-lhe.

– Isso mesmo. Querem que lhes conte?

– Tenha a bondade.

E nosso companheiro sem demora se pôs a narrar.

I

“Passei minha infância toda – começou ele – e a primeira juventude, até a idade de quinze anos, no campo, na herdade de minha mãezinha, uma rica proprietária de terras da província de.... A impressão mais marcante

que permaneceu em minha lembrança daquele tempo já distante talvez seja a da figura de nosso vizinho mais próximo, um certo Martin Petróvitch Kharlov. Teria sido mesmo difícil apagar da memória essa impressão: nunca mais em minha vida encontrei nada semelhante a Kharlov. Imaginem um homem de estatura gigantesca! No enorme tronco assentava-se, um pouco de soslaio e sem qualquer sinal de pescoço, uma monstruosa cabeça; sobre ela se elevava uma grande cabeleira louro-grisalha e desgrehada, despontando junto das sobrancelhas arqueadas. Na ampla área do rosto cor de pombo, como que descascado, se sobressaía um nariz colossal cheio de bossas, uns olhinhos azuis minúsculos altivamente eriçados e se revelava uma boca também minúscula, mas torta e gretada, da mesma cor que o resto do rosto. A voz que saía dessa boca, ainda que fosse roufenha, era extremamente forte e retumbante... Seu som lembrava o tinido de uma barra de ferro transportada numa telega por uma calçada precária – e Kharlov falava como se gritasse ao vento forte para alguém através de uma vasta ravina. Seria difícil dizer o que exatamente expressava o rosto de Kharlov, de tão amplo que era... Às vezes a pessoa mal conseguia abarcá-lo com um olhar! Mas desagradável ele não era – notava-se nele até certa imponência, só que era surpreendente e incomum. E que mãos eram as suas – verdadeiras almofadas! E que dedos, que pés! Lembro-me de que não conseguia contemplar os dois archins¹ de costas de Martin Petróvitch e seus ombros semelhantes a mós de moinho sem um horror de certa forma respeitoso. Mas, o que mais me admirava eram as suas orelhas. Perfeitos kalatchis² com dobras e curvas que se erguiam nas faces de ambos os lados. Tanto no inverno como no verão, Martin Petróvitch vestia um capote cossaco de feltro verde cingido por um cinto circassiano e botas untadas de alcatrão. De gravata nunca o vi, além do mais, em volta do que haveria ele de atar uma gravata? Respirava lenta e pesadamente como um touro, mas não fazia barulho. Podia-se pensar que, ao entrar em um aposento, sempre temia quebrar e derrubar tudo e por isso se movia de um lugar para o outro com cautela, sempre de lado, como que sorrateiramente. Era dotado de uma força

¹ Unidade de medida equivalente a 0,71m. (N. da T.)

² Pão de trigo em forma de cadeado. (N. da T.)

realmente hercúlea e, graças a ela, gozava de grande respeito nas redondezas: nosso povo ainda hoje faz reverência diante dos bogatirs³. Chegaram até a criar lendas sobre ele: contava-se que uma vez encontrou um urso no bosque e por pouco não o derrotou; que, ao flagrar um mujique gatuno estranho em seu colmeal, ele o lançou junto com a telega e o cavalo para o outro lado da cerca, e assim por diante. O próprio Kharlov nunca se vangloriava de sua força. “Se tenho a mão direita abençoada - dizia ele -, é porque nisso está a vontade de Deus!” Ele era orgulhoso; mas não era de sua força que se orgulhava, mas de seu título, de sua origem, de sua inteligência e sensatez.

– Nossa linhagem é da Suéchia (era assim que ele pronunciava a palavra “Suécia”); Kharlus veio da Suéchia – assegurava ele – e chegou à Rússia no reinado de Ivan Vassílievitch, o Obscuro (eis quando!); e o sueco Kharlus não quis ser um conde finlandês – preferiu ser um nobre russo e registrar-se no livro de ouro. Eis de onde nós, os Kharlov, viemos!.. É por essa mesma razão que nós todos, os Kharlov, nascemos loiros, com o rosto de olhos claros e límpidos! Porque somos filhos da neve!

– Sim, Martin Petróvitch – tentei objetar –, não era absolutamente Ivan Vassílievitch, o Obscuro, mas Ivan Vassílievitch, o Terrível. O grão-príncipe Vassili Vassílievitch é que era chamado de o Obscuro.

– Que mentira – respondeu-me Kharlov calmamente –, se eu estou dizendo é porque é assim!

Certa vez, mamãe inventou de elogiá-lo por seu admirável desinteresse.

– Ora, Natália Nikoláievna! – proferiu ele quase com irritação. – Encontrou algo para elogiar! Nós, senhores, não podemos ser de outro jeito; para que nenhum homem dependente, servo ou camponês tivesse a audácia sequer de pensar mal de nós e ser insolente! Eu sou um Kharlov, eis de onde vem minha família... (nisso ele apontou com o dedo para algum lugar muito alto no teto atrás de si), e como haveria de não ter honra? E como isso é possível?

³ Herói épico russo. (N. da T.)

Numa outra vez, um alto funcionário de passagem, recebido por minha mãe, inventou de zombar de Martin Petróvitch. Este tornou a falar sobre o sueco Kharlus que viera para a Rússia.

– No tempo dos Afonsinhos? – interrompeu o alto funcionário.

– Não, não no tempo dos Afonsinhos, mas no tempo do grão-príncipe Ivan Vassílievitch, o Obscuro.

– Então eu suponho – prosseguiu o alto funcionário – que a origem do senhor seja muito mais antiga e remonte, até mesmo, ao tempo antediluviano, quando ainda existiam mastodontes e megalodontes.

Estes termos científicos eram inteiramente desconhecidos a Martin Petróvitch, mas ele entendeu que o alto funcionário zombava dele.

– Pode ser – disparou ele –, parece que nossa origem é realmente muito antiga; na época em que meu antepassado chegou a Moscou, dizem que vivia nela um imbecil em nada pior que vossa excelência, mas tais imbecis nascem apenas uma vez em mil anos.

O alto funcionário empalideceu e Kharlov jogou a cabeça para trás, ergueu o queixo, bufou e lá se foi. Passados uns dois dias, ele tornou a aparecer. Minha mãe começou a repreendê-lo: “Foi uma lição para ele, minha senhora – interrompeu Kharlov –, não se confronta alguém à toa, antes é preciso saber com quem se está lidando. Ele é ainda muito jovem, é preciso ensiná-lo.” O alto funcionário era quase da mesma idade que Kharlov; mas esse gigante estava acostumado a considerar as pessoas todas como ignorantes. Confiava muito em si mesmo e, decididamente, a ninguém temia. “Por acaso podem fazer algum mal a mim? Onde no mundo estaria essa pessoa?” – perguntava ele e, de repente, se punha a gargalhar com um riso curto, mas estrondoso.

II

Minha mãe era muito exigente em suas relações, mas recebia Kharlov com uma cordialidade especial e perdoava-lhe muita coisa: há uns vinte e cinco anos salvara-lhe a vida ao segurar sua carruagem à beira de uma

ravina profunda onde os cavalos já estavam caindo. Os tirantes e os arreios se romperam, mas Martin Petróvitch não soltou as rodas agarradas por ele – ainda que o sangue lhe esguichasse sob as unhas. Minha mãe então o casou: ela lhe entregou uma órfã de dezesseis anos, educada em sua casa; ele, na época, tinha completado os quarenta. A esposa de Martin Petróvitch era frágil; dizem que ele a levou para a sua casa na palma da mão e ela viveu com ele por pouco tempo; deu-lhe, no entanto, duas filhas. Mesmo após sua morte, minha mãe continuou a oferecer proteção a Martin Petróvitch; ela matriculou sua filha mais velha no pensionato da província, depois arranhou-lhe um marido e já tinha outro em vista para a segunda. Kharlov era um bom administrador, tinha trezentas deciátinas⁴ de terra, em que fora construindo aos poucos, uma vez que os camponeses o obedeciam em tudo – mas não há porque falar disso! Por causa de sua obesidade, Kharlov não ia a pé a lugar nenhum: a terra não o carregava. Ia para todo lado numa drójki⁵ de corrida baixinha e ele mesmo conduzia o cavalo, uma égua mirrada, de uns trinta anos, com uma cicatriz no ombro: ela se ferira na Batalha de Borodinó⁶, sob o furriel do regime de cavalaria. A égua mancava sempre nas quatro patas ao mesmo tempo; andar a passo ela não conseguia, e apenas arriscava um trote curto, aos saltos. Ela comia artemísia e losna nos limites da propriedade, daí eu não trocá-la por nenhum outro cavalo. Lembro-me de que ficava sempre perplexo ao ver como essa rocinante semiviva conseguia carregar esse peso terrível. Não ousou repetir quantos puds⁷ tinha o nosso vizinho. Às costas de Martin Petróvitch cabia, na drójki de corrida, seu criado Maksim, um moleque trigueiro. Estreitando o rosto e o corpo todo em seu senhor e apoiando os pés descalços no eixo traseiro da drójki, ele parecia uma folha ou um verme colocado por acaso junto ao corpanzil gigantesco que se movia diante dele. Esse menino criado barbeava Martin Petróvitch uma vez por semana. Para realizar essa operação, dizem que subia na mesa; outros brincalhões asseguravam que era obrigado a correr em volta do queixo do patrão. Kharlov não gostava de ficar em casa por muito tempo e

⁴ Antiga medida agrária russa equivalente a 1,09 ha. (N. da T.)

⁵ Carruagem leve, aberta, de quatro rodas. (N. da T.)

⁶ Confronto ocorrido em 1812 durante a invasão napoleônica na Rússia. (N. da T.)

⁷ Antiga unidade de medida equivalente a 16,3 kg. (N. da T.)

por isso era possível vê-lo com freqüência viajando em sua equipagem costumeira, com as rédeas numa mão (a outra ele mantinha apoiada no joelho com o cotovelo arrogantemente erguido) e o quepe velho e minúsculo bem no alto da cabeça. Olhava bem disposto ao redor com seus olhinhos de urso, chamava em voz alta todos os mujiques, pequenos burgueses e comerciantes que encontrava; aos popes⁸, de quem não gostava muito, enviava vigorosas mensagens de repulsa e uma vez, ao emparelhar comigo (eu saíra para passear com uma espingarda), guinchou de tal modo para uma lebre deitada ao lado da estrada que o tinido e o gemido dele ficaram em meu ouvido até a noite.

III

Minha mãe, como já disse, recebia Martin Petróvitch com hospitalidade; ela sabia da profunda reverência que ele nutria por sua pessoa. “Patroa! Senhora! Flor do nosso campo” – era assim que atendia aos seus chamados. Exaltava sua benfeitora, enquanto ela via nele um gigante devotado que enfrentaria sem hesitar toda uma multidão de mujiques para defendê-la; e ainda que não se previsse sequer a possibilidade de semelhante conflito, entretanto, no entender de mamãe, na ausência de um marido (ela enviuvara cedo), um defensor assim, como Martin Petróvitch, não era de se desprezar. Além disso, ele era uma pessoa direita, não bajulava ninguém, não pedia dinheiro emprestado, não bebia – e também não era tolo, ainda que não tivesse recebido nenhuma instrução. Minha mãe confiava em Martin Petróvitch. Quando resolveu redigir um testamento espiritual, ela exigiu que ele fosse testemunha, e com esse propósito ele foi para casa buscar seus óculos redondos de ferro, sem os quais não podia escrever; e, com os óculos no nariz, ao longo de um quarto de hora, ofegando e resfolegando, mal conseguiu traçar sua patente, nome, patronímico e sobrenome, sendo que dispôs com letras quadrangulares e garrafais, com pernas e floreios, e, depois de realizar o seu trabalho, comunicou que estava

⁸ Sacerdote russo (N. da T.)

cansado e que para ele escrever e catar pulgas eram a mesma coisa. Sim, é verdade que mamãe o respeitava... No entanto, não lhe era permitido passar da sala de jantar. Exalava um odor muito forte: tinha cheiro de terra, de mato e de lodo pantanoso. “Um verdadeiro liéchi⁹!” – assegurava minha velha ama-seca. No almoço, colocavam Martin Petróvitch num canto, numa mesa à parte, mas isso não o ofendia – sabia que os outros ficariam incomodados de sentar-se a seu lado e assim tinha mais liberdade para comer; e comia de um modo que, suponho, ninguém comesse desde os tempos de Polifemo¹⁰. No início do almoço, por medida de precaução, sempre lhe reservavam um pote de mingau de umas seis libras¹¹: “Senão você dará fim à minha comida!” – dizia mamãe. “Sim, senhora, daria mesmo!” – respondia Martin Petróvitch rindo.

Mamãe gostava de ouvir suas divagações sobre qualquer assunto de administração; mas não conseguia suportar sua voz por muito tempo.

– O que é isso, meu caro! – exclamava ela – se ao menos pudesse se curar disso! Deixou-me completamente surda. Parece uma trombeta!

– Natália Nikoláievna! Benfeitora! – costumava responder Martin Petróvitch. – Não sou dono da minha garganta. Além do mais, que remédio poderia surtir efeito em mim – pode imaginar? É melhor ficar um pouquinho em silêncio.

De fato, creio eu, nenhum remédio poderia surtir efeito em Martin Petróvitch. Ele mesmo nunca chegara a adoecer.

Ele não sabia e não gostava de contar histórias. “Discursos longos me deixam ofegante” – observava ele com censura. Apenas quando o remetiam ao ano de 1812 (servira como voluntário e recebera uma medalha de bronze que usava atada à fita de São Vladímir¹², nos feriados), quando lhe indagavam sobre os franceses, contava então algumas anedotas, embora sempre assegurasse que à Rússia não chegara nenhum francês, e sim

⁹ Espírito da mitologia eslava que protege os animais selvagens e as florestas. (N. da T.)

¹⁰ Ciclope da mitologia grega, filho de Poseidon e da ninfa Teosa. Na *Odisséia* de Homero é narrado o encontro de Ulisses e seus companheiros com Polifemo que agarra dois homens e os devora. (N. da T.)

¹¹ Unidade de peso equivalente a 0,453 kg. (N. da T.)

¹² Foi um nobre eslavo, grão-duque de Kiev. É considerado um santo pela Igreja Ortodoxa e pela Igreja Católica por seu papel na cristianização do Principado de Kiev. (N. da T.)

saqueadores que se depararam com a fome, e que ele já espancara muitos desses canalhas na floresta.

IV

Entretanto, esse gigante confiante e invencível tinha momentos de melancolia e meditação. Sem qualquer motivo aparente, de repente começava a entediar-se; trancava-se sozinho no quarto e zumbia – de fato, zumbia como um enxame todo de abelhas; ou então chamava o pequeno moleque Maksimka¹³ e ordenava-lhe que cantasse ou lesse em voz alta o único livro solitário da livraria que se metera em sua casa, um volume solto de “A trabalhadora descansando”, de Novikovski*. E Maksimka, que por estranha brincadeira do acaso sabia ler sílabas, punha-se, com cortes habituais das palavras e mudanças de acento, a gritar frases como as seguintes: “Mas o homem apaixonado tira do espaço vazio, o qual encontra nas criaturas efeitos completamente contraditórios. Cada criatura em particular, di-iz ele, não é capaz de me fazer muito fe-liz!” e etc. – ou entoava uma cançãozinha tristonha, com uma vozinha fina, da qual só era possível distinguir: “I... i... é... i... é... i... Aaa... sca!.. O... u... u... bi... i... i... i... la!” Enquanto isso, Martin Petróvitch balançava a cabeça e fazia alusões à fragilidade de tudo aquilo que haveria de virar cinzas, definhando, secar como a grama; passar – e deixar de existir! Não se sabe como, caiu-lhe nas mãos um quadro representando uma vela acesa sendo soprada de todos os lados por faces retesadas e embaixo havia a inscrição: “Assim é a vida humana!”. Ele gostava muito desse quadro; o pendurara em seu gabinete; mas, geralmente, nas épocas normais, sem melancolia, virava-o contra a parede para que não o perturbasse. Kharlov, este colosso, temia a morte! Com a ajuda da religião e de orações, aliás, ele raramente caía em ataques de melancolia; mesmo nesse caso, confiava mais em sua própria inteligência. Não tinha uma devoção especial; pouco o viam na igreja; na verdade, ele

¹³ Diminutivo do nome Maksim. (N. da T.)

* “A trabalhadora descansando”, edição periódica, Moscou, 1785, Terceiro capítulo, Pág. 23, 11ª linha a partir do topo. (N. do E.)

dizia que não ia até lá pelo simples motivo de que temia, com o tamanho do seu corpo, espremer todo mundo para fora. Em geral, as crises chegavam ao fim quando Martin Petróvitch começava a assobiar – e, de repente, com voz forte, mandava que lhe preparassem a drójki e partia para algum lugar da vizinhança, não sem a audácia de sacudir a mão livre sobre a pala do kartuz¹⁴, como se quisesse nos dizer que para ele agora tanto fazia! Era um homem russo.

V

Homens fortes como Martin Petróvitch costumam a maioria das vezes ser de temperamento fleumático; ele, ao contrário, irritava-se com bastante facilidade. Costumava perder a paciência sobretudo com o irmão de sua falecida esposa, que se abrigava em nossa casa na qualidade de bobo ou agregado – um tal de Bitchkov, que desde a infância fora apelidado de Suvenir e assim ficou. Era Suvenir para todo mundo, até mesmo para a criadagem, que na verdade o chamava de Suvenir Timoféievitch¹⁵. Seu verdadeiro nome, parece-me, nem ele mesmo sabia. Era um homem miserável, todos o desprezavam: numa palavra, era um parasita. De um lado da boca faltavam-lhe todos os dentes, o que dava a seu pequeno rosto enrugado uma aparência torta. Vivia em eterna agitação e rebuliço: quando não era para o quarto de empregadas, para o gabinete, ou para o pope na vila, era para o estaroste¹⁶ na isbá que corria; enxotavam-no de todo lugar, mas ele se limitava a dar de ombros, apertar os olhinhos vesgos e rir de um modo feio e aguado como um enxágüe de garrafa. Sempre me pareceu que, se Suvenir tivesse dinheiro, teria se transformado na pessoa mais indecente, imoral, perversa e até cruel. A pobreza o “refreava” a contragosto. Permitiam-lhe beber apenas nos feriados. Por ordem de mamãe, era vestido com decoro nas noites em que se juntava a ela para uma partida de piquet ou bóston. Suvenir volta e meia repetia: “Cá estou, com licença, agoga,

¹⁴ Espécie de quepe ou boné. (N. da T.)

¹⁵ Chamar pelo nome acrescido do patronímico denota maior respeito. (N. da T.)

¹⁶ Chefe de comunidade, na Rússia. (N. da T.)

agoga” – “O que é agoga?” – lhe pergunta mamãe com enfado. Ele no mesmo instante atira as mãos para trás, intimida-se e resmunga: “Como quiser, senhora!” Ouvia atrás das portas, mexericava e, o pior, “amolava”, irritava – outrem com quem nada tinha –, e “amolava” de tal modo como se tivesse o direito, como que se vingando por algo. Chamava Martin Petróvitch de irmãozinho e não se cansava de importuná-lo. “Por que o senhor matou a irmãzinha Margarida Timoféievna?” – aborrecia-o e ficava dando voltas em torno dele e rindo. Certa vez Martin Petróvitch estava sentado junto ao bilhar num quarto fresco onde ninguém nunca viu sequer uma mosca e do qual nosso vizinho, inimigo do calor e do sol, gostava muito. Sentava-se entre a parede e o bilhar. Suvenir corria para lá e para cá diante de seu “ventre” e o provocava fazendo caretas... Martin Petróvitch queria rechaçá-lo e deu um soco para a frente com ambas as mãos. Para felicidade de Suvenir, ele teve tempo de se esquivar – as palmas das mãos de seu irmãozinho chegaram ao apoio sobre a beirada do bilhar e a pesada e rústica mesa de sinuca caiu com todos os seis tacos... Em que panqueca não teria se transformado Suvenir se essas vigorosas mãos o tivessem acertado!

VI

Fazia tempo que estava curioso para ver como Martin Petróvitch erigira a sua moradia, que tipo de casa era. Uma vez me ofereci para acompanhá-lo a cavalo até Ieskov (era assim que se chamava a sua propriedade). “Vejam só! Quer ver meus domínios – proferiu Martin Petróvitch. – Pois que seja! Mostrarei o jardim, a casa, o celeiro e tudo. Tenho de tudo um pouco!” Partimos. De nossa aldeia até Ieskov dava ao todo três verstas¹⁷. “Aqui estão os meus domínios! – ressoou de repente a voz de Martin Petróvitch, que tentava virar a cabeça imóvel e estender o braço para a direita e para a esquerda – É tudo meu!” A herdade de Kharlov ficava no topo de uma colina em declive; embaixo amontoavam-se algumas cabanas precárias dos camponeses perto de um pequeno lago. No lago, numa

¹⁷ Unidade de medida equivalente a 1,06 km. (N. da T.)

plataforma, uma velha de paniova¹⁸ xadrez batia a roupa branca torcida com uma pá.

– Aksínia! – gritou Martin Petróvitch, mas de tal modo que as gralhas da plantação de aveia vizinha levantaram vôo... – Está lavando as calças do marido?

A mulher virou-se no mesmo instante e fez uma reverência.

– Sim, paizinho – soou sua fraca voz.

– Ora, ora! Veja – prosseguiu Martin Petróvitch, dirigindo-se num trote curto ao longo da cerca meio apodrecida –, este é o meu cânhamo; e aquele lá é o dos camponeses; vê a diferença? E este é o meu jardim; fui eu que plantei as macieiras, e os salgueiros também. E no entanto aqui não havia uma árvore sequer. Olha para isso, e aprenda.

Viramos para o quintal, fechado por uma cerca. Adiante, bem em frente ao portão, erguia-se uma casa de fundos decrépita, com telhado de sapé e alpendre com colunas; ao lado havia outra, mais nova e com um mezanino minúsculo, e também com patas de galinha¹⁹. “Aqui você também pode aprender – proferiu Kharlov –, veja em que casinha de madeira viveram nossos pais, mas agora veja que palácio eu construí para mim”. Esses palácios eram como uma casinha de cartas. Cinco ou seis cachorros, um mais feio e desengonçado que o outro, nos saudaram com latidos. – “São pastores! – observou Martin Petróvitch. – Naturais da Criméia! Psiu, escandalosos! Acabo enforcando todos.” No terraço de entrada da casa nova dos fundos surgiu um jovem com um casaco comprido de nanquim²⁰, o marido da filha mais velha de Martin Petróvitch. Saltando da drójki com agilidade, amparou respeitosamente o sogro sob os cotovelos escamados, e ainda fez até menção com a mão, como se fosse segurar a perna gigantesca que este, ao pender o tronco para a frente, levantou num ímpeto por cima do assento. Em seguida, ajudou-me a descer do cavalo.

– Anna! – exclamou Kharlov. – O filho de Natália Nikoláievna está nos dando a honra de uma visita; é preciso servir-lhe algo. Onde está

¹⁸ Saia de três panos de lã, geralmente listrada ou xadrez, usada pelas mulheres camponesas. (N. da T.)

¹⁹ Referência à cabana da Baba Iagá, personagem do folclore russo. (N. da T.)

²⁰ Tecido de algodão amarelo-ocre proveniente da China. (N. da T.)

Evlâmpiochka²¹? (A filha mais velha chamava-se Anna, a mais nova, Evlâmpia).

– Não está em casa. Foi ao campo colher centáureas – respondeu Anna, aparecendo na janelinha ao lado da porta.

– Tem requeijão?

– Tem.

– E creme de leite, tem?

– Tem.

– Então traga para a mesa, enquanto isso lhe mostro meu gabinete. Por aqui, faça o favor, por aqui – acrescentou ele, dirigindo-se a mim e chamando-me com o dedo indicador, insistindo para entrar. Em sua casa não me tratava por “você”: o patrão precisava ser polido. Conduziu-me por um corredor. – É aqui que eu resido – proferiu, atravessando de lado a soleira de uma ampla porta –, e aqui está meu gabinete. Seja bem-vindo!

Esse gabinete revelou-se um aposento grande, rebocado e quase vazio. Nas paredes, suspensas por pregos colocados de maneira irregular, havia duas nagáikas²², um chapéu de três pontas desbotado, uma espingarda de um cano, um sabre, uma espécie de estranha braçadeira com chapas e um quadro representando uma vela acesa ao vento. Num canto havia um sofá de madeira coberto com um tapete estampado. Centenas de moscas zumbiam em abundância sob o teto; o aposento, aliás, era fresco. Mas exalava o forte e peculiar odor de floresta que acompanhava Martin Petróvitch por todo lugar.

– Que tal, é um bom gabinete, não? – perguntou-me Kharlov.

– Muito bom.

– Como você pode ver, ali eu tenho uma braçadeira holandesa pendurada – prosseguiu Kharlov, tornando a “cair no você”. – Uma braçadeira maravilhosa! Troquei-a com um judeu. Dá uma olhada!

– Uma boa braçadeira.

– É bem prática! Cheira par ver... que couro!

²¹ Diminutivo de Evlâmpia. (N. da T.)

²² Chicotes de correia. (N. da T.)

Cheirei a braçadeira. Tinha cheiro de gordura apodrecida, e nada mais.

– Vamos, sente-se. Ali na cadeira, como um convidado – disse Kharlov, enquanto ele mesmo se deixou cair no sofá, como se cochilasse, fechou os olhos e chegou até a resfolegar. Eu olhava para ele em silêncio e não me cansava de me admirar: uma montanha – sim, e das grandes! De repente ficou agitado.

– Anna! – começou a gritar, e com isso sua enorme barriga inflou e murchou como uma onda no mar – O que há com você? Mexa-se! Não me ouviu?

– Está tudo pronto, paizinho, tenha a bondade – ouviu-se a voz de sua filha.

Fiquei intimamente admirado pela presteza com que executavam as ordens de Martin Petróvitch e fui atrás dele para a sala de estar onde, na mesa, coberta com uma toalha vermelha com desenhos brancos, já estava posta a entrada: requeijão, creme de leite, pão branco, açúcar triturado e gengibre. Enquanto me dirigia ao requeijão, Martin Petróvitch murmurava carinhosamente: “Sirva-se, meu amigo. Coma, meu caro. Não despreze nossa comida do campo – tornou a se sentar a um canto, como se tornasse a dormir. Diante de mim, imóvel e de olhos baixados, postava-se Anna Martínovna, e pela janela eu podia ver como seu marido guiava meu klepper²³ pelo quintal, puxando a correia do bridão com as próprias mãos.

VII

Minha mãe não simpatizava com a filha mais velha de Kharlov; achava-a orgulhosa. Anna Martínovna quase nunca vinha nos cumprimentar e mantinha-se solene e fria na presença de minha mãe, apesar de haver estudado no pensionato e se casado graças a ela, além de ter recebido dela de presente de casamento mil rublos em dinheiro vivo mais um xale turco amarelo, um pouco gasto, é verdade. Era uma mulher de

²³ Raça de cavalo. (N. da T.)

estatura mediana, magra, muito ágil e vivaz nos movimentos, tinha uma vasta cabeleira castanha, um belo rosto moreno, um pouco singular, mas agradável, que apresentavam uns olhos azuis pequenos e pálidos. Tinha o nariz reto e fino, lábios também finos, e uma “covinha no queixo”. Qualquer um que olhasse para ela certamente pensaria: “Bem, como você é inteligente – e ranzinza!” E com tudo isso havia nela algo de encantador; até os sinais escuros como trigo sarraceno espalhados pelo rosto lhe caíam bem e aguçavam as sensações que ela despertava. Com os braços metidos sob o lenço, lançava-me olhares furtivos de alto a baixo (eu estava sentado e ela de pé); um sorrisinho hostil se esboçava pelos seus lábios, pelas bochechas, na sombra de seus longos cílios. “Ora, seu fidalgo mimado!” – parecia dizer esse sorriso. Toda vez que inspirava, suas narinas dilatavam-se ligeiramente. Isso também era estranho, mas ainda assim parecia que Anna Martínovna estava apaixonada por mim, ou que apenas desejava beijar-me com seus lábios finos e rijos - eu saltaria até o teto de êxtase. Sabia que ela era muito severa e exigente, que as moças e as velhas a temiam como ao fogo, e com razão! Anna Martínovna secretamente excitava a minha imaginação... No entanto, eu mal acabara de completar quinze anos, e nessa idade!..

Martin Petróvitch tornou a se agitar.

– Anna! – gritou. – Você deveria dedilhar algo no piano... Os jovens senhores gostam disso.

Olhei ao redor: no aposento havia algo deplorável, semelhante a um piano.

– Estou ouvindo, paizinho – respondeu Anna Martínovna. – O que haveria de tocar para ele? Ele não há de achar interessante.

– Então, o que lhe ensinaram no pensionato?

– Esqueci tudo... além do mais, as cordas estão rebentadas. A voz de Anna Martínovna era muito agradável, sonora e como que queixosa... como a que emitem as aves de rapina.

– Pois bem – disse Martin Petróvitch, pondo-se a pensar. – E então – recomeçou ele –, não gostaria de ver o celeiro, não tem curiosidade? – Volodka o levará.

– Ei, Volodka! – gritou ao genro que ainda passeava pelo quintal com meu cavalo – Leve-o ao celeiro... e para todo lado... mostre-lhe a minha herdade. Preciso dar uma cochilada! Então! Felicidades!

Ele saiu e eu fui atrás. Anna Martínovna levantou-se rapidamente no mesmo instante e, como se estivesse irritada, pôs-se a retirar a mesa. Na soleira da porta, virei-me para saudá-la, mas ela pareceu não notar minha reverência, apenas tornou a sorrir, e de modo ainda mais maldoso que antes.

Peguei meu cavalo com o genro de Kharlov e o conduzi pelas rédeas. Fomos com ele ao celeiro, mas, como não descobrimos nada de muito interessante nele e ele não pôde perceber grande interesse por agricultura num jovem rapaz como eu, voltamos para a estrada pelo jardim.

VIII

Eu conhecia muito bem o genro de Kharlov. Chamava-se Vladímír Vassílievitch Sliótkin. Era órfão, filho de um pequeno funcionário público, encarregado dos negócios de minha mãe e seu pupilo. Primeiro foi colocado no colégio da província, depois entrou para o “gabinete patrimonial”, em seguida foi matriculado a serviço do fisco e por fim o casaram com a filha de Martin Petróvitch. Mamãe o chamava de judeuzinho, e ele, com seus cabelos encaracolados, olhos negros e sempre úmidos como ameixa seca cozida, o nariz aquilino e a boca vermelha e larga, realmente lembrava um tipo judeu; mas a cor da pele era branca e, no conjunto, tinha muito boa aparência. Seu temperamento era prestimoso apenas para assuntos que não diziam respeito a seu proveito pessoal. Aí se perdia na ganância no mesmo instante, chegava até mesmo às lágrimas; ficava pronto a gemer o dia inteiro por ninharias; cem vezes lembrava a tal promessa, ofendia-se e reclamava se ela não era cumprida de imediato. Gostava de andar a esmo pelas clareiras com a espingarda e, quando acontecia de apanhar uma lebre ou um pato, punha a sua caça na bolsa e dizia, com grande sentimento: “Agora, você pode fazer travessuras que não me escapa! Agora terá de *me* servir!”

– Tem um bom cavalinho – começou a dizer com voz sibilante, ajudando-me a montar na sela –, se tivesse um cavalo assim! Mas de que jeito! Não tenho a mesma sorte! Embora o senhor tenha pedido à sua mãe... lembra-se.

– E ela lhe prometeu?

– Se prometeu! Não, mas eu creio em sua grande bondade...

– Deveria recorrer a Martin Petróvitch.

– A Martin Petróvitch! – repetiu lentamente Sliótkin. – Para ele, eu e um moleque insignificante qualquer, como Maksim, é mesma coisa. Além de nos tratar mal, não se vê nenhuma recompensa de sua parte por todo o trabalho.

– Será possível?

– É isso mesmo, juro por Deus. Como se diz: “Só tenho uma palavra!” – pois é como golpear com um machado. Pedir ou não pedir... dá tudo na mesma. E Anna Martínovna, minha esposa, não tem com ele a mesma primazia que Evlâmpia Martínovna.

– Oh! Senhor, Meu Deus, paizinho! – interrompeu de repente e ergueu as mãos em desespero. – Olha: o que é isso? Meia osmina²⁴ de aveia, da nossa aveia, que um miserável qualquer ceifou. Que tal?! Estão sãos e salvos. Bandidos, Bandidos! Pois é mesmo verdade o que dizem, para não confiar em Ieskov, Bieskov, Erin, Belin (era assim que se chamavam as quatro aldeias vizinhas). Ah, ah, o que é isso! Considere um rublo e meio, se não dor dois, de prejuízo!

Na voz de Sliótkin por pouco não se ouviam soluços. Impeli meu cavalo pelo flanco e saí de perto dele.

As exclamações de Sliótkin ainda me alcançavam os ouvidos quando, de repente, na curva da estrada, topei com a tal segunda filha de Kharlov, Evlâmpia, que segundo Anna Martínovna fora ao campo buscar centáureas. Uma espessa coroa dessa flor cingia-lhe a cabeça. Trocamos saudações em silêncio. Evlâmpia também era muito bem apessoada, não pior que a irmã, apenas um tipo diferente. Era alta e tinha uma compleição robusta; tudo

²⁴ Antiga unidade de medida russa equivalente a 105 litros. (N. da T.)

nela era grande: a cabeça, as pernas, os braços, os dentes brancos como a neve e, sobretudo, os olhos saltados, lânguidos, cinza e escuros como avelórios. Tudo nela era até monumental (não por acaso era filha de Martin Petróvitch), mas belo. Pelo jeito não sabia onde enfiar a trança loura e espessa, então dava umas três voltas em torno da cabeça. Sua boca era encantadora, fresca como uma rosa cor de framboesa, e quando falava a metade superior de seus lábios soerguia-se com muita graça. Mas, em seu olhar, em seus olhos grandes, havia algo de selvagem e quase severo. “É livre, tem sangue cossaco” – assim falava dela Martin Petróvitch. Eu a temia... A presença dessa beldade lembrava-me seu pai.

Afastei-me e um pouco mais adiante ouvi que ela se pusera a cantar com uma voz regular, forte, reta e um pouco aguda, bem de camponesa, e depois se calou de repente. Olhei para trás e do topo da colina a avistei de pé ao lado do genro de Kharlov, diante da osmina de plantação de aveia ceifada. Este gesticulava e apontava com as mãos, mas ela não se movia. O sol iluminava sua figura alta e a coroa de centáureas em sua cabeça emitia um brilho azulado.

IX

Acho que já lhes contei, senhores, que mamãe reservava um noivo para essa segunda filha de Kharlov. Era um desses nossos mesmos vizinhos pobres, o major do exército reformado Gavril Fiedulitch Jitkov, homem já de certa idade e, como ele próprio dizia, não sem uma presunção ridícula e, aliás, como se recomendasse a si mesmo, “quebrado e partido”. Mal sabia ler e escrever e era muito tolo, mas nutria em segredo a esperança de se tornar administrador de minha mãe, pois se sentia “um homem de execução”. “Se não por outra coisa, senhor, os dentes dos mujiques posso contar – disso entendo muito bem –, dizia ele, quase rangendo os próprios dentes –, a isso estou habituado – explicou ele, – por causa de meu antigo cargo.” Se Jitkov fosse menos tolo, entenderia que de fato não havia nenhuma chance de ele se tornar administrador de minha mãe, já que para isso seria necessário

destituir o atual, e não havia ninguém como Kvitsinski, um polonês muito sensato e característico, em quem mamãe tinha plena confiança. O rosto de Jitkov era comprido e cavalaresco; todo delineado por cabelos louro-empoeirados, até mesmo a face sob os olhos era toda empoeirada; mesmo num frio intenso, ficava coberto de suor abundante, como se fossem gotas de orvalho. Na frente de mamãe, ele imediatamente se retesava, a cabeça começava a tremer de zelo, as enormes mãos batiam de leve nas coxas e toda a sua figura parecia assim clamar: “Pode ordenar!... E eu me lanço!” Mamãe não se enganava a respeito de sua capacidade, que não a impedia, entretanto, de cuidar de seu casamento com Evlâmpia.

– Será que você conseguirá lidar com ela, meu caro? – perguntou-lhe certa vez.

Jitkov sorriu todo satisfeito.

– Perdão, Natália Nikoláievna! Mantinha todo o regimento em ordem, andando na linha, e isso é o que, senhora? É a coisa mais simples.

– Uma coisa é o regimento, meu caro, e outra é uma moça nobre, uma esposa. – observou mamãe com descontentamento.

– Perdão, senhora! Natália Nikoláievna! – tornou a exclamar Jitkov. – Isso todos nós podemos entender muito bem. Numa palavra: é uma senhorita, uma pessoa meiga!

– No entanto – decidiu mamãe afinal –, Evlâmpia não se dá por vencida.

X

Certa vez – o caso se deu no mês de junho, ao cair da noite –, um criado anunciou a chegada de Martin Petróvitch. Minha mãe ficou surpresa: fazia mais de uma semana que não o víamos, e ele nunca viera tão tarde nos visitar. “Aconteceu alguma coisa!” – exclamou ela à meia voz. O rosto de Martin Petróvitch, quando este irrompeu no aposento e, no mesmo instante, deixou-se cair na cadeira ao lado da porta, tinha uma expressão tão extraordinária, tão pensativa e até mesmo pálida, que minha mãe repetiu

alta e involuntariamente sua exclamação. Martin Petróvitch cravou-lhe os pequenos olhos, em silêncio, deu um suspiro pesado, continuou em silêncio e, por fim, explicou que viera por um assunto... que... era de um tipo, que por causa...

Depois de murmurar estas palavras incoerentes, de repente se levantou e saiu.

Mamãe o chamou, ordenou a um criado que havia aparecido que, no mesmo instante, alcançasse Martin Petróvitch e o trouxesse de volta, mas este já tivera tempo de subir em sua drójkí e ir-se embora.

Na manhã seguinte mamãe, que ficara igualmente surpresa e até alarmada com a estranha atitude de Martin Petróvitch e a expressão extraordinária de seu rosto, estava para enviar à sua casa seu estafeta, quando ele próprio tornou a surgir diante dela. Desta vez parecia tranquilo.

– Conte-me, meu caro, conte-me – exclamou mamãe assim que o viu – o que aconteceu com você? Palavra que ontem cheguei a pensar: Deus! – pensei eu –, não terá o nosso velho perdido o juízo?

– Não perdi o juízo, senhora – respondeu Martin Petróvitch –, não sou esse tipo de pessoa. Mas preciso me aconselhar com a senhora.

– Sobre o quê?

– Apenas não estou certo de que isso há de lhe ser agradável...

– Fale, fale, meu caro, sem cerimônias. Não me deixe preocupada! Para que esse *há de lhe ser*? Fale de modo mais simples. Foi outro ataque de melancolia?

Kharlov ficou carrancudo.

– Não, não é melancolia – ela acontece perto da lua nova; mas permita-me perguntar, o que a senhora acha da morte?

Mamãe ficou agitada.

– Em quê?

– Na morte. Será que a morte pode poupar alguém nesse mundo?

– O que foi que você inventou, meu caro? Quem de nós é imortal? Nem mesmo você que nasceu gigante – seu fim também chegará.

– Chegará! Oh, chegará! – arrematou Kharlov e baixou os olhos. – Tive uma visão em sonho - esticou por fim.

– O que você está dizendo? – minha mãe o interrompeu.

– Uma visão em sonho – repetiu ele. – Eu tenho visões!

– Você?

– Sim! A senhora não sabia? – Kharlov suspirou. – Pois bem... dei uma deitada, senhora, pouco mais de uma semana atrás, durante o jejum de Pedro e Paulo²⁵; deitei depois do almoço para descansar um pouco e acabei adormecendo! E vejo, como se fosse no quarto, um potro murzelo correndo ao meu encontro. E esse potro se pôs a brincar e a mostrar os dentes. O potro murzelo era como um besouro.

Kharlov se calou.

– E então? – proferiu mamãe.

– Quando de repente esse mesmo potro se vira e me acerta um coice no cotovelo esquerdo, bem no ossinho! Acordei, mas o braço não se mexia e a perna esquerda também não. Bem, pensei eu, é paralisia; entretanto, despertei e tornei a entrar em ação; foi apenas em formigamento pelas articulações que até agora não passou. É só abrir a mão que formiga.

– Então você, Martin Petróvitch, parece que dormiu sobre a mão.

– Não, senhora; não diga uma coisa dessas! É uma advertência para mim... É sobre minha morte, quer dizer.

– Mais essa agora! – ia começar mamãe.

– Uma advertência! Para dizer: vai se preparando, homem! E é por isso, senhora, que devo lhe comunicar sem nenhuma demora. Sem querer – gritou de repente Kharlov – que essa minha morte, escrava de Deus, me apanhasse de surpresa, pus isso na minha cabeça: repartir agora mesmo, ainda em vida, a propriedade entre minhas duas filhas, Anna e Evlâmpia, do modo como o Senhor Deus ordenou à minha alma. – Martin Petróvitch parou, deixou escapar um gemido e ajuntou: – Sem nenhuma demora.

²⁵ Solenidade criada em memória dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo que ficaram em jejum preparando-se para a pregação do evangelho. Começa na segunda segunda-feira após o Pentecostes e termina no dia Pedro e São Paulo em 29 de junho (12 de julho no calendário juliano). (N. da T.)

– E daí? Isso é uma boa idéia – observou mamãe –, apenas acho que você está se precipitando à toa.

– E como também desejo que nesse caso – prosseguiu Kharlov, erguendo ainda mais a voz – sejam observadas as leis e a devida ordem, então peço encarecidamente a seu filhinho, Dmítri Semiónovitch – pois a senhora eu não ousaria importunar –, peço apenas ao seu filhinho, Dmítri Semiónovitch, e ao meu parente Bitchkov encarrego o dever reto de presenciar uma ata formal e impecável e a entrada da posse de minhas duas filhas, Anna, a casada, e Evlâmpia, a solteira; essa ata tem de ser posta em prática depois de amanhã, ao meio-dia, na minha própria propriedade, Ieskov, também chamada Koziulkin, com a participação de funcionários e autoridades, que na verdade já foram convidados.

Martin Petróvitch mal terminou esse discurso que, é evidente, fora decorado e repetido, e com suspiros contínuos o interrompeu... Era como se lhe faltasse ar nos pulmões: seu rosto pálido tornou a enrubescer e ele enxugou o suor várias vezes.

– E você já redigiu a distinta ata? – perguntou mamãe. – Onde arranjou tempo para isso?

– Consegui... oh! Deixando de beber e de comer...

– Você mesmo escreveu?

– Volodka... oh! ajudou.

– E entregou o requerimento?

– Entreguei e a câmara aprovou, foi ordenado tanto pelo tribunal da província como pela divisão temporária do tribunal do zemstvo²⁶... oh!.. foi despachado para deferimento.

Mamãe sorriu.

– Vejo que você, Martin Petróvitch, já providenciou tudo como se deve, e tão depressa! Parece que não poupou dinheiro?

– Não poupei, senhora!

²⁶ Sistema de administração local vigente de 1864 a 1918, referente a assuntos como vias de comunicação e trânsito, comércio, assistência médica e educação. (N. da T.)

– Isso mesmo! Mas diz que deseja aconselhar-se comigo. Pois bem, deixe que Mitienka²⁷ vá; mandarei também o Suvenir com ele e direi ao Kvitsinski... E você não convidou Gavril Fiedulitch?

– Gavril Fiedulitch... senhor Jitkov... também... foi avisado por mim. Como cabe a um noivo!

Pelo visto Martin Petróvitch esgotara todo o seu estoque de eloquência. Além disso, sempre me pareceu que ele não tinha muita simpatia pelo noivo arranjado por mamãe; talvez esperasse um partido mais vantajoso para a sua Evlâmpiochka.

Ele se levantou da cadeira e fez uma grande medida.

– Grato pelo consentimento!

– Aonde vai então? – perguntou mamãe. – Sente-se, mandarei servir um aperitivo.

– Fico muito contente – respondeu Kharlov. – Mas não posso... Oh! Preciso ir para casa.

Afastou-se e fez menção de passar pela porta de lado, como era seu costume.

– Espere, espere – continuou mamãe –, então entregará às suas filhas toda a sua propriedade, sem ressalvas?

– Com certeza, sem ressalvas.

– Então, e você mesmo... onde irá morar?

Kharlov até agitou as mãos.

– Como, onde? Em minha casa, onde moro até *agorinha*... e daqui em diante. Como poderia ser diferente?

– E confia tanto assim em suas filhas e em seu genro?

– A senhora diz isso por causa de Volodka? Por causa deste trapo? Pois eu o empurro para onde quiser, para cá, para lá... Que poder tem ele? E elas, isto é, as filhas, hão de me dar de comer, de beber, de me vestir e calçar... Perdão! É a primeira obrigação delas! Irei aborrecê-las por pouco tempo. A morte logo estará sobre meus ombros.

²⁷ Diminutivo de Dmítri. (N. da T.)

– A morte está nas mãos de Deus – observou mamãe –, mas a obrigação, de fato, é delas. Você me desculpe, Martin Petróvitch, mas a sua mais velha, Anna, é de uma arrogância notória, já segunda tem um olhar de lobo.

– Natália Nikoláievna! – interrompeu Kharlov – O que a senhora está dizendo?.. Como se elas... As minhas filhas... Como se eu... Pudessem faltar com a obediência? Foram elas mesmas, em sonho... Opor-se? A quem? Ao pai?.. Ousariam? E a maldição sobre ela não seria longa? Passaram a vida inteira tementes e submissas e de repente... Senhor!

Kharlov pôs-se a tossir e a grunhir.

– Ora, está bem, está bem – mamãe apressou-se em acalmá-lo –, mas ainda assim não compreendo por que inventou *agora* de dividir entre elas? De qualquer maneira, haveriam de ficar com tudo. Acho que tudo isso é por causa da sua melancolia.

– Ora, mamãe! – retrucou Kharlov não sem irritação –, lá vem a senhora com a sua melancolia! Nisso deve haver uma força maior, mas para a senhora: é melancolia. Pelo fato, senhora, de eu em pessoa ter inventado, ainda “vivinho”, de querer decidir por mim mesmo quem vai possuir o que e que recompensa darei a quem, para que ele possua, sinta gratidão, e cumpra o que o pai e benfeitor determinou por sua grande bondade...

A voz de Kharlov tornou a se interromper.

– Pois então basta, basta, meu caro – interrompeu-o mamãe –, senão o potro murzelo haverá mesmo de aparecer.

– Oh, Natália Nikoláievna, não me fale dele! – gemeu Kharlov. – É a minha morte que vem atrás de mim. Deus me perdoe. Quanto ao senhor, terei a honra de esperá-lo depois de amanhã!

Martin Petróvitch saiu; mamãe o seguiu com o olhar e meneou a cabeça de modo expressivo.

– Isso não é bom – sussurrou ela –, não é bom. Você notou – dirigiu-se a mim – que ele fala como que apertando os olhos por causa do sol; pois saiba que isso é um mau sinal. Um homem assim carrega um peso no

coração e a desgraça o ameaça. Vá depois de amanhã com Vikenti Ossípovitch e Suvenir.

XI

No dia determinado, a grande carruagem de quatro lugares da família, atrelada a seis cavalos baios e com o “cocheiro-chefe” principal, o corpulento e de barba grisalha Aleksiéitch, na boleia, aproximou-se suavemente do terraço de entrada de nossa casa. A importância da ata à qual Kharlov tencionava colocar em vigor e a solenidade com a qual nos convidou fizeram efeito em minha mãe. Ela emitiu uma ordem para preparar justamente essa equipagem extraordinária e mandou que Suvenir e eu nos vestíssemos como nos feriados: pelo visto, queria honrar seu “protégé”²⁸. Kvitsinski sempre usava casaca e gravata branca. Durante todo o caminho, Suvenir tagarelou, deu risadinhas, refletiu se o irmãozinho lhe concederia alguma coisa e então o chamou de besta e de kikimora²⁹. Kvitsinski, um homem carrancudo e colérico, por fim não resistiu. “E esse seu gosto – começou a falar com seu distinto sotaque polonês – de matraquear todo esse despropósito? Será possível que não pode sentar-se tranquilamente, sem esses “disparates” (sua frase preferida) “a ninguém necessários?” – “Pois bem, agoga.” – murmurou Suvenir com desgosto e cravou os olhos vinhos na janelinha. Haviam se passados uns quinze minutos, os cavalos iam a trote regular e mal começaram a suar sob os novos arreios finos de couro quando surgiu a propriedade de Kharlov. Nossa carruagem entrou no pátio pelos portões abertos de par em par; o minúsculo boleiro, cujas pernas mal alcançavam a metade do corpo do cavalo, saltou pela última vez na sela estofada com um gemido pueril, os cotovelos do velho Aleksiéitch ao mesmo tempo alongaram-se e soergueram-se – ouviram-se breves “eia” e nós paramos. Os cachorros não vieram latindo nos encontrar, os meninos da criadagem, com camisas meio abertas na barriga grande, também haviam desaparecido em algum lugar. O genro de Kharlov nos

²⁸ Do francês, “protegido”. (N. da T.)

²⁹ Bruxa da mitologia eslava ligada aos afazeres domésticos. (N. da T.)

esperava na soleira da porta. Lembro-me de que me surpreendiam, sobretudo, as bétulas plantadas em ambos os lados do terraço de entrada, como se fosse dia de Pentecostes. “A solenidade das solenidades!” – cantou Suvenir pelo nariz, apeando primeiro da carruagem. Realmente via-se solenidade em tudo. O genro de Kharlov usava uma gravata plissada com um laço de cetim e uma casaca preta extremamente apertada; de trás de suas costas emergia Maksimka, cujos cabelos pingavam de tanto que haviam sido molhados com kvas³⁰. Entramos na sala de estar e avistamos Martin Petróvitch, imóvel e imponente – de fato imponente – no meio do aposento. Não sei o que sentiram Suvenir e Kvitsinski diante da visão de sua figura colossal, mas eu senti algo semelhante à devoção. Martin Petróvitch vestia um capote cossaco cinza de gola alta, preta, provavelmente de quando fora voluntário em 1812, vislumbrava-se uma medalha de bronze em seu peito, a espada pendia ao lado; a mão esquerda estava pousada no cabo e a direita apoiada na mesa coberta com um feltro vermelho. Havia duas folhas de papel escritas sobre essa mesa. Kharlov não se mexia nem ofegava; e que seriedade sua postura refletia, que confiança em si mesmo, em seu absoluto e incontestável poder! Ele mal respondeu ao nosso aceno de cabeça e, com a voz rouca, proferiu: “Por favor!” e apontou com o indicador da mão esquerda em direção às cadeiras postas ao lado. Na parede direita da sala de estar estavam ambas as filhas de Kharlov enfeitadas como aos domingos: Anna usava um vestido verde e lilás com uma faixa de cetim amarela; Evlâmpia vestia um rosa com fitas de cor vermelho-vivo. Jitkov se sobressaía ao lado delas usando uma farda nova, com a habitual expressão obtusa de ávida expectativa nos olhos e o costumeiro suor abundante no rosto peludo. Na parede direita da sala de estar estava um padre de batina surrada cor de tabaco, era um homem velho de cabelos ásperos castanho-acinzentados. Esses cabelos eram sem brilho, os olhos baços e as mãos grandes e calejadas, que pareciam um peso e um fardo para ele, como montões sobre os joelhos, e as botas alcatroadas espiando sob a batina – sempre testemunhando o trabalho, a vida infeliz: sua paróquia era muito

³⁰ Refresco fermentado de pão de centeio. (N.da T.)

pobre. A seu lado achava-se um isprávník³¹ gordinho e pálido, um senhorzinho desmazelado, com braços e pernas curtos e gorduchos, de olhos pretos, bigode preto aparado, e um sorriso constante e alegre, embora mau, no rosto: era conhecido por ser um grande corrupto e até tirano, como diziam naquele tempo; não apenas os senhores de terras, mas até os camponeses estavam familiarizados e gostavam dele. Olhava ao redor sem nenhum constrangimento e um tanto zombeteiro: era evidente que todo esse “procedimento” o divertia. Na verdade, ele estava interessado na entrada com vodca que se aproximava. Porém, havia um advogado sentado a seu lado, um homem magro, de rosto comprido, costeletas estreitas, que iam das orelhas até o nariz, como as de Aleksandr I, toda a sua alma demonstrava empenho às disposições de Martin Petróvitch e dele não despregava seus olhos grandes e sérios: movia e mexia os lábios sempre com atenção e interesse redobrados, sem, no entanto, descerrá-los. Suvenir instalou-se ao lado dele e cochichava, notificando-me antes que esse era o primeiro maçom da província. A divisão temporária do tribunal do zemstvo consiste, como se sabe, em um isprávník, um advogado e um stanovói³²; mas o stanovói, ou de fato não estava presente, ou ficara em segundo plano, de modo que não o notei; aliás, em nossa província ele carregava a alcunha de “sem importância”. Sentei-me ao lado de Suvenir, e Kvitsinski a meu lado. No rosto prático do polaco se estampava uma nítida irritação pela “a ninguém necessária” viagem, um desperdício de tempo... “Senhora! Fantasias aristocráticas russas! – parecia cochichar para si mesmo... – Ah, esses russos!”

XII

Quando todos sentaram, Martin Petróvitch ergueu os ombros, soltou um grasnido, lançou-nos um olhar com seus olhinhos de urso e, com um suspiro ruidoso, começou dessa maneira:

³¹ Comissário da Polícia nos concelhos e presidente do tribunal do zemstvo. (N.da T.)

³² Chefe da Polícia nos concelhos da Rússia de então. (N. da T.)

– Prezados senhores! Convidei-os para a seguinte ocasião. Estou ficando velho, meus senhores, a fraqueza me abatendo... E já fui advertido de que a hora da morte se aproxima como um ladrão à noite... Não é assim, reverendo? – dirigiu-se ao padre.

O reverendo agitou-se.

– Assim, assim – murmurou ele sacudindo a barba.

– E por isso – continuou Martin Petróvitch levantando a voz de repente –, não querendo que essa minha morte me apanhasse de surpresa, coloquei isso na cabeça... – Martin Petróvitch repetiu palavra por palavra a frase que ele, dois dias antes, pronunciara a mamãe. – Em virtude dessa minha decisão – gritou ele ainda mais alto –, essa ata (e bateu com a mão nos papéis que estavam sobre a mesa) por mim redigida, e testemunhada pelas autoridades constituídas convidadas, consiste no meu desejo que são os pontos que seguem. Reinei, agora basta!

Martin Petróvitch colocou os óculos redondos de ferro sobre o nariz, pegou uma das folhas escritas da mesa e começou:

– A distinta ata sobre a herdade do cadete-baioneta reformado e nobre de nascimento, Martin Petróvitch, redigida por ele mesmo em plena e sã consciência e bom julgamento, na qual determina com precisão quais terras concede às suas duas filhas, Anna e Evlâmpia (cumprimentem! – elas fizeram uma reverência), e quais servos e demais bens e viventes divide entre as mencionadas filhas! Pela mão do poder.

– Desejam ler esse pedacinho de papel – cochichou o isprávník para Kvitsinski com seu sorrisinho constante – pela beleza das sílabas, enquanto a ata legítima foi redigida como se deve, sem esses floreios.

Suvenir começou a dar risadinhas...

– De acordo com a minha vontade! – interveio Kharlov, de quem a observação do isprávník não passou despercebida.

– De acordo com todos os pontos – respondeu aquele apressadamente e com alegria –, apenas a forma, o senhor sabe, Martin Petróvitch, não há meios de contornar. E os detalhes supérfluos são eliminados. Porque vacas malhadas e patos turcos de modo algum podem entrar na Câmara.

– Venha aqui, você! – gritou Kharlov ao genro que entrara no aposento atrás de nós e estava parado junto às filhas com um aspecto servil. Ele se aproximou do sogro de um salto no mesmo instante.

– Vamos, pegue e leia! É difícil para mim. Apenas olhe, não amasse! Para que todos os senhores presentes possam examinar.

Sliótkin pegou a folha com ambas as mãos, trêmulas, porém firmes, e se pôs a ler a distinta ata com gosto e sentimento. Nela estava assinalado com o maior esmero o que exatamente era deixado para Anna e o que era para Evlâmpia e como a elas sucederia a divisão. De tempos em tempos, Kharlov interrompia a leitura com as palavras: “Ouça, isto é para você, Anna, por seu zelo!” – ou: “Isto é para você, Evlâmpiochka, querida!” – e ambas as irmãs saudavam, Anna em profunda reverência e Evlâmpia com um aceno de cabeça. Kharlov as contemplava com uma seriedade sombria. “A casa de quinta (a casa nova dos fundos) foi entregue a Evlâmpia – como filha mais nova, pela tradição secular”. A voz do leitor ressoou e tremeu ao pronunciar estas palavras desagradáveis para ele, enquanto Jitkov lambia-se. Evlâmpia olhava-o de soslaio: eu não teria gostado desse olhar se estivesse no lugar de Jitkov. A expressão desdenhosa no rosto, própria de Evlâmpia, como toda beldade russa autêntica, dessa vez trazia um matiz especial. Martin Petróvitch reservou a si próprio o direito de continuar ocupando seus aposentos e atribuiu a si, sob a alcunha de “opritchnik”³³, total manutenção de “provisões naturais” e dez rublos por mês para roupa e calçado. Kharlov quis ler ele mesmo a última frase da distinta ata. “Essa é a minha vontade de pai – dizia ela –, a qual minhas filhas devem cumprir e observar de maneira sagrada e inviolável, como a um mandamento, pois a mim, seu pai e chefe, depois de Deus, e a ninguém mais devem prestar contas, nem dar ou dever; e farão a minha vontade se cumprir, e então minha benção paterna estará com elas, e se não fizerem minha vontade se cumprir, que Deus nos livre, minha maldição paterna e irrevogável recairá sobre elas, agora e para todo o sempre, amém!” Kharlov ergueu a folha bem alto sobre sua cabeça, Anna caiu de joelhos e bateu a testa no chão

³³ Elemento da guarda de Ivan, o Terrível. (N. da T.)

rapidamente no mesmo instante; seu marido deu uma cambalhota atrás dela. “Então, e você?” – voltou-se Kharlov a Evlâmpia. Esta se ruborizou inteira e também se inclinou ao chão; Jitkov curvou todo o corpo para a frente.

– Assinem! – exclamou Kharlov apontando com o dedo o final da folha. – Aqui: agradeço e aceito, Anna! Agradeço e aceito, Evlâmpia!

Ambas as filhas levantaram-se e assinaram uma após a outra. Sliótkin também se levantou e pegou na pena, mas Kharlov afastou-o metendo o dedo médio em sua gravata de tal forma que ele engasgou. Houve um minuto de silêncio. De repente, Martin Petróvitch como que soluçou e murmurou: “Bem, agora é tudo de vocês!”, e foi para um lado. As filhas e o genro se entreolharam, se aproximaram dele e se puseram a beijá-lo acima dos cotovelos, pois não conseguiam alcançar os ombros.

XIII

O isprávník leu a ata formal e verdadeira, uma escritura de doação redigida por Martin Petróvitch. Em seguida saiu para o terraço de entrada junto com o advogado e, reunindo os vizinhos, as testemunhas, os camponeses de Kharlov e alguns criados junto ao portão, anunciou o evento que fora realizado. Teve início a entrada da posse das duas novas senhoras de terras que também surgiram no terraço de entrada, e para as quais o isprávník apontou com a mão, franzindo ligeiramente uma sobrancelha, o que deu de relance um aspecto terrível a seu rosto quando ele exortava aos camponeses sobre a “resignação”. Ele poderia passar sem essas admoestações: fisionomia mais tranqüila do que a dos camponeses de Kharlov, acredito eu, não existe na natureza. Vestindo casacos gastos e sobretudos rotos, mas extremamente apertados com cintos, como sempre era de praxe em ocasiões solenes, eles permaneciam imóveis como pedras, e assim que o isprávník emitia interjeições semelhantes a: “Ouçam, demônios! Entendem, diabos!” curvavam-se todos de repente como que a um comando; cada um dos “demônios e diabos” segurava com força o gorro com ambas as

mãos e não despregavam os olhos da janela na qual se vislumbra a figura de Martin Petróvitch. Até mesmo as testemunhas se intimidavam um pouco.

– Vocês conhecem algum obstáculo – gritou o isprávník para eles – para a entrada da posse das filhas únicas e legítimas de Martin Petróvitch?

Todas as testemunhas como que encolheram no mesmo instante.

– Conhecem, demônios? – tornou a gritar o isprávník.

– Não conhecemos nenhum, vossa excelência – respondeu com coragem um velhinho bexiguento com a barba e o bigode aparados, um soldado reformado.

– É isso mesmo, valente Ieriemeitch! – disseram as testemunhas exaltadas.

A despeito do pedido do isprávník, Kharlov não quis sair com as filhas no terraço de entrada. “Meus súditos não precisam disso para se submeterem à minha vontade!” – respondeu. Para ele, a verdadeira ata tinha certa tristeza. Seu rosto tornou a empalidecer. Essa nova e singular expressão combinava tão pouco com as feições amplas e corpulentas de Martin Petróvitch que eu, decididamente, não sabia o que pensar! Seria uma nova crise de melancolia? Parece que os camponeses, por seu lado, também estavam perplexos. De fato: “O patrão ainda está vivo – e merece, ainda mais tal patrão: Martin Petróvitch!” E de repente não pode mais possuí-los... “É assombroso!” Não sei se foi imaginando que pensamentos vagueavam pela cabeça de seus “súditos”, ou se apenas querendo se ostentar pela última vez que Kharlov abriu de repente o postigo, colocou a cabeça na abertura e gritou com voz retumbante: “Obedeçam!” Em seguida fechou o postigo com estrondo. Os camponeses ficaram perplexos, depois disso se dispersaram, mas não ficaram menos tensos, é claro. Estavam ainda mais petrificados e até mesmo pararam de olhar. O grupo de criados (no meio deles se achavam duas moças robustas em vestidos de chita curtos e com panturrilhas semelhantes às que se vê em “O Juízo Final”, de Michelangelo, e ainda um velhinho decrépito com os cabelos brancos da velhice, um homem meio cego num capote militar frizado – ele, segundo os boatos, havia sido “tocadorzinho de trompa” –, e o menino criado Maksimka que Kharlov

tomou para si), esse grupo mostrava mais animação do que os camponeses; ao menos se mexia no lugar. As próprias novas proprietárias de terras se mantinham com ares de grande importância, em especial Anna. Com os lábios secos cerrados, olhava para baixo com obstinação... Sua figura severa não prometia muita bondade à criadagem. Evlâmpia também não erguia os olhos; virou-se apenas uma vez e, como que surpresa, lançou um olhar demorado a seu noivo Jitkov, que, atrás de Sliótkin, considerou necessário também comparecer no terraço de entrada. “Com que direito você vem aqui?” – pareciam dizer seus belos olhos saltados. Sliótkin era o mais transformado de todos. Um ânimo apressado se manifestava em todo o seu ser, como se um apetite o transpassasse; o movimento da cabeça e das pernas permanecia com o mesmo servilismo de antes, mas alisava as mãos com alegria e agitava os ombros com inquietação! “Enfim, então consegui!” Terminado o “procedimento” de entrada da posse, o isprávník, que já estava com água na boca com a aproximação do antepasto, esfregou as mãos da maneira especial que, como de hábito, precede o “primeiro trago do calicezinho”; mas verificou-se que Martin Petróvitch desejava antes rezar o Te Deum e as aspersões de água benta. O padre vestiu a casula velha e decrépita e o sacristão, mais morto do que vivo, saiu da cozinha com dificuldade, assoprando um incenso num candelabro velho de cobre. Teve início o Te Deum. Kharlov volta e meia suspirava; não podia fazer uma reverência muito profunda, pois era obeso, mas, se persignando com a mão direita e inclinando a cabeça, apontava com o dedo da mão esquerda para o chão. Sliótkin resplandecia e até derramou algumas lágrimas; com nobreza e marcialidade, Jitkov agitava um pouco os dedos entre o terceiro e quarto botões do uniforme; como era católico, Kvitsinski permaneceu no cômodo; o advogado, em compensação, rezava com empenho, suspirava com devoção atrás de Martin Petróvitch e murmurava e movia os lábios com zelo, elevando os olhos com pesar, de tal forma que eu fiquei comovido ao observá-lo e comecei também a suspirar com ardor. Terminado o Te Deum e as aspersões de água benta, sendo que todos os presentes, desde o “tocadorzinho de trompa” cego do Potiómkin até Kvitsinski, molharam os

olhos com a água benta e, por ordem de Martin Petróvitch, Anna e Evlâmpia prostraram-se no chão para agradecer-lhe mais uma vez; e enfim veio a hora do almoço. Havia muitos pratos, e todos saborosos, fartamo-nos terrivelmente. Surgiu uma inevitável garrafa de Donskoi³⁴. O isprávník foi o primeiro a brindar pela saúde das “adoráveis proprietárias!”, pois era o mais familiarizado entre nós com os costumes mundanos, e também como representante das autoridades. Em seguida propôs ainda que bebêssemos à saúde de nosso mui venerável e magnânimo Martin Petróvitch! Ao ouvir a palavra “magnânimo”, Sliótkin soltou um gritinho agudo e correu para beijar seu benfeitor... “Então, bem, bem, não é preciso” – resmungou Kharlov afastando-o com o cotovelo, como que por despeito... E nesse momento aconteceu, como dizem, uma passagem desagradável.

XIV

A saber: Suvenir, que desde o início do almoço estava bebendo sem parar, se levantou bruscamente da cadeira, vermelho como uma beterraba e, apontando o dedo para Martin Petróvitch, caiu em sua risada má e frouxa.

– Magnânimo! Magnânimo! – tagarelou ele. – Mas então veremos se essa generosidade será de seu gosto quando ele, o servo de Deus, estiver com as costas desnudas... e na neve!

– Que mentira é essa? Tolo! – proferiu Kharlov com desprezo.

– Tolo! Tolo! – repetiu Suvenir. – Só o Deus Todo-Poderoso sabe qual de nós dois é o verdadeiro tolo. Mas o senhor, meu caro, matou minha irmãzinha, sua esposa – e então agora destruirá a si mesmo... Ha-ha-ha!

– Como se atreve a insultar nosso venerável benfeitor? – choramingou Sliótkin e, se desprendendo dos ombros de Martin Petróvitch, se atirou sobre Suvenir. – Mas o senhor sabe que, se assim desejar nosso benfeitor, podemos cancelar essa ata neste mesmo instante?..

– E ainda assim você estará com as costas desnudas – na neve... – insinuou Suvenir desaparecendo atrás de Kvitsinski.

³⁴Cidade da região de Tula. (N. da T.)

– Cale-se! – trovejou Kharlov. – Vou bater em você e ficará todo quebrado bem aí onde está. Sim, e você vai calar a boca, cachorro! – dirigiu-se ele a Suvenir – não se meta onde não é chamado! Se eu, Martin Petróvitch Kharlov, decidi redigir uma distinta ata, quem então poderá cancelar? Irão contra a minha vontade? Não há no mundo tal poder...

– Martin Petróvitch! – de repente começou a falar o advogado em voz baixa e suave; ele também havia bebido muito, mas isso apenas aumentava sua seriedade. – Bem, como o senhor proprietário de terras disse a verdade! O negócio que o senhor realizou é grandioso, bem, que Deus conserve, mas, de fato... fazem tamanha afronta em vez da devida gratidão?

Olhei furtivamente para as duas filhas de Martin Petróvitch. Anna tinha os olhos cravados no orador de forma, é claro, cruel, venenosa e mesmo maldosa, tinha o rosto tão belo como eu jamais vira! Evlâmpia virou-se e cruzou os braços; um sorriso mais desdenhoso do que nunca curvou seus lábios cheios e rosados.

Kharlov se levantou da cadeira e abriu a boca, mas era visível que sua língua o traía... De repente deu um soco na mesa de modo que tudo no aposento tremeu e tiniu.

– Paizinho – disse Anna às pressas –, eles não nos conhecem e por isso nos julgam assim; mas o senhor tenha a bondade de não se ofender. O senhor fica zangado à toa; veja como ficou com o rosto contraído.

Kharlov olhou para Evlâmpia; ela não se moveu, ainda que Jitkov, sentado a seu lado, lhe desse empurrões nas costelas.

– Eu a agradeço, minha filha Anna – disse Kharlov com voz surda –, você é razoável; confio em você e também em seu marido. – Sliótkin deu mais um gritinho; Jitkov estufou o peito e bateu de leve os pés; mas Kharlov não notou seus esforços. – Esse vagabundo – prosseguiu ele apontando com o queixo para Suvenir – tem prazer em me provocar; e para você, meu prezado senhor – dirigiu-se ao advogado –, vir a julgar Martin Petróvitch, esse conceito ainda não foi atingido. O senhor é um funcionário público, mas seu discurso é absurdo. Além disso, o negócio está feito, minha decisão não será revogada... Bem, felicidades! Vou-me embora. Aqui não sou mais o senhor,

sou convidado. Anna, cuide, como já sabe; e eu vou para o meu gabinete. Basta!

Martin Petróvitch virou-nos as costas e, sem acrescentar mais nenhuma palavra, saiu lentamente do aposento.

A saída repentina do anfitrião não poderia deixar de abalar nossa companhia, ainda mais porque ambas as donas da casa também desapareceram pouco tempo depois. Sliótkin em vão tentou nos deter. O isprávník não perdeu a oportunidade de censurar o advogado por sua franqueza inoportuna.

– Não é possível! – respondeu este – A consciência começou a falar!

– Mas é evidente que é um maçon – sussurrou Suvenir para mim.

– A consciência! – retrucou o isprávník – Conhecemos a consciência do senhor! Reside, por certo, em seu bolso, da mesma forma como acontece conosco, pecadores!

O padre, por sua vez, já estava em pé, mas não parava de levar pedaço por pedaço à boca, na expectativa do fim iminente da refeição.

– E o senhor, estou vendo, tem um grande apetite – observou Sliótkin com rispidez.

– Para o caso de necessidade – respondeu o padre com uma careta humilde; ouvia-se uma fome arraigada nesta resposta.

As equipagens começaram a sacolejar... e nos retiramos.

No caminho de volta, Suvenir não incomodou ninguém fazendo caretas e dizendo asneiras, todas essas indecências “a ninguém necessárias” das quais Kvitsinski havia anunciado que estava farto e, por isso, fora para casa a pé antes de nós. Jitkov sentou-se em seu lugar conosco na carruagem; o major reformado tinha o semblante muito triste e volta e meia tremia-lhe o bigode como uma barata.

– Bem, vossa excelência – murmurou Suvenir –, sabe que a submissão foi arruinada? Espere e verá! Vão lhe passar um sermão! Ah, você, noivinho, noivinho, noivinho de meia tigela!

Suvenir estava fora de si; enquanto o bigode do pobre Jitkov só fazia tremer.

Chegando em casa, contei a minha mãe tudo o que havia visto. Ela me ouviu até o final e balançou a cabeça algumas vezes.

– Isso não é bom – proferiu ela – essas novidades todas não me agradam!

XV

No dia seguinte, Martin Petróvitch veio para o almoço. Mamãe felicitou-o pela conclusão bem sucedida do negócio que havia empreendido.

– Agora você é um homem livre – disse ela – e deve se sentir mais leve.

– Mais leve, senhora – respondeu Martin Petróvitch, a expressão de seu rosto no entanto, não demonstrava que ele de fato estivesse mais leve. – Agora posso meditar sobre minha alma e me preparar para a hora da morte que se aproxima.

– E aquele formigamento – perguntou mamãe – que tinha nas mãos?

Kharlov abriu e fechou a mão esquerda duas vezes.

– Ainda tenho, senhora; e digo mais: quando começo a adormecer, alguém grita na minha cabeça: “Cuidado! Cuidado!”

– Isso... são os nervos – observou mamãe e se pôs a falar sobre o dia anterior aludindo a certas circunstâncias que se seguiram à realização da distinta ata...

– Bem, sim, sim – interrompeu-a Kharlov – aconteceram algumas coisas... sem importância. Digo-lhe apenas isto – acrescentou pausadamente. – As palavras vazias de Suvenir não me incomodaram ontem; até mesmo o senhor advogado, apesar de ser um homem sensato, não me perturbou, mas ela, sim, me perturbou... – Aqui Kharlov titubeou.

– Quem? – perguntou mamãe.

Kharlov ergueu os olhos para ela.

– Evlâmpia!

– Evlâmpia? Sua filha? Como foi isso?

– Perdão, senhora – é como se fosse uma pedra! Imóvel como uma estátua! Será que não tem sentimentos? A sua irmã, Anna – bem, essa agiu como devia. Essa é refinada! Mas Evlâmpia – pois eu a ela –, é preciso confessar! – dei muita preferência! Será que não tem pena de mim? Pois me faz mal, então sinto que não sou desta terra, se renuncio a todos eles; e é como se fosse uma pedra! Se ao menos emitisse algum som! Se curva, se curva, mas gratidão não se vê.

– Mas espere – observou mamãe –, nós a casaremos com Gavril Fiedulitch... haverá de ficar mais suave com ele.

Martin Petróvitch tornou a olhar de soslaio para mamãe.

– Bem, há o Gavril Fiedulitch, pode ser! Parece que confia nele, senhora.

– Confio.

– Pois bem, a senhora deve saber melhor. Quanto a Evlâmpia, aviso: o que eu tenho e o que ela tem: é a mesma coisa. O sangue cossaco – e o coração como brasa ardente!

– Mas será que você tem um coração assim, meu caro?

Kharlov não respondeu. Houve um breve silêncio.

– De que modo então você, Martin Petróvitch – começou mamãe –, tenciona salvar sua alma? Irá para Mitrofanía ou Kiev? Ou, quem sabe, para aquele Mosteiro de Optina que fica na vizinhança? Lá, dizem, foi revelado um monge tão santo... se chama padre Macário e ninguém se lembra de alguém como ele! Vê todos os pecados de ponta a ponta.

– Se ela realmente se mostra uma filha ingrata – murmurou Kharlov com voz rouca –, então parece que o melhor para mim seria matá-la com minhas próprias mãos!

– Ora! Não diga isso! Que o Senhor esteja contigo! Volte a si! – gritou mamãe. – Por que diz tais coisas? Mas veja só! Você devia ter me escutado no outro dia quando veio se aconselhar! E agora vai ficar se torturando – em vez de meditar sobre a sua alma! Vai ficar se torturando, e não vai alcançar o próprio cotovelo! Sim! E, agora, está você aí reclamando, se acovardando...

Essa censura pareceu esfaquear o coração de Kharlov. Todo o seu orgulho de antes caiu sobre ele como uma onda. Ele sacudiu e ergueu o queixo para a frente.

– Não sou esse homem, Natália Nikolaiévna, que reclama ou se acovarda – começou ele sombriamente. – Apenas quis revelar meus sentimentos à senhora como minha benfeitora e pessoa respeitável. Mas o Senhor Deus sabe (nisso ele ergueu a mão acima da cabeça) que é mais fácil a Terra se despedaçar do que eu renunciar à minha palavra, ou... (nisso ele até bufou) ou me acovardar, ou me arrepender do que fiz! Pois tive meus motivos! E minhas filhas não devem faltar à obediência, para todo o sempre, amém!

Mamãe tapou os ouvidos.

– O que é isso, meu caro, soa como uma trombeta! Se você realmente confia em todos da sua casa, então, louvado seja Deus! Você fez todos os meus miolos explodirem!

Martin Petróvitch se desculpou, suspirou umas duas vezes e se calou. Mamãe tornou a mencionar Kiev, o Mosteiro de Optina e o padre Macário... Kharlov concordou dizendo que “é preciso, é preciso... será necessário... sobre a alma...” e só. Não se alegrou até a hora de sua partida; de tempos em tempos abria e fechava a mão, olhava para sua palma, dizia que, para ele, o mais terrível seria morrer sem confissão, de um colapso, e fez uma promessa para si mesmo: não se irritar, pois assim o sangue do coração apodrece e sobe para a cabeça... Além do mais, ele agora se afastara de tudo; por que diabos haveria de se irritar? Agora deixe que os outros trabalhem e estraguem o sangue!

Ao se despedir de mamãe, olhou para ela de forma estranha: pensativa e interrogadora... e, de repente, com um movimento rápido, tirou do bolso o volume de “A trabalhadora descansando” e colocou-o nas mãos de mamãe:

– O que é isso? – perguntou ela.

– Leia... bem aqui – proferiu ele às pressas – onde está o cantinho dobrado, sobre a morte. Parece-me que está muito bem contado, mas não

posso compreender de modo algum. A senhora poderá me explicar bem explicado, benfeitora? Então voltarei e a senhora me explicará.

Com estas palavras, Martin Petróvitch saiu.

– Isso é ruim! Sim, muito ruim! – disse mamãe, que assim que ele desapareceu pela porta se pôs a ler o “A trabalhadora”:

Na página marcada por Kharlov havia as seguintes palavras:

“A morte é um trabalho grandioso e solene da natureza. Ela nada mais é do que o espírito na medida em que é mais leve, mais fino e infinitamente mais penetrante do que aqueles os a quem foi dado o domínio e a própria força elétrica, que foi quimicamente purificada e precipita-se até que não sinta um lugar igualmente espiritual para si... e etc.³⁵

Mamãe leu essa passagem umas duas vezes e exclamou: “Credo!” – e jogou o livro de lado.

Três dias depois, recebeu a notícia de que o marido de sua irmã morrera e partiu para a sua aldeia levando-me junto. Mamãe pretendia passar um mês com ela, mas permaneceu até o final do outono – e retornamos para nossa aldeia apenas no fim de setembro.

XVI

A primeira notícia com que meu criado Prokofi me recebeu (ele também era tido como caçador senhorial) foi a de que um não acabar mais de galinhas voava e como que fervilhavam, sobretudo no bosque de bétulas próximo a Ieskov (a propriedade de Kharlov). Ainda faltavam três horas para o almoço; no mesmo instante apanhei a espingarda e a bolsa de caça e corri para o bosque de Ieskov junto com Prokofi e uma cadela perdigueira. De fato, nele encontramos um monte de galinhas – e, disparando cerca de trinta projéteis, matamos cinco. Apressando-me com a presa para casa, avistei um mujique que arava próximo à estrada. Seu cavalo tinha parado e ele, choroso e com raiva, xingava e puxava sem piedade as rédeas de corda na cabeça, que se curvava de lado. Observei esse rocinante infeliz, cujas

³⁵ “A trabalhadora descansando”, 1785, Tomo III. Moscou. (N. do A.)

costelas quase saltavam para fora, e também seus flancos encharcados arfando a custo e convulsivamente como foles ruins – e no mesmo instante reconheci nele a égua mirrada com uma cicatriz no ombro que por tantos anos servira Martin Petróvitch.

– O senhor Kharlov está vivo? – perguntei a Prokofi. A caçada nos absorvera tão “completamente” que até aquele momento não havíamos conversado sobre qualquer outra coisa.

– Sim, senhor. Por quê?

– Esse é mesmo o seu cavalo? Será que ele o vendeu?

– Sim, de fato, é o seu cavalo, senhor; mas vender, ele nunca vendeu; pegaram para eles e deram para esse mujique.

– Como assim, pegaram? E ele consentiu?

– Não pediram seu consentimento, senhor. As coisas saíram de ordem aqui sem os senhores – proferiu Prokofi com um leve sorrisinho em resposta ao meu olhar surpreso –, uma desgraça! Meu Deus! Agora o senhor Sliótkin administra tudo.

– E Martin Petróvitch?

– E o próprio Martin Petróvitch tornou-se a última pessoa aqui. Pratica a xerofagia³⁶ – o que mais? Deram cabo dele completamente. Espere e veja, vão correr com ele de casa.

A idéia de que seria possível por a *correr* um tal gigante de maneira alguma me entrava na cabeça

– E Jitkov administra o quê? – perguntei por fim. – Casou mesmo com a segunda filha?

– Casou? – repetiu Prokofi, e desta vez sorriu de orelha a orelha. – Não deixarão que fique na casa. Não é preciso, dirão; volte para trás, dirão, como veio. A história é essa: Sliótkin manda em tudo.

– Mas e a noiva?

³⁶ Abstinência dos cristãos primitivos que durante a Quaresma comiam apenas alimentos secos ou não cozidos. (N. da T.)

– Evlâmpia Martínovna? Ah, patrão, eu lhe diria... mas o senhor é tão jovem – é isso. As coisas aqui acontecem de tal forma e... e... e! Eh! Mas Dianka, parece, está parada.

De fato, minha cadela parara de chofre em frente a um arbusto de carvalho espesso que terminava numa ravina estreita à beira da estrada. Prokofi e eu corremos até a cachorra: uma galinhola levantou vôo do arbusto. Nós dois atiramos nela e erramos; a galinhola havia mudado de lugar; nós partimos depois dela.

A sopa já estava na mesa quando retornei. Mamãe repreendeu-me. “O que é isso? – disse ela com desgosto. – Logo no primeiro dia se faz então esperar para o almoço”. Ergui as galinholas mortas: ela nem sequer olhou para elas. Além dela, no aposento se encontravam Suvenir, Kvitsinski e Jitkov. O major reformado estava encolhido num canto – era, sem tirar nem por, um colegial que cometera uma falta; a expressão de seu rosto era uma mistura de constrangimento e aborrecimento; seus olhos estavam vermelhos... Podia-se até imaginar que ele havia chorado pouco tempo antes. Mamãe permaneceu de mau humor; não fez muito esforço para adivinhar que minha chegada tardia não tinha a ver com isso. Durante o almoço, ela quase não conversou; de vez em quando o major lançava-lhe olhares queixosos, no entanto, comia bem; Suvenir se agitava; Kvitsinski conservava sua habitual postura firme.

– Vikenti Ossípytch³⁷ – dirigiu-se mamãe a ele –, peço-lhe que envie uma carruagem a Martin Petróvitch amanhã, já que fui informada de que ele não tem mais a sua; e mande dizer que venha sem falta, pois quero vê-lo.

Kvitsinski estava prestes a retrucar algo, mas se conteve.

– E faça Sliótkin saber – continuou mamãe – que eu ordeno que venha até mim... Ouviu bem? Or... de... no!

– É isso mesmo... aquele imprestável tem que... – começou Jitkov à meia voz; mas mamãe olhou-o com um desprezo tal que ele imediatamente se virou e ficou em silêncio.

– Ouviu bem? Eu ordeno! – repetiu mamãe.

³⁷ Corruptela do patronímico Ossípovitch. (N. da T.)

– Ouvi, senhora – proferiu Kvitsinski humildemente, mas com dignidade.

– Martin Petróvitch não virá! – sussurrou-me Suvenir ao sair comigo da sala de jantar após o almoço. – O senhor verá o que aconteceu com ele! É inacreditável! Acredito que ele não compreende nada do que lhe dizem. Sim! É mantido a rédea curta!

E Suvenir caiu em sua risada frouxa.

XVII

A previsão de Suvenir mostrou ser verdadeira. Martin Petróvitch não quis vir até mamãe. Ela não se deu por satisfeita e remeteu-lhe uma carta; ele enviou um papel quadrado a ela no qual estavam escritas as seguintes palavras em letras garrafais: “Não posso mesmo. A vergonha mata. Que o diabo me carregue. Obrigado. Não se atormente. Kharlov Martynko³⁸”. Sliótkin veio, não no dia em que mamãe “ordenara” que comparecesse, mas dois dias depois. Ela mandou que o conduzissem ao seu gabinete... Sabe Deus do que se tratou a conversa deles, mas ela não durou muito tempo: um quarto de hora, não mais. Sliótkin saiu de junto de mamãe todo vermelho e com uma expressão no rosto tão feroz, venenosa e insolente que, ao encontrá-lo na sala de estar, fiquei simplesmente estupefato, enquanto Suvenir, que havia se revirado, não terminou a risada que começara. Mamãe também saiu do gabinete com o rosto todo vermelho e anunciou em alto e bom som que o senhor Sliótkin sob pretexto algum seria admitido em sua presença; e se as filhas de Martin Petróvitch inventarem de aparecer – pois descaramento, disse, elas têm – também serão rejeitadas. Durante o almoço, de repente ela gritou: “Que judeuzinho imprestável! Eu o tirei da lama em que estava até as orelhas, eu o trouxe ao mundo, ele deve tudo, tudo a mim – e ainda ousa dizer que não devo me intrometer em seus negócios! Que Martin Petróvitch é caprichoso – e é impossível tolerá-lo. Tolerar! Mas como? Ah, menino ingrato! Judeuzinho detestável!” O major

³⁸ Diminutivo do nome Martin. (N. da T.)

Jitkov, que também se achava dentre os que almoçavam, imaginou que agora até mesmo Deus dizia-o para aproveitar a ocasião e entrar na conversa... mas mamãe refreou-o no mesmo instante: “Bem, já você é bom, meu caro! – disse ela. – Não soube arranjar-se com uma moça, mesmo sendo um oficial! Um comandante de regimento! Imagino se ela tivesse te ouvido! Pretendia ser administrador! Teria sido um bom administrador!”

Kvitsinski, sentado na ponta da mesa, sorriu para si mesmo não sem maldade, mas o pobre Jitkov apenas torcia os bigodes e erguia as sobrancelhas e enfiava todo o seu rosto peludo no guardanapo.

Após o almoço, ele saiu no terraço de entrada para fumar cachimbo, como de hábito – e assim pareceu-me tão infeliz e solitário que eu, apesar de não simpatizar com ele, sentei-me a seu lado.

– Então o seu caso, Gavril Fiedulytch – comecei sem mais delongas –, com Evlâmpia Martínovna foi desfeito? Achei que tivessem se casado há muito tempo.

O major reformado olhou para mim desconsolado.

– A víbora – começou ele, pronunciando cada letra de cada sílaba com um cuidado amargo –, seu agulhão feriu-me e toda a minha vida e esperanças viraram cinzas! E eu contaria ao senhor, Dmítri Semiónovitch, todas as artimanhas peçonhentas dele, mas temo irritar sua mãe! (“Você ainda é jovem” – passou-me pela cabeça a expressão de Prokofi.) Já que é assim...

Jitkov grasniu.

– Suportar... suportar... não resta mais nada! (Ele deu um soco no próprio peito.) Suporte, veterano, suporte! Servi ao tsar de corpo e alma... impecavelmente... sim! Não poupei sangue nem suor, mas agora eis no que me fiei! Se fosse no regimento e o caso dependesse de mim – continuou ele após um breve silêncio, chupando convulsivamente seu cachimbo de cerejeira –, então eu o... eu o atacaria com três golpes de espada... até fartar-me...

Jitkov tirou o cachimbo da boca e fitou o espaço como que admirando por dentro o quadro que havia evocado.

Suvenir se aproximou correndo e começou a importunar o major. Afastei-me para longe deles e decidi que iria ver Martin Petróvitch com meus próprios olhos a qualquer custo... Minha curiosidade de menino havia sido fortemente aguçada.

XVIII

No outro dia tornei a me dirigir ao bosque de Ieskov com a espingarda e a cadela, mas sem Prokofi. O dia estava maravilhoso: penso que, à exceção da Rússia, não há dias semelhantes a esse em nenhum lugar no mês de setembro. Um silêncio tal que era possível ouvir, a cem passos de distância, um esquilo saltando pelas folhas secas e um raminho solto de início se prendeu fracamente a outros ramos e caiu, por fim, na grama macia – caiu para sempre: ele não se mexeria mais até apodrecer. O ar não estava nem quente, nem fresco, apenas perfumado e como que azedo, e beliscava levemente os olhos e as bochechas; fina como um fio de seda, com um novelinho branco no meio, uma teia flutuava levemente e, grudando no cano da espingarda, se esticou reta no ar – um sinal de tempo quente constante! O sol brilhava com delicadeza, como se fosse a lua. As galinhas apareciam com bastante frequência; mas eu não prestava muita atenção nelas; eu sabia que o bosque chegava quase até a propriedade de Kharlov, até a própria cerca de seu jardim, e encaminhei-me nessa direção, embora não pudesse imaginar como me infiltraria na mesma e até duvidava se deveria empenhar-me em penetrar lá, já que minha mãe estava zangada com as novas proprietárias.

Sons de vida humana chegaram até mim numa distância não muito grande. Apurei os ouvidos... Alguém andava na floresta... justamente em minha direção.

– Você deveria ter dito assim – ouvi uma voz de mulher.

– Seja razoável! – interrompeu outra voz, uma voz de homem. – Será possível tudo de uma vez?

As vozes me eram familiares. Um vestido azul feminino rasgou-se ao passar por entre um arbusto de nozes; a seu lado mostrou-se um kaftan escuro. Mais um momento – e na clareira, há uns cinco passos de mim, saíram Sliótkin e Evlâmpia.

De repente, ficaram embaraçados. Evlâmpia recuou para trás do arbusto no mesmo instante. Sliótkin pensou – e se aproximou de mim. Em seu rosto já não se viam vestígios daquela humildade servil com a qual ele, cerca de quatro meses atrás, andava pelo quintal da casa de Kharlov gastando o bridão de meu cavalo; e aquele ar de desafio insolente eu não conseguia ler, desafio este no rosto que tanto me impressionara no dia anterior na soleira do gabinete de mamãe. Permanecia ainda com a mesma palidez e beleza, mas parecia sólido e amplo.

– E então, tem muitas galinhas voando? – perguntou-me ele erguendo o gorro, sorrindo e passando a mão pelos caracóis negros. – O senhor está caçando em nosso bosque... Seja bem-vindo! Nós não impedimos... ao contrário!

– Hoje não matei nada – disse eu respondendo à sua primeira pergunta –, mas estou saindo agora do seu bosque.

Sliótkin vestiu o gorro às pressas.

– Perdão, mas por quê? Não o estamos expulsando – e até ficamos muito satisfeitos... Aqui está Evlâmpia Martínovna que dirá isso. Evlâmpia Martínovna, venha até aqui, por favor! Onde se escondeu?

A cabeça de Evlâmpia apareceu por trás dos arbustos; mas ela não veio até nós. Estava ainda mais bonita do que ultimamente – e parecia mais alta e robusta.

– Devo reconhecer – continuou Sliótkin – que é até muito agradável me “encontrar” com o senhor. Apesar de ser ainda jovem, já tem verdadeiro juízo. Ontem sua mãe ficou zangada comigo – não quis aceitar nenhum dos meus motivos, mas eu, tanto perante Deus como perante o senhor, declaro: não sou culpado de nada. É impossível tratar Martin Petróvitch de outra maneira: ele voltou completamente à infância. Perdão, mas não se pode

atender a todos os seus caprichos. Mas prestamos a ele o devido respeito. Pergunte então a Evlâmpia Martínovna.

Evlâmpia não se mexeu; o habitual sorriso desdenhoso percorreu seus lábios – e seus belos olhos observavam com dureza.

– Mas então porque o senhor, Vladímir Vassílievitch, deu o cavalo de Martin Petróvitch? (Fiquei particularmente impressionado por aquele cavalo achar-se na posse de um mujique.)

– Porque o cavalo dele foi vendido, senhor? Mas tenha dó – ele prestava para quê? Apenas comia feno à toa. Mas com o mujique ele pode arar, apesar de tudo. E Martin Petróvitch – se inventar de ir para algum lugar – basta então pedir-nos. Não recusaremos uma equipagem a ele. Num feriado, com prazer!

– Vladímir Vassílievitch! – proferiu Evlâmpia com voz surda como que chamando-o e sempre sem sair do lugar. Ela torcia alguns talos de tanchagem com os dedos e arrancava-lhes as cabeças batendo uns contra os outros.

– E ainda acerca do moleque Maksim – disse Sliótkin –, Martin Petróvitch se queixa porque, diz, que nós o tiramos dele e o enviamos para ser aprendiz. Mas, por gentileza, veja o senhor mesmo: então, o que ficaria ele fazendo junto de Martin Petróvitch? Ficar na vida mansa: e mais nada. E trabalhar como se deve ele não pode – por causa de sua estupidez e pouca idade. Mas agora está tendo lições com o seleiro. E se tornará um bom mestre – isso lhe será muito proveitoso e nos pagará o obrok³⁹. E em nossa pequena herdade isso é muito importante, senhor! Em nossa pequena herdade não se deve negligenciar nada!

“E Martin Petróvitch chamou esse homem de trapo!” – pensei eu. – O que Martin Petróvitch anda lendo agora? – perguntei eu.

– O que ele está lendo? Havia um livro, mas ainda bem que foi extraviado para algum lugar... e para que ler na sua idade!

– Mas quem faz-lhe a barba? – perguntei ainda.

³⁹ Tributo pago aos latifundiários pelos camponeses da gleba. (N. da T.)

Sliótkin deu uma risada de aprovação como que em resposta a uma piada engraçada.

– Ora, ninguém. Primeiro ele chamuscava a barba numa vela – agora não cuida mais dela. E é admirável!

– Vladímir Vassílievitch! – repetiu Evlâmpia com insistência. – Vladímir Vassílievitch!

Sliótkin fez um sinal com a mão.

– Martin Petróvitch calça, veste e come o mesmo que nós; então o que mais lhe falta? Ele próprio afirmou que não deseja mais nada deste mundo, a não ser cuidar de sua alma. Embora ele tenha considerado que agora tudo, no fim das contas, é nosso. Disse também que não precisamos lhe dar mesada; se nem sempre temos dinheiro para nós mesmos; e para que, se tem tudo o que precisa para viver? Nós o tratamos como alguém da família; verdade seja dita. Os cômodos, por exemplo, que ele ocupa, nos são tão necessários! Sem eles simplesmente não dá para ir a lugar nenhum; e nós – não fazemos nada! – Suportamos. Pensamos até mesmo em como lhe proporcionar entretenimentos. Pois então no dia de São Pedro comprei-lhe ganchos óte-ótemos⁴⁰ na cidade – ingleses originais: ganchos caros! Para pescar à linha. Temos uma represa com carpas. E sentou para pescar! Ficou sentado por uma horinha ou mais – e cozinhou e preparou. Um passatempo adequado para os velhinhos!

– Vladímir Vassílievitch! – repetiu Evlâmpia em tom decidido pela terceira vez e atirou para longe de si os talos de erva que torcia nos dedos. – Eu estou indo! – seus olhos encontraram os meus. – Eu estou indo, Vladímir Vassílievitch! – repetiu ela e desapareceu atrás do arbusto.

– Já vou, Evlâmpia Martínovna, já vou! – gritou Sliótkin. – O próprio Martin Petróvitch agora nos aprova – continuou ele, tornando a se dirigir para mim. – No começo ficou ofendido, de fato, e até resmungou, no entanto, o senhor sabe, sem refletir: era um homem, se me permite lembrá-lo, irascível, severo – um horror! Bem, agora se tornou muito calmo. Pois percebeu que é para seu próprio proveito. Sua mãe – Deus meu! – como se

⁴⁰ Optamos por essa grafia da palavra “ótimo” para manter o erro existente no texto original em russo.

virou contra mim... É sabido: a senhora também tem apreço pelo poder, mas não tanto como Martin Petróvitch; bem, entre e veja o senhor mesmo – e, se houver ocasião, dê uma palavrinha. Realmente, reconheço a generosidade de Natália Nikolaiévna; mas também temos de viver.

– E como é que Jitkov foi rejeitado? – perguntei.

– O tal de Fiedulitch? Aquele idiota? – Sliótkin deu de ombros. – Perdão, mas para que ele poderia ser necessário? Passou a vida alistado entre os soldados e então agora inventou de se ocupar da propriedade. Eu, ele diz, posso endireitar os camponeses. Porque estou acostumado a bater na cara. Ele não pode fazer nada, senhor. E é preciso jeito para bater na cara. Mas a própria Evlâmpia o rejeitou. É uma pessoa muito inconveniente. Toda a nossa propriedade estaria perdida com ele!

– Adeus! – ouviu-se a voz sonora de Evlâmpia.

– Já vou! Já vou! – respondeu Sliótkin. Ele estendeu-me a mão; eu a apertei, ainda que a contragosto.

– Perdoe-me, Dmítri Semiónovitch – disse Sliótkin exibindo todos os seus dentes brancos. – Atire nas galinhas à vontade; as aves de arribação não pertencem a ninguém; bem, mas se surgir uma lebrezinha, então o senhor poupe-a: essa presa é nossa. E mais uma coisa! A sua cadela não terá filhotinhos? Agradeceríamos muito!

– Adeus! – tornou a se ouvir a voz de Evlâmpia.

– Adeus! Adeus! – respondeu Sliótkin e correu para o mato.

XIX

Quando fiquei sozinho, lembro-me de que estava absorto com a idéia: por que esse Kharlov não bateu nesse Sliótkin de modo a “deixá-lo todo quebrado no mesmo lugar em que se encontrasse”, e por que esse Sliótkin não temia semelhante destino? Pelo visto, Martin Petróvitch estava mais “tranquilo” do que eu pensava – e desejei com mais força me infiltrar em Ieskov e dar ao menos uma olhada nesse colosso que de modo algum podia imaginar que estivesse oprimido e manso. Já tinha chegado à fronteira e, de

repente, por trás de minhas pernas, com um forte farfalhar de asas, uma galinhola enorme saltou e correu para as profundezas do bosque. Fiz pontaria; minha espingarda falhou. Fiquei muito irritado: a ave era realmente muito boa, então decidi tentar, será que não a faria alçar novamente? Fui na direção de seu vôo e, afastando-me em cerca de duzentos passos, avistei numa pequena clareira, sob uma frondosa bétula, não a galinhola, mas aquele mesmo senhor Sliótkin. Ele estava deitado de costas, com as mãos sob a cabeça, olhando para cima, para o céu, com um sorriso de satisfação, balançando um pouco a perna esquerda, dobrada sobre o joelho direito. Não notou minha aproximação. A alguns passos dele, Evlâmpia caminhava lentamente pelo gramado de olhos baixos; parecia estar procurando alguma coisa na grama – cogumelos, ou algo assim, e às vezes se inclinava, estendia a mão e cantarolava baixinho. Eu imediatamente parei e pus-me a escutar. No começo não pude compreender o que ela estava cantando, mas depois reconheci os seguintes versos famosos de uma velha canção:

Tu encontrarás, encontrarás, nuvem ameaçadora

Tu matarás, tu matarás o sogro

Tu ameaçarás, tu ameaçarás a sogra

E a jovem noiva eu mesmo matarei!

Evlâmpia cantava mais e mais alto; sustentou longamente, sobretudo a última palavra. Sliótkin ria, deitado de costas, enquanto ela permanecia como que girando perto dele.

– Veja só! – proferiu ele afinal. – O que foi que lhe deu na telha!

– Mas o quê? – perguntou Evlâmpia.

Sliótkin soergueu um pouco a cabeça.

– O quê? O que são essas palavras que diz?

– Você sabe, Volódia, não se pode tirar as palavras de uma canção – respondeu Evlâmpia e me viu ao se virar. Nós dois gritamos ao mesmo tempo e corremos em direções diferentes.

Fugi do bosque às pressas e, cruzando uma clareira estreita, achei-me em frente ao jardim de Kharlov.

Eu não tinha tempo nem porque pensar sobre o que havia visto. Apenas vinha-me à memória a expressão “feitiço de amor” que havia conhecido há pouco e cujo significado admirava-me muito. Caminhei ao longo da cerca do jardim e, em alguns momentos, por trás dos choupos prateados (eles ainda não haviam perdido uma única folha e cresciam e brilhavam magnificamente) avistei o quintal e a casa dos fundos de Martin Petróvitch. Toda a propriedade parecia-me limpa e arrumada; por toda parte notavam-se sinais de uma inspeção contínua e rigorosa. Anna Martínovna surgiu no terraço de entrada e apertou seus olhos azuis pálidos lançando um olhar longo na direção do bosque.

– Viu o patrão? – perguntou ela a um mujique que ia passando pelo quintal.

– Vladímír Vassílitch⁴¹? – perguntou este tirando o gorro da cabeça. – Pelo visto ele foi para o bosque.

– Eu sei que foi para o bosque. Ele não voltou? Não o viu?

– Não vi... não mesmo.

O mujique permaneceu em pé sem o gorro diante de Anna Martínovna.

– Bem, vá – disse ela. – Ou não... espere... Martin Petróvitch onde está? Sabe?

– Oh, Martin Petróvitch – respondeu o mujique com voz melodiosa, erguendo alternadamente a mão direita, depois a esquerda, como que mostrando algum lugar – está sentado bem ali na represa com a vara de pescar. Está sentado no junco com a vara de pescar. Se pegou algum peixe, só Deus sabe.

– Está bem... Vá – repetiu Anna Martínovna –, e aperte a roda, veja, está rolando.

⁴¹ Corruptela do patronímico Vassílievitch. (N. da T.)

O mujique correu para cumprir sua ordem, enquanto ela permaneceu mais alguns minutos no terraço de entrada, sempre olhando na direção do bosque. Depois meneou uma mão levemente e voltou para casa devagar.

– Aksiutka⁴²! – ressoou sua voz imperiosa atrás da porta.

Anna Martínovna parecia irritada e apertava os lábios finos com uma força singular. Estava vestida com desmazelo e uma mecha solta de sua trança caía-lhe no ombro. Apesar do descuido de suas roupas e de sua irritação, ela ainda me parecia atraente e com muito gosto teria beijado sua mão estreita, mas também perversa, que jogou com enfado umas duas vezes aquela mecha solta para trás.

XIX

“Será que Martin Petróvitch de fato se tornou um pescador?” – perguntei a mim mesmo, dirigindo-me à represa que se achava naquele lado do jardim. Subi a até represa, olhei para cá e para lá... Não vi Martin Petróvitch em nenhum lugar. Caminhei ao longo de uma das margens da represa e, por fim, quase no topo, junto a uma pequena baía e em meio a caules finos e partidos de juncos desbotados, avistei uma enorme massa cinzenta... Olhei bem: era Kharlov. Sem o gorro, desgrehado, num kaftan de linho com costuras frouxas, ele estava sentado imóvel sobre a terra nua com as pernas cruzadas; e estava tão imóvel que, com a minha aproximação, um maçarico⁴³ saiu correndo da lama seca a uns dois passos dele e alçou vôo batendo as asas e assobiando sobre a superfície da água. Há muito tempo ninguém se movia ao seu redor e não o surpreendia. Toda a figura de Kharlov era tão descomunal, que minha cadela firmou-se bem, meteu o rabo entre as pernas e rosnou logo que o viu. Ele virou a cabeça um pouquinho e fixou seus olhos selvagens em mim e em minha cadela. A barba mudara-o muito, embora curta, mas espessa, crespa, em redemoinhos brancos semelhantes a uma smuchka⁴⁴. Em sua mão direita estava a ponta da vara,

⁴² Diminutivo do nome Aksínia. (N. da T.)

⁴³ Ave pernalta aquática.

⁴⁴ Pele de cordeiro da raça do mesmo nome. (N. da T.)

enquanto a outra ponta balançava frouxamente na água. Meu coração pulou involuntariamente; no entanto, tomei coragem, fui até ele e o cumprimentei. Ele piscou lentamente, como se estivesse meio dormindo e meio acordado.

– O que é isso, Martin Petróvitch – comecei eu –, está pegando peixe aqui?

– Sim... estou – respondeu ele com uma voz rouca e puxou para cima a vara, em cuja ponta pendia um pedaço de linha de um archin e sem anzol.

– Sua linha está rompida – notei eu e no mesmo instante vi que perto de Martin Petróvitch não havia isca nem vermes... E o que se poderia pescar em setembro?!

– Rompida? – proferiu ele e passou a mão pelo rosto. – Mas dá tudo na mesma!

Ele tornou a lançar a vara.

– O filhinho de Natália Nikolaiévna? – perguntou-me ele passados uns dois minutos, ao longo dos quais o examinei não sem um espanto secreto. Embora tivesse emagrecido muito, ainda parecia um gigante; mas que farrapos vestia e como estava desleixado!

– Exatamente – respondi eu –, sou o filho de Natália Nikolaiévna B.

– Passa bem?

– Mamãe está bem. Ela ficou muito triste com sua recusa – acrescentei –, não esperava que o senhor não quisesse ir vê-la.

Martin Petróvitch ficou cabisbaixo.

– Você esteve... lá? – perguntou ele balançando a cabeça para o lado.

– Onde?

– Lá... na casa. Não esteve? Vá. O que você faz aqui? Vá. Não há nada para conversar comigo. Eu não gosto.

Ele se calou.

– Você está sempre brincando com a espingarda! Nos idos anos da juventude, eu corria por esse caminho. Só meu pai me... mas eu o respeitava; e como! Não era como nos dias de hoje. Meu pai me açoitou com um chicote – e isso foi o suficiente! Parei de brincar! Porque eu o respeitava... Eh!.. Sim...

Kharlov tornou a se calar.

– Mas você não fique aqui – recomeçou ele. – Dá uma passada na casa. Agora lá a propriedade vai às mil maravilhas. Volodka... – Ele então hesitou por um momento. – Volodka tem tudo nas mãos. É um rapagão! Mas é também muito esperto!

Eu não sabia o que dizer; Martin Petróvitch falava muito tranquilamente.

– Vá ver as filhas. Você deve lembrar-se de que eu tinha filhas. Elas também são patroas... astutas. Mas eu estou ficando velho, meu caro; fui afastado. Estou em repouso, você sabe...

“Belo repouso!” – pensei eu olhando ao redor. – Martin Petróvitch! – disse em voz alta. – O senhor realmente precisa vir à nossa casa.

Kharlov olhou para mim.

– Vá, meu caro, vá embora; é isso.

– Não deixe a mamãe triste, venha.

– Vá, meu caro, vá – repetiu Kharlov. – O que você tem para falar comigo?

– Se o senhor não tem equipagem, mamãe envia-lhe a sua.

– Vá!

– Sim, é verdade, Martin Petróvitch!

Kharlov tornou a ficar cabisbaixo – e me pareceu que suas faces escuras, como que cobertas de terra, ficaram um pouco ruborizadas.

– É verdade, venha – continuei eu. – Por que o senhor fica aqui sentado? Se torturando?

– Como assim, se torturando – proferiu ele pausadamente.

– Sim, isso mesmo – torturando. – repeti eu.

Kharlov se calou, como se mergulhasse em seus pensamentos.

Encorajado por esse silêncio, decidi ser sincero, agir com franqueza, sem rodeios. (Não se esqueçam – eu tinha apenas quinze anos de idade.)

– Martin Petróvitch! – comecei, sentando-me ao seu lado. – Pois eu sei de tudo, decididamente de tudo! Sei como seu genro trata o senhor – com o consentimento de suas filhas, é claro. E agora o senhor está nessa situação... Mas por que então desanimar?

Kharlov permaneceu em silêncio e apenas largou a vara de pescar, enquanto eu, que inteligente, que filósofo me senti!

– É claro – pus-me a falar novamente – que o senhor agiu com imprudência ao deixar tudo para suas filhas. Foi muita generosidade de sua parte – e eu não vou culpá-lo. Em nosso tempo é uma característica muito rara! Mas se suas filhas são tão ingratas, então o senhor deve mostrar desprezo... isso mesmo, desprezo... e não lamentar.

– Basta! – sussurrou Kharlov de repente com um ranger de dentes, e seus olhos fixos na represa brilhavam de raiva... – Fora!

– Mas, Martin Petróvitch...

– Fora, eu disse... ou então mato!

Eu tinha me aproximado muito dele; mas dei um salto involuntário com essa última palavra.

– O que o senhor disse, Martin Petróvitch?

– Mato, eu lhe disse: fora! – Com um gemido selvagem, um rugido, a voz irrompeu do peito de Kharlov, mas ele não virou a cabeça e continuou a olhar com fúria bem para a frente. – Pego e atiro você e todos os seus conselhos tolos na água – e então você saberá como importunar os velhos, fedelho! – “Ele está louco!” – passou-me pela cabeça.

Olhei para ele com mais atenção e fiquei completamente pasmo: Martin Petróvitch estava chorando!! Lágrima após lágrima rolava de seus cílios às bochechas... e o rosto assumiu uma expressão bastante feroz...

– Fora! – gritou ele mais uma vez – Ou mato-lhe, por Deus, para que sirva de exemplo!

Ele tremeu com todo o corpo meio de lado e se arreganhou como um javali; agarrei a espingarda e pus-me a correr. A cadela veio atrás de mim latindo! E ela também estava apavorada.

Voltando para casa, não disse uma palavra a mamãe, é claro, nem fiz alusão ao que vi, mas, encontrando-me com Suvenir, sabe-se lá porquê, contei-lhe tudo. Esse homem repugnante alegrou-se com meu relato e se pôs a gargalhar com uma voz tão esganiçada e até a pular que quase bati nele.

– Ora! Seria bom que eu visse – repetia ele ofegando com a risada – como esse ídolo, o “chueco” Kharlus, enfiado no lodo e ainda sentado sobre ele...

– Vá ter com ele na represa, se está tão curioso.

– Sim; e então ele me mata?

Suvenir me importunou muito e eu me arrependi de minha tagarelice descabida... Jitkov, a quem ele transmitiu meu relato, considerou o caso de outro modo.

– É preciso recorrer à polícia – decidiu ele –, e talvez seja necessário mandar chamar uma equipe militar.

Seu pressentimento acerca da equipe militar não se realizou, mas de fato aconteceu algo extraordinário.

XXII

Em meados de outubro, passadas umas três semanas após meu encontro com Martin Petróvitch, achava-me à janela de meu quarto no segundo andar de nossa casa e, sem pensar em nada, olhava triste para o quintal e para a estrada que passava atrás dele. Já fazia cinco dias que o tempo estava ruim; em caça não dava nem para pensar. Tudo o que era vivo estava escondido; até os pardais se calavam, enquanto as gralhas há muito haviam desaparecido. O vento ora uivava abafado, ora assobiava impetuoso; baixo, sem uma faixa sequer de luz, o céu passava de uma cor branca desagradável para o chumbo, uma cor ainda mais funesta – e uma chuva que caía, caía constantemente e sem cessar, de repente ficou mais forte, mais inclinada e com estrondo derramava-se pelos vidros. As árvores haviam perdido completamente a cor e ficado meio cinzas: parecia até que a haviam tirado delas, e o vento, vez ou outra, tornava a se pôr a importuná-las. Em toda a parte havia poças entupidas com folhas mortas; bolhas grandes volta e meia inchando e estourando erguiam-se e deslizavam sobre elas. O lamaçal pela estrada estava intransponível; o frio penetrava no quarto, sob a roupa, bem nos ossos; um tremor involuntário percorria o

corpo – e como era penoso para a alma! Exatamente, penoso – e não triste. Parecia que nunca mais haveria luz nem sol, nem brilho, nem cor nesse mundo, mas que essa lama e muco permaneceriam para sempre, e o escarro cinzento e a umidade azeda – o vento iria chiar e gemer para sempre! Assim estava eu à janela absorto em tais pensamentos – e lembro-me: a escuridão vinha de modo inesperado, uma escuridão azul, o relógio no entanto, marcava apenas meio-dia. De repente pareceu-me que um urso passara a toda velocidade por nosso quintal do portão até o terraço de entrada! É verdade que não andava de quatro, mas da maneira como o desenham quando ele se levanta nas patas de trás. Eu não acreditava em meus próprios olhos. Se não havia visto um urso, em todo caso era algo enorme, escuro, escabroso... Não tivera tempo para considerar o que isto poderia ser, pois de repente ouviu-se uma batida violenta lá embaixo. Parecia que alguma coisa completamente inesperada, algo medonho irrompera em nossa casa. Começou um rebuliço, uma correria...

Rapidamente desci as escadas e saltei para a sala de jantar...

Na porta da sala de estar estava minha mãe como que pregada ao chão encarando-me; atrás dela viam-se alguns rostos femininos assustados; o mordomo, dois criados, o moleque boquiaberto de surpresa se apertavam junto à porta na ante-sala; enquanto no centro da sala de jantar, coberto de lama, desgrenhado, esfarrapado, molhado – tão molhado que um vapor subia ao redor e a água corria em filetes pelo chão –, ajoelhado, arfando pesadamente e como que definhando, estava aquele mesmo mostro que passara pelo quintal a toda velocidade diante de meus olhos! E quem era esse monstro? Kharlov! Fui para o lado e vi – não o seu rosto, mas a cabeça que ele segurava com as mãos pelos cabelos grudados de lama. Respirava com dificuldade, convulsivamente; algo ainda borbulhava em seu peito – e em toda essa massa escura e coberta de respingos podia-se distinguir com clareza apenas os minúsculos brancos dos olhos que vagueavam assustados. Ele estava horrível! Lembrei-me do alto funcionário que ele outrora calara por causa da comparação com um mastodonte. De fato: tal figura poderia ter

sido um animal antediluviano que acabara de escapar de outra criatura mais forte que o atacara em meio aos eternos pântanos de lodo primordiais.

– Martin Petróvitch! – exclamou mamãe afinal e ergueu os braços. – É você mesmo? Senhor, Deus misericordioso!

– Eu... eu... – ouviu-se uma voz entrecortada como se cada som se sobressaísse com dor e esforço –, Ah! Eu!

– Mas o que aconteceu com você, meu Deus?!

– Natália Nikolaiévna... na... eu vim... de casa direto para cá cor...rendo à pé...

– Por tamanha lama! Mas você nem parece um homem. Levante-se, sente-se, pelo menos... E vocês – dirigiu-se ela às criadas –, corram depressa atrás de toalhas. Será que não tem alguma roupa seca? – perguntou ela ao mordomo.

O mordomo mostrou com as mãos que onde então haveria de ter em tal tamanho?..

– Mas, por outro lado, é possível trazer um cobertor – acrescentou ele –, ou então uma manta de cavalo nova.

– Sim, levante-se então, levante-se, Martin Petróvitch, sente-se – repetiu mamãe.

– Expulsaram-me, senhora – gemeu Kharlov de repente –, e jogou a cabeça para trás e estendeu os braços para a frente. – Expulsaram, Natália Nikolaiévna! Minhas próprias filhas, da minha própria casa...

Mamãe ficou estupefata.

– O que você está dizendo! Expulsaram! Que pecado! Que pecado! (Ela benzeu -se.) Apenas levante-se, Martin Petróvitch, tenha a bondade!

Duas criadas entraram com toalhas e pararam diante de Kharlov. Era evidente que elas não podiam imaginar por onde começariam, tamanha era a sujeira.

– Expulsaram, senhora, expulsaram – tornou a dizer Kharlov enquanto isso. – O mordomo voltou com um grande cobertor de lã e também parou atônito. A cabecinha de Suvenir surgiu atrás da porta e desapareceu.

– Martin Petróvitch, levante-se! Sente-se! E conte-me tudo do começo – ordenou mamãe com tom decidido.

Kharlov soergueu-se... O mordomo quis ajudá-lo, mas apenas sujou a mão e, sacudindo os dedos, recuou para a porta. Balançando e cambaleando, Kharlov alcançou a cadeira e sentou-se. As criadas se aproximaram dele novamente com as toalhas, mas ele as dispensou com um aceno de mãos e recusou o cobertor. No entanto, a própria mamãe não continuou insistindo: secar Kharlov, é evidente, não era possível; apenas limparam a sujeira dele do chão às pressas.

XXIII

– Então como foi que te expulsaram? – perguntou mamãe a Kharlov assim que ele “recuperou o fôlego” um pouco.

– Senhora! Natália Nikolaiévna! – começou ele com voz tensa – e novamente surpreendeu-me a agitação perturbada de seu branco dos olhos – Vou dizer a verdade: sou eu o culpado, acima de tudo.

– Então é isso; você não quis me escutar naquela época – proferiu mamãe deixando-se cair na poltrona e balançando suavemente um lenço perfumado diante de seu nariz: Kharlov já fedia muito... o pântano da floresta não cheirava tão forte.

– Ah, não sou culpado por isso, senhora, mas pelo orgulho. O orgulho arruinou-me, não pior do que ao rei Nabucodonosor. Pensei comigo: não havia o Senhor Deus me dado inteligência e juízo; se eu assim decidi – portanto, assim seria... Mas então veio o medo da morte... Fiquei completamente aturdido! Mostrarei, disse, minha força e poder afinal! Recompensarei e eles deverão sofrer até o caixão... (Kharlov de repente se agitou todo...) Me expulsaram para fora de casa como a um cão sarnento! É essa a gratidão deles!

– Mas, de qualquer maneira – recomeçou mamãe...

– Pegaram o moleque Maksim de mim – interrompeu-a Kharlov (seus olhos continuavam correndo, mantinha ambas as mãos juntas sob o queixo e

os dedos entrelaçados) –, tomaram a equipagem, cortaram a mesada, não pagaram o ordenado conversado – cortaram, de fato, totalmente – sempre me calei, sempre suportei! E eu suportei por causa... oh! Mais uma vez o meu orgulho. Para que meus inimigos cruéis não falassem: vejam, dizem, o velho tolo agora se arrepende; sim e você, minha senhora, se lembra de que me preveniu: não vá morder, disse, os próprios cotovelos! E então eu suportei... Só hoje fui para o meu quarto, mas ele já estava ocupado – e jogaram minha caminha na despensa! Você pode dormir lá; e admitimos isso por piedade; seu quarto nos é necessário para a economia. E quem me disse isso? Volodka Sliótkin, esse camponês imundo, miserável...

A voz de Kharlov se calou.

– Mas e suas filhas? O que elas fizeram então? – perguntou mamãe.

– E eu sempre suportei – Kharlov continuou sua narrativa –, como me foi amargo, amargo e vergonhoso... Nem veria a luz do dia! Por isso, mãezinha, não queria vir até a senhora – por essa mesma desonra e vergonha! Mas eu, minha mãezinha, provei de tudo: o afeto, o perigo, e fiz-lhes compreender, pois bem! Curvei-me... assim mesmo! (Kharlov mostrou como ele se curvou). E tudo em vão! E tudo o que suportei! No início, nos primeiros tempos, ocorreram-me tais pensamentos: pegarei, pensei, matarei, esmagarei todos para que a semente não permaneça... Eles saberão! Bem, mas depois me submeti! Acho que é a cruz que me foi enviada; significa que é preciso se preparar para a morte. E de repente hoje, como um cão! E quem então? Volodka! E a senhora se dignou a perguntar sobre as filhas, então será que têm vontade própria? São servas de Volodka! Sim!

Mamãe admirou-se.

– No caso de Anna ainda posso compreender; ela é a esposa... Mas por que razão a sua segunda...

– A Evlâmpia? É pior do que Anna! Entregou-se inteira e completamente nas mãos de Volodka. Por esse motivo ela recusou o soldado da senhora. Por ele, por ordem de Volodka. Anna, é evidente, era de se esperar que se ofendesse, e não pode suportar a irmã, mas se submete! Ele a enfeitiçou, maldito! E então sobre Anna, veja, era agradável pensar, e ora,

que coisa, Evlâmpia que sempre foi orgulhosa, vejam agora o que você se tornou!.. Oh... oh, oh! Deus, meu Deus!

Mamãe olhou para mim inquieta. Afastei-me um pouquinho para o lado, por precaução, para que não me expulsassem...

– Eu sinto muito, Martin Petróvitch – começou ela –, que meu antigo pupilo tenha lhe causado tanto desgosto e se revelado uma pessoa tão ruim; mas, de fato, enganei-me com ele... Quem poderia esperar isso dele!

– Senhora – gemeu Kharlov e bateu no próprio peito. – Não posso tolerar a ingratidão de minhas filhas! Não posso, senhora! Dei-lhes de tudo, tudo mesmo! Além disso, minha consciência me torturou. Muito... oh! Muito repensei sentado junto à represa pescando! “Tomara que você tenha sido útil na vida de alguém! – assim refleti – ajudava os pobres, libertei camponeses, talvez por causa dos anos em que lhes importunei! De fato, você é responsável por eles perante Deus! Eis quando derramaram suas lágrimas por você!” E agora, qual é o seu destino: comigo era um poço profundo, é preciso confessar, mas agora não se vê o fundo! Detive todos esses pecados na alma, sacrifiquei a consciência pelas filhas e por isso recebo uma figa! Chutaram-me de casa como um cão!

– Chega de pensar nisso, Martin Petróvitch – observou mamãe.

– E quando esse seu Volodka me disse – continuou Kharlov com vigor renovado –, quando ele me disse para não viver mais em meu quartinho, esse mesmo quartinho cujas tábuas ergui com minha próprias mãos – quando ele me disse isso –, sabe Deus o que me aconteceu! A cabeça doeu-me, como uma faca no coração... Ou bem o matava, ou ia embora de casa!.. Então corri até a senhora, minha benfeitora, Natália Nikolaiévna... E onde inclinaria minha cabeça? Mas aqui tem chuva, lama... Caí, é possível, umas duas vezes! E agora... em tamanha feiúra...

Kharlov lançou um olhar para si mesmo e se mexeu na cadeira como que se preparando para levantar.

– Chega disso, chega, Martin Petróvitch – disse mamãe às pressas –, que desgraça é essa? Por que sujou esse chão? Que importa! Mas então eu quero fazer-lhe uma proposta. Ouça! Agora o levarão para um quarto

especial, darão roupa de cama limpa – dispa-se, lave-se e então deite-se e durma...

– Mãezinha, Natália Nikolaiévna! Não vou dormir! – proferiu Kharlov tristemente. – É como se martelassem os miolos! Bem em mim, como uma criatura indecente...

– Deite-se, durma – repetiu mamãe com insistência. – E depois lhe daremos chá para beber – bem, e conversaremos com você. Não desanime, velho amigo! Se da *sua* casa o expulsaram, na *minha* casa você sempre encontrará abrigo... Eu realmente nunca esqueci que você salvou a minha vida.

– Benfeitora! – gemeu Kharlov e cobriu o rosto com as mãos. – Agora *a senhora* me salve!

Esse apelo tocou minha mãe quase até as lágrimas.

– Estou preparada para ajudá-lo com prazer, Martin Petróvitch, em tudo mesmo o que eu puder; mas você deve me prometer que daqui em diante me ouvirá e afugentará qualquer pensamento ruim de você.

Kharlov tirou as mãos do rosto.

– Se for necessário – proferiu ele –, de fato, então eu posso perdoar!

Mamãe acenou com a cabeça em aprovação.

– É muito prazeroso vê-lo com tal disposição para o espírito cristão e verdadeiro, Martin Petróvitch; mas falaremos disso mais adiante. Por enquanto, ponha-se em ordem – e, o principal, durma. Leve Martin Petróvitch para o gabinete verde, o aposento do patrão – dirigiu-se mamãe ao mordomo –, e que seja feito tudo o que ele exigir no mesmo instante! Mandê secar e limpar sua roupa e peça à roupeira a roupa branca que precisar – está ouvindo?

– Estou ouvindo – respondeu o mordomo.

– E, assim que ele despertar, mande que o alfaiate lhe tire as medidas; e será preciso fazer-lhe a barba. Não agora, mas depois.

– Estou ouvindo – repetiu o mordomo. – Martin Petróvitch, tenha a bondade. – Kharlov se levantou, olhou para mamãe, quis se aproximar dela,

mas parou, fez uma reverência profunda, persignou-se três vezes e foi atrás do mordomo. Me esgueirei para fora do aposento atrás dele.

XXIV

O mordomo conduziu Kharlov até o gabinete verde e correu imediatamente atrás da roupeira, pois não havia roupa de cama. Suvenir, encontrando-nos mais adiante e saltando conosco para dentro do gabinete, com trejeitos e gargalhadas, se pôs sem demora a girar em torno de Kharlov que, afastando um pouco os braços e as pernas, parou em meditação no meio do aposento. Não parava de escorrer água dele.

– O chueco! O chueco Kharlus! – chiava Suvenir dobrando-se em dois e segurando atrás das costelas. – Grande fundador da célebre linhagem dos Kharlov, olhe para o seu descendente! Que tal ele? Pode reconhecê-lo? Ha ha ha! Sua alteza, a mãozinha, por gentileza! Por que o senhor está com essas luvas pretas?

Eu quis deter e envergonhar Suvenir... mas foi em vão!

– Me chama de parasita, zangão! “Não tem”, diz, “um teto seu!” E agora, por certo, virou então tal parasita, como o primeiro pecador! Ora, Martin Petróvitch e o patife do Suvenir – agora são a mesma coisa! Também viverá de esmolos! Pegarão a casca do pão velho que a cadela cheirou e foi para fora... Mas, dirão, coma! Ha Ha Ha!

Kharlov permanecia sempre imóvel, cabeça afundada, braços e pernas afastados.

– Martin Petróvitch, nobre de nascimento! – continuou chiando Suvenir. – Os ares de importância que deu a si mesmo, ah, fu, você, você! Não se aproxime ou baterei em você! E como, por grande inteligência, se pôs a entregar e repartir a sua propriedade – onde se revelou! “Gratidão! – grita – Gratidão!” E por que me privou? Não recompensou? Eu, é possível, seria melhor que me ressentisse! E quer dizer que eu disse a verdade, que o deixariam com as costas desnudas...

– Suvenir! – gritei; mas Suvenir não se calou. Kharlov ainda não se comovia; parecia que apenas agora ele começava a sentir até que ponto estava ainda molhado e esperava, até que se despisse todo. Mas o mordomo não retornava.

– E ainda um soldado! – recomeçou Suvenir. – No ano de 1812 defendeu a pátria, surgia sua coragem! Ora, ora, pois bem: arrancar as calças de saqueadores congelados – esse é o nosso negócio; mas quando a rapariga nos bate o pé, temos o próprio coração nas calças...

– Suvenir! – gritei pela segunda vez.

Kharlov olhou de soslaio para Suvenir; até aquele momento ele como que não havia notado sua presença e apenas minha exclamação suscitara sua atenção.

– Olha, meu caro – resmungou ele com voz surda –, não arranje uma encrenca até a desgraça.

Suvenir sacudiu com a risada.

– Oh, como o senhor me assusta, meu venerável amigo! O senhor já é bem temível, palavra! Tomara que o senhor penteie o cabelinho, ou então, valha Deus, depois de seco, não o molhe mais; deixa a risca torta. – Suvenir exaltou-se de repente. – E ainda se faz de rogado! Está completamente nu, mas se faz de rogado! Onde está seu teto agora, é melhor o senhor me dizer se ainda os vangloria? Eu tenho, como se diz, tenho teto, mas você é um sem-teto! O meu teto, como se diz, é hereditário! (Então Suvenir usou essa palavra!)

– Senhor Bitchkov – proferi eu. – O que o senhor está fazendo! Pense bem!

Mas ele continuava a tagarelar e sempre pulava e corria para lá e para cá perto do próprio Kharlov... E o mordomo nunca vinha da rouparia!

Eu estava ficando horrorizado. Comecei a observar que Kharlov, que no curso da conversa com minha mãe pouco a pouco se acalmaea e até mesmo, pelo visto, por fim se resignava com seu destino, tornava a se irritar: se pôs a respirar mais rápido, sob suas orelhas ficou de repente como que

inchado, os dedos começaram a se remexer, os olhos começaram de novo a correr em meio à máscara escura de seu rosto coberto de respingos...

– Suvenir! Suvenir! – exclamei eu. – Basta, vou contar à mamãe.

Mas Suvenir parecia possuído pelo demônio.

– Sim, sim, venerável! – se pôs a papaguear de novo. – Eis que agora o senhor e eu nos achamos em tais circunstâncias delicadas! Enquanto suas filhinhas e o seu genro, Vladímir Vassílievitch, zombam do senhor à vontade sob seu *teto*! E o senhor deveria amaldiçoá-los, conforme prometeu! E isso ao senhor não basta! Onde então o senhor duelará com Vladímir Vassílievitch? Ainda o chamava de Volódka! Como Volódka é para o senhor? Ele é Vladímir Vassílievitch, o senhor Sliótkin, o proprietário de terras, e o senhor, e você, quem é?

Um rugido furioso abafou o discurso de Suvenir... Kharlov explodiu. Cerrou e ergueu os punhos, o rosto se tornou azul, a baba se punha à mostra nos lábios rachados, e ele se pôs a tremer de raiva.

– Você fala em teto! – ressoou com sua voz de ferro. – Você fala em maldição! Não! Eu não os amaldiçoarei... Isso não lhes fará mal algum! Mas o teto... o teto deles eu porei abaixo, e eles não terão mais um teto, assim como eu! Hão de saber no que dá escarnecer de mim!.. Não terão mais um teto!

Fiquei estupefato; nunca havia sido testemunha de uma ira tão desmedida. Não era um homem, mas um animal selvagem que se agitava diante de mim! Fiquei estupefato... e Suvenir, esse se debatia de medo embaixo da mesa.

– Não terão! – gritou Kharlov pela última vez e, por pouco não chutando a roupeira e o mordomo que entravam, lançou-se para fora da casa... Cruzou o pátio aos trambolhões e desapareceu atrás dos portões.

XXV

Mamãe ficou terrivelmente zangada quando o mordomo chegou com o ar embaraçado para comunicar a nova e inesperada ausência de Martin

Petróvitch. Ele não se atreveu a encobrir a causa dessa ausência; fui coagido a confirmar suas palavras.

– Mas você é sempre assim! – gritou mamãe com Suvenir, que correu para a frente como uma lebre e até se aproximou de suas mãos. – Sua língua vil é a culpada de tudo!

– Perdão, eu agoga, agoga... – se pôs a balbuciar Suvenir, gaguejando e cruzando os cotovelos atrás das costas.

– Agoga... agoga... Conheço esse seu agoga! – repetiu mamãe com reprovação e o pôs para fora. Depois ela tocou o sino, mandou chamar Kvitsinski e deu-lhe a ordem: partir imediatamente com uma equipagem para Ieskov, encontrar e trazer Martin Petróvitch a qualquer custo. – Não apareça sem ele! – concluiu ela. O sombrio polonês inclinou a cabeça em silêncio e saiu.

Voltei para o meu quarto, tornei a me instalar à janela e me lembro de que refleti por muito tempo sobre o que acontecera diante de meus olhos. Estava perplexo, não podia compreender de maneira alguma porque Kharlov, suportara quase sem se queixar a ofensa feita a ele por seus parentes, não pudera se conter e suportar a zombaria e as alfinetadas de uma criatura tão fútil como Suvenir. Eu não sabia ainda como uma amargura tão insuportável pode por vezes estar contido numa recriminação vazia, até mesmo quando provém de lábios desprezíveis... O odioso nome de Sliótkin, pronunciado por Suvenir, lançou faíscas na pólvora; o ponto fraco não resistiu a essa última agulhada.

Passou cerca de uma hora. Nossa carruagem adentrava o pátio; mas nela havia apenas nosso administrador sozinho. E mamãe lhe dissera: “Não apareça sem *ele*!” Kvitsinski saltou às pressas da equipagem e subiu correndo no terraço de entrada. Seu rosto aparentava um semblante aflito, o que quase nunca acontecia com ele. Desci imediatamente e fui ao seu encalço na sala de estar.

– E então? Trouxe-o? – perguntou mamãe.

– Não trouxe – respondeu Kvitsinski – e não posso trazer.

– Por que isso? O senhor o viu?

- Vi.
- O que aconteceu com ele? Um choque?
- De modo algum; não aconteceu nada.
- Então por que o senhor não o trouxe?
- Pois ele está pondo a casa abaixo.
- Como?

– Está no telhado da casa nova dos fundos – pondo-a abaixo. Quarenta, acredito eu, ou mais tábuas já saíram voando; umas cinco grades também. (“Eles não terão mais teto!” – lembrei-me das palavras de Kharlov.)

Mamãe estava com os olhos fixos em Kvitsinski.

- Está... sozinho no telhado e pondo o telhado abaixo?
- Exatamente assim, senhora. Vai pelo revestimento do sótão e destrói a torto e a direito. A força que ele tem, a senhora bem sabe, é sobre-humana! Bem, e o telhado, é preciso dizer a verdade, é precário; feito escalonado, ripas afastadas, pregos forjados.⁴⁵

Mamãe olhou para mim como se quisesse se certificar de que não tinha ouvido mal alguma coisa.

- Ripas escalonadas – repetiu ela, claramente sem compreender o significado de qualquer uma destas palavras...
- Bem, mas então por que o senhor veio? – disse ela afinal.
- Vim atrás de instruções. Sem gente não se pode fazer nada. Os camponeses de lá se esconderam todos de medo.
- Mas e suas filhas? O que fizeram?
- As filhas – nada. Correm a esmo... se lamentam... de quê adianta?
- E Sliótkin está lá?
- Também está lá. Berra mais que todos, mas não pode fazer nada.
- E Martin Petróvitch está no telhado?
- No telhado... quer dizer, no sótão – e pondo o telhado abaixo.
- Sim, sim – disse mamãe – ripas...

O caso que tinha pela frente, é evidente, era extraordinário.

⁴⁵ O telhado era construído no método “aleatório” ou “escalonado” quando a cada duas tábuas deixava-se um espaço vazio que seria fechado por outra tábua por cima; tais telhados são mais baratos, mas menos duráveis. São chamadas ripas as placas finas de ½ polegada; a tábua comum tem ¾ de polegada. (N. do E.)

Que medidas tomar? Chamar o isprávník na cidade, reunir os camponeses? Mamãe estava completamente perdida.

Jitkov, que havia chegado para o jantar, também estava perdido. É verdade que ele tornou a fazer menção do comando militar, no entanto, não ofereceu nenhum conselho, mas se limitou a olhar de modo submisso e dedicado. Kvitsinski, vendo que ninguém lhe daria uma instrução, pediu – com a deferência desdenhosa que lhe era habitual – a mamãe se ela lhe permitia pegar alguns cavaleiros, jardineiros e outros criados, então ele tentaria...

– Sim, sim – interrompeu-o mamãe – tente, meu caro Vikenti Ossípytch! Mas faça-o o mais rápido possível, por favor, e eu assumirei toda a responsabilidade!

Kvitsinski sorriu friamente.

– Há uma coisa que quero deixar claro de antemão, minha senhora: que é impossível contar com um resultado, visto que a força do senhor Kharlov é grande e o desespero também; e se sente muito insultado!

– Sim, sim – consentiu mamãe –, e é tudo culpa desse vil Suvenir! Nunca o perdorei por isso! Vá, pegue a gente, parta, Vikenti Ossípytch!

– Você, senhor administrador, leve muita corda e ganchos de incêndio – proferiu com voz de baixo –, e se tiver uma rede, não seria nada mal pegá-la também. Certa vez tivemos assim em nosso regimento...

– Não queira ensinar-me, caro senhor – interrompeu Kvitsinski com enfado –, o senhor não precisa me dizer o que é necessário.

Jitkov se ofendeu declarando que, assim como ele supunha, o chamariam...

– Não, não! – interveio mamãe. – É melhor você ficar... Deixe que Vikenti Ossípytch agirá sozinho... Vá, Vikenti Ossípytch!

Jitkov ofendeu-se ainda mais, enquanto Kvitsinski curvou-se e saiu.

Corri para o estábulo, selei meu cavalo às pressas e parti a galope pela estrada para Ieskov.

A chuva havia cessado, mas o vento soprava com força redobrada – direto em minha direção. No meio do caminho, a sela embaixo de mim quase virou, a cilha estava frouxa; apeei e comecei a puxar as correias com os dentes... De repente ouvi: alguém me chamando pelo nome... Suvenir correu até mim pelos campos verdes.

– O que, irmãozinho – gritou ele ainda de longe –, a curiosidade venceu? Mas é impossível... Pois eu já estive lá, bem no rastro de Kharlov... De fato, você vai morrer e não verá uma coisa assim!

– O senhor quer admirar sua obra – proferi com indignação, saltei no cavalo e conduzi-o novamente a galope; mas o incansável Suvenir não se desprendeu de mim e até mesmo gargalhou e fez caretas enquanto corria. Eis, afinal, Ieskov – eis a represa, e a cerca comprida ali e o salgueiral da propriedade... Aproximei-me dos portões, apeei, amarrei o cavalo e parei espantado.

De um terço da frente do telhado da casa nova dos fundos, do mezanino, restava apenas a armação; telhas e tábuas achavam-se no chão em pilhas desarrumadas em ambos os lados da casa. Suponhamos que o telhado fosse, segundo as palavras de Kvitsinski, precário; mas ainda assim era algo incrível! Pelo revestimento do sótão, num turbilhão de poeira e lixo, uma massa cinza-escura movia-se de modo ágil e desajeitado, e então sacudiu o restante de uma chaminé feita de tijolos (a outra já havia sido derrubada), aquilo arrancou a tábua e atirou-a para baixo, depois se agarrou às próprias vigas. Aquilo era Kharlov. Um verdadeiro urso se mostrou para mim: a cabeça, as costas, os ombros – de urso, e colocou as pernas afastadas sem erguer os pés – também como um urso. O vento frio soprava sobre ele de todos os lados levantando seus cabelos emaranhados; foi horrível ver através das fendas em suas roupas esfarrapadas como seu corpo nu se avermelhava em alguns lugares; foi horrível ouvir seu murmúrio rouco e selvagem. O pátio estava lotado de gente; mulheres, meninos, moças da criadagem encolhiam-se ao longo do cercado; alguns camponeses amontoavam-se num

grupo separado um pouco mais distante. O velho pope, meu conhecido, estava sem chapéu no terraço de entrada da outra casa e, agarrando a cruz de bronze com as duas mãos, em silêncio e sem esperança, de tempos em tempos levantava-a e como que mostrava-a para Kharlov. Ao lado do pope estava Evlâmpia e, com as costas apoiadas na parede, olhava imóvel para o pai; Anna ora colocava a cabeça para fora da janela, ora desaparecia, ora saltava para o pátio, ora voltava para casa; Sliótkin – muito pálido, amarelo, num roupão velho, de solidéu, com uma espingarda de um cano nas mãos, corria de um lugar para o outro a passos curtos. Ele estava, como diziam, completamente ajudeuzado; ofegava, ameaçava, tremia, fazia pontaria em Kharlov, depois, erguendo a espingarda nos ombros – tornava a fazer pontaria, gritava, chorava... Ao me ver com Suvenir, precipitou-se de tal forma para nós.

– Olhem, olhem o que está acontecendo aqui! – se pôs a gritar com voz esganiçada – Olhem! Ele perdeu a cabeça, ficou furioso... e eis o que está fazendo! Eu já mandei chamar a polícia – mas ninguém vem! Ninguém vem! Se eu der mesmo um tiro nele, a lei não pode me punir, pois toda pessoa tem o direito de defender sua propriedade! E eu vou atirar!.. Por Deus, vou atirar!

Ele saltou para a casa.

– Martin Petróvitch, tenha cuidado! Se o senhor não descer – eu vou atirar!

– Atire! – veio uma voz rouca do telhado. – Atire! Enquanto isso, um presente para você!

Uma placa comprida voou do alto e, girando umas duas vezes no ar, caiu por terra aos pés do próprio Sliótkin. Este pulou de tal maneira, enquanto Kharlov dava gargalhadas.

– Jesus Cristo! – balbuciou alguém às minhas costas. Olhei para trás: era Suvenir. “Ah! – pensei – agora deixou de rir!”

Sliótkin agarrou um mujiue, que estava perto, pelo colarinho.

– Suba agora, suba logo, subam, demônios – bradou ele sacudindo-o com toda a sua força – salvem a minha propriedade!

O mujique pisou umas duas vezes, jogou a cabeça para trás, acenou com as mãos e gritou:

– Ei, o senhor! Patrão! – andou no mesmo lugar e se virou para trás.

– A escada! Tragam a escada! – dirigiu-se Sliótkin aos outros camponeses.

– E onde vamos pegá-la? – ouviu-se em resposta.

– E mesmo que tivesse escada – proferiu uma voz sem pressa –, quem ia querer subir? Encontrem os tolos! Ele lhes torceria o pescoço – num piscar de olhos!

– Mataria agora – disse um jovem rapaz loiro de rosto apalermado.

– Sim, e por que não? – apoiaram os demais. Pareceu-me que mesmo que não houvesse o perigo evidente, os mujique ainda relutariam em cumprir as ordens de seu novo proprietário. Quase aprovavam Kharlov, embora ele os tivesse surpreendido.

– Ah, vocês, ladrões! – gemeu Sliótkin – mas eu pego todos vocês...

Mas aqui, com um forte estrondo, tombou a última chaminé, e em meio a uma nuvem de poeira amarela que se levantou imediatamente Kharlov, emitindo um grito agudo e alto e erguendo as mãos sangrentas, virou-se para encarar-nos. Sliótkin tornou a mirar nele.

Evlâmpia puxou-lhe o cotovelo.

– Não atrapalhe! – virou-se ele ferozmente para ela.

– E você – não se atreva! – proferiu ela – e seus olhos azuis brilhavam ameaçadoramente debaixo das sobranceiras repuxadas. – Meu pai está pondo sua própria casa abaixo. O bem é dele.

– Mentira: é nosso!

– Você diz: é nosso; mas eu digo: é dele.

Sliótkin chiou de raiva; Evlâmpia cravou-lhe os olhos no rosto.

– Oh, faz bem! Faz bem, filha querida! – trovejou Kharlov do alto. – Faz bem, Evlâmpia Martínovna! Como vai o faz-de-conta com o seu amigo? É bom beijar, acariciar?

– Pai! – ouviu-se a voz sonora de Evlâmpia.

– O quê, filha? – respondeu Kharlov e foi para a beira da parede. Em seu rosto, do pouco que eu podia ver, surgia um sorriso estranho, brilhante, alegre e, por isso mesmo, particularmente terrível, um sorriso mau... Muitos anos depois, eu vi exatamente o mesmo sorriso no rosto de um condenado à morte.

– Pare com isso, pai; desça (Evlâmpia não lhe disse “paizinho”). Nós somos os culpados; nós lhe devolveremos tudo. Desça.

– Você está dispondo de tudo que é nosso? – interveio Sliótkin. Evlâmpia apenas franziu o cenho ainda mais.

– Eu lhe devolverei a minha parte – darei tudo. Pare com isso, desça, pai! Perdoe-nos; perdoe-me.

Kharlov continuava sempre sorrindo.

– Tarde demais, meu bem – começou a dizer ele, e cada uma de suas palavras soaram como bronze. Tarde demais para agitar sua alma de pedra! Rolou montanha abaixo – agora não tem por que se deter! E não olhe para mim agora! Eu sou um homem perdido! É melhor olhar para o seu Volódka; veja que beldade se apresentou! E olhe para a víbora da sua irmã; mostra lá seu nariz de raposa para fora da janela; espia lá seu maridinho! Não, senhores! Vocês quiseram roubar meu teto – pois eu não lhes deixarei pedra sobre pedra! Ergui com minhas mãos; e é com minhas mãos que derrubarei – com essas mãos apenas! Vêem que não peguei um machado!

Ele soprou nas palmas de ambas as mãos e tornou a se agarrar às vigas.

– Basta, pai – disse enquanto isso Evlâmpia, e sua voz de alguma modo se tornara maravilhosamente afetuosa –, não relembre o que passou. Bem, acredite em mim; você sempre acreditou em mim. Bem, desça; venha ao meu quartinho, à minha cama macia. Eu o secarei e aquecerei; farei curativos em suas feridas, vê, suas mãos estão esfoladas. Você viverá comigo, como no seio de Cristo, haverá de comer com gosto e dormir com mais gosto ainda. Sim, fomos os culpados! Sim, fomos pretensiosos, pecamos; mas, perdão!

Kharlov balançou a cabeça.

– Convença! Eu acreditar em vocês, isso não pode ser! Vocês mataram a fé que havia em mim! Mataram tudo! Eu era uma águia – e tornei-me um verme para vocês... e vocês – esmagar um verme? Basta! Eu te amei, você sabe – mas agora você já não é minha filha e eu não sou seu pai... Sou um homem perdido! Não atrapalhe! E você, então, atire, covarde, herói bogatir! – vociferou Kharlov de repente para Sliótkin. – Porque não continua apenas a fazer a pontaria? Recordou a lei: se o recebedor de um presente comete um atentado contra a vida do doador – disse Kharlov claramente – então o doador tem o poder de reivindicar tudo de volta? Ha, ha, não tenha medo, legalista! Não pedirei – eu mesmo darei fim em tudo... Vamos!

– Pai! – Evlâmpia suplicou pela última vez.

– Cale-se!

– Martin Petróvitch! Irmão, queira perdoar e ser generoso! – balbuciou Suvenir.

– Pai, querido!

– Cale-se, cadela! – gritou Kharlov. Para Suvenir ele nem olhou – apenas cuspiu em sua direção.

XXVII

Neste momento, Kvitsinski, com toda a sua comitiva – três telegas – apareceu nos portões. Os cavalos ofegavam cansados, os homens saltaram, um após outro, na lama.

– Arre! – gritou Kharlov com toda a sua garganta. – O exército... ei-lo, o exército! Apresentam todo um exército contra mim. Muito bem! Apenas previno a quem vier me visitar aqui no telhado que eu o jogarei para baixo de pernas para o ar! Sou um patrão severo, e no momento não estou para visitas! Assim é!

Ele se agarrou com ambas as mãos ao par de vigas da entrada, àquelas chamadas “pernas” do frontão, e começou a sacudi-las com força. Pendendo sobre a borda do revestimento, ele como que as arrastou para trás

de si, cantarolando como que no ritmo de um barqueiro: “Mais uma vezinha! Mais uma vez! Oh!”

Sliótkin correu até Kvitsinski e começou a se queixar e a choramingar... Aquele pediu-lhe para “não atrapalhar” e pôs-se a executar o plano que havia concebido. Postou-se na frente da casa e começou, por diversão, a explicar a Kharlov que ele havia empreendido um negócio que não era nobre...

– Só mais uma vezinha! Só mais uma vez! – cantarolava Kharlov.

... que Natália Nikolaiévna estava muito insatisfeita com seu proceder e que não esperava isso dele...

– Só mais uma vezinha! Só mais uma vez! Oh! – cantarolava Kharlov.

Enquanto isso, Kvitsinski despachou os quatro cavaleiros mais saudáveis e ousados para o lado oposto da casa para escalarem a parte traseira do telhado. No entanto, esse plano de ataque não escapou a Kharlov; de repente ele jogou as vigas e correu rapidamente para a parte de trás do mezanino. Seu semblante era tão terrível que dois cavaleiros que já haviam conseguido subir até o sótão tornaram a descer imediatamente para o chão pelo cano de esgoto, para grande prazer e até riso dos meninos criados. Kharlov brandiu o punho para eles e, voltando para a parte da frente da casa, tornou a agarrar as vigas e se pôs a sacudir, de novo cantando como um barqueiro.

De repente, ele parou e olhou...

– Maksimka, meu amigo! Companheiro! – exclamou ele – É você que vejo?

Olhei ao redor... De fato, era o moleque Maksimka que se separava da multidão de camponeses e, sorrindo e mostrando os dentes, vinha para a frente. Seu patrão, o seleiro, provavelmente havia lhe deixado passar uns dias em casa.

– Suba aqui, Maksimka, meu fiel servidor – continuou Kharlov –, juntos vamos nos livrar do cruel povo tártaro, dos ladrões lituanos!

Maksimka, continuando sempre a sorrir, começou rapidamente a subir no telhado... Mas o agarraram e arrastaram – sabe lá Deus porque –,

talvez para servir de exemplo para os outros; ele não teria sido de grande ajuda para Martin Petróvitch.

– Bom, tudo bem! Muito bem! – proferiu Kharlov com voz ameaçadora e tornou a pegar as vigas.

– Vikenti Ossípovitch! Permita que eu atire – se virou Sliótkin a Kvitsinski –, é mais para assustá-lo, minha espingarda está carregada com bala de festim. – Mas, antes que Kvitsinski pudesse respondê-lo, o par de vigas dianteiro, que fora furiosamente sacudido pelas mãos de ferro de Kharlov, tombou, se pôs a estalar e desabou no pátio – e, junto com ele, não sendo capaz de resistir, desabou o próprio Kharlov, que caiu pesadamente por terra. Todos estremeceram e se surpreenderam... Kharlov jazia imóvel de bruços, enquanto a barra principal e superior do teto, que caíra atrás do frontão que desabara, se apoiava em suas costas.

XXVIII

Saltaram até Kharlov, rolaram a barra de cima dele e viraram-no de costas; seu rosto estava sem vida, havia sangue em sua boca, ele não respirava, “O espírito saiu dele” – murmuraram os mujiques que se aproximavam. Correram para buscar água no poço, trouxeram um balde cheio, encharcaram a cabeça de Kharlov; saíram pó e sujeira de seu rosto, mas a aparência sem vida permaneceu a mesma. Arrastaram um banco, colocaram-no junto ao terraço de entrada e ergueram o enorme corpo de Martin Petróvitch com dificuldade, puseram-no sentado com a cabeça apoiada na parede. O moleque Maksimka se aproximou, ficou em um joelho, com a outra perna bem afastada e, de maneira um tanto teatral, segurou a mão de seu antigo patrão. Evlâmpia, pálida como a própria morte, permaneceu bem em frente ao pai, olhando imóvel para ele com seus olhos enormes. Anna e Sliótkin não chegaram perto. Todos estavam em silêncio, todos esperavam por algo. Por fim, ouviu-se um som entrecortado e lamuriante da garganta de Kharlov, como se estivesse engasgado... Depois moveu debilmente uma mão – a direita (Maksimka sustentava a esquerda),

abriu o olho direito, suspirou como se estivesse embriagado de uma bebedeira terrível e, lançando um olhar ao redor de si lentamente, balbuciou:

– Que... brado... – e, como se refletisse um pouco, acrescentou: – Ei-lo, o po... tro mur... zelo! – O sangue de repente jorrou espesso de sua boca – todo o corpo se pôs a tremer...

“O fim!” – pensei... Mas Kharlov ainda abriu todo o olho direito (a pálpebra esquerda não se movia, como a de um cadáver) e, fixando o olhar em Evlâmpia, proferiu quase inaudível: – Bem, fi... lha... Eu não te des... – Kvitsinski, com um movimento de mão rápido, acenou para o Pope, que permanecera sempre de pé no terraço de entrada da casa... O velho se aproximou, tropeçando com os joelhos fracos na batina estreita. Mas de repente as pernas de Kharlov, e também o estômago, moveram-se de maneira horrível; uma contração irregular perpassou seu rosto – assim como tremia e contorcia-se o rosto de Evlâmpia. Maksimka começou a persignar-se... Eu estava apavorado, corri até o portão e, sem olhar para trás, apertei o peito contra ele. Um minuto depois, algo zuniu baixo por todas as bocas atrás de mim – e eu entendi que Martin Petróvitch não mais existia.

A barra havia quebrado seu pescoço e o peito se partira, como foi revelado pela autópsia.

XXIX

“O que ele queria dizer a ela, ao morrer?” – perguntava a mim mesmo, ao voltar para casa em meu klepper: “Eu não te des... erdo ou des...culpo?” A chuva tornava a cair, mas eu ia a passo. Queria ficar mais um pouco sozinho, queria entregar-me profundamente às minhas reflexões. Suvenir, que havia partido em uma das telegas, chegou com Kvitsinski. Na época eu era jovem e leviano, mas a súbita (não apenas em alguns aspectos) mudança geral, constantemente chamada em todos os corações de o inesperado ou esperado (tanto faz!) advento da morte, a sua solenidade, importância e veracidade, não podiam deixar de me impressionar. E fiquei espantado...

Mas, com tudo isso, meu olhar infantil e conturbado imediatamente observou muita coisa: ele observou como Sliótkin, rápida e timidamente, como se fosse uma coisa roubada, jogou sua espingarda de lado, como sua esposa e ele no mesmo instante se tornaram objeto de uma repulsa geral, porém silenciosa, como tudo ficou vazio em volta deles... Mas a Evlâmpia, embora fosse culpada, provavelmente não menos do que sua irmã, essa alienação não se aplicava. Ela até provocou certo pesar quando desabou aos pés do pai moribundo. Mas que ela era culpada – isso ainda era sentido por todos. “Ofenderam o velho – proferiu um camponês de cabeça grisalha apoiando-se como um juiz antigo com ambas as mãos e a barba numa vara longa – há pecado em suas almas! Ofenderam!” A palavra “ofenderam” imediatamente foi aceita por todos como uma sentença irrevogável. A justiça do povo falava, eu entendi isso sem demora. Também notei que, no início, Sliótkin não se *atreveu* a dar ordens. Sem ele, levantaram o corpo e levaram para casa, sem lhe perguntar, o padre foi para a igreja buscar as coisas necessárias, enquanto o estaroste correu para a aldeia para enviar uma carroça à cidade. A própria Anna Martínovna não ousou utilizar seu habitual tom autoritário para ordenar que preparassem o samovar “para que tivesse água quente – para lavar o falecido”. Suas ordens eram como pedidos – e ela foi respondida de maneira rude...

Eu me ocupava sempre com a mesma pergunta: o que ele realmente queria dizer à sua filha? Ele queria então deserdá-la ou desculpá-la? Por fim decidi por – desculpar.

Três dias depois, o funeral de Martin Petróvitch aconteceu à custa de mamãe, que se entristeceu muito com sua morte e ordenou que não poupassem gastos. Ela mesma não foi à igreja – porque não queria, como se expressou, ver aquelas duas detestáveis e aquele vil judeuzinho; mas enviou Kvitsinski, eu e Jitkov, embora, a partir desse momento, este último ela já não tratasse com grande importância, mas como se fosse uma camponesa! Ela não permitia ter Suvenir em sua presença e ficou zangada com ele por muito tempo, chamando-o de assassino de seu amigo. Ele sentiu muito essa desgraça: sempre ia e vinha na ponta dos pés pelo aposento vizinho àquele

onde estava mamãe; entregue a certa melancolia inquieta e infame, estremeceu e sussurrava: “Agoga!”

Na igreja e durante a procissão pareceu-me que Sliótkin tornara a “assumir seu papel”. Ele dava ordens e agitava-se como antes e cuidava com avidez para que não fosse gasto nenhum copeque desnecessário, embora isso não se referisse propriamente ao seu bolso. Maksimka, vestido num casaco novo, também concedido por mamãe, elevou no coro de tenor tais notas que, da sinceridade de sua devoção aos mortos, é claro que ninguém poderia duvidar! Ambas as irmãs estavam vestidas de luto, como deve ser – mas pareciam mais confusas do que arrependidas, sobretudo Evlâmpia. Anna assumiu um semblante pobre e humilde, no entanto não se esforçou para chorar e apenas passava sempre sua bela mão seca pelo rosto e cabelos. Evlâmpia estava sempre pensando. Aquela repulsa geral e irrevogável, a condenação que notei no dia da morte de Kharlov apareceu agora no rosto de todos na igreja, em todos os seus movimento e olhares – mas ainda mais grave e como que indiferente. Parecia que todos sabiam do pecado em que a família Kharlov havia caído – aquele grande pecado estava agora sob a jurisdição de um único e justo juiz, e que, portanto, agora não havia a necessidade de eles se incomodarem e se indignarem. Eles oravam com fervor pela alma do falecido, de quem, em vida, não gostavam lá muito e até temiam. A morte chegara muito rápido.

– É como se tivesse bebido, meu irmão – disse um mujique a outro no átrio.

– E não beba até ficar embriagado – respondeu o outro – Coisas assim acontecem.

– Ofenderam – repetiu o primeiro mujique a palavra final.

– Ofenderam – proferiu o outro em seguida.

– O próprio falecido oprimia mesmo vocês? – perguntei a um mujique que reconheci como camponês de Kharlov.

– Foi um patrão, é sabido – respondeu o mujique –, mas ainda assim... o ofenderam!

– Ofenderam... – tornou a se ouvir na multidão.

Junto ao túmulo Evlâmpia também estava como que perdida. Os pensamentos a torturavam... pensamentos duros. Notei que a Sliótkin, que falou com ela poucas vezes, ela tratou como se fosse Jitkov, ou ainda pior.

Passados alguns dias, em nossa vizinhança se espalhou o rumor de que Evlâmpia Martínovna Kharlova saíra da casa paternal para sempre, deixando que a irmã e o cunhado herdassem todos os seus bens e tomando apenas algumas centenas de rublos...

– Foi Anna que a comprou, é evidente! – observou mamãe. – Acontece que eu e você – acrescentou ela se dirigindo a Jitkov, com quem jogava piquet – por quem havia substituído seu Suvenir – temos mãos desajeitadas!

Jitkov olhou com tristeza para a palma de suas mãos fortes... “Elas, desajeitadas!” – parecia pensar ele...

Logo depois mamãe e eu fomos viver em Moscou – e muitos anos se passaram antes que me acontecesse de ver as duas filhas de Martin Petróvitch.

XXX

Mas eu as vi. Encontrei-me com Anna Martínovna da maneira mais comum. Visitando, após a morte de minha mãe, a nossa aldeia, onde não ia há mais de quinze anos, recebi um convite do corretor (naquele tempo o processo de liquidação das fronteiras entre os camponeses e seus antigos proprietários ocorria por toda a Rússia com uma lentidão ainda não esquecida) para uma reunião dos outros proprietários de terras de nosso bairro, a ser realizada na propriedade da viúva Anna Sliótkina. A notícia sobre a não mais existência neste mundo do “judeuzinho” de mamãe com seus olhinhos de ameixa seca cozida, confesso, não me doeu nem um pouco. Mas eu estava interessado em ver sua viúva. Ela tinha fama de ser uma excelente patroa. E, de fato: seus bens, sua propriedade, e a própria casa (olhei involuntariamente para o teto que era de ferro) – se mostravam em perfeita ordem, tudo estava limpo, arrumado, em seu devido lugar – e pintado, como se fosse alemã. Anna Martínovna, é claro, envelhecera; mas

aquele particular, seco e como que perverso encanto que outrora tanto me fascinara, não a abandonara totalmente. Estava vestida de maneira rústica, porém elegante. Ela nos recebeu, não cordialmente – essa palavra não se aplicava a ela – mas com cortesia, e ao ver-me, um testemunho daquela terrível cena, nem mesmo uma pestana tremeu. Não fez a menor alusão a minha mãe, nem ao seu pai, nem à irmã, nem mesmo ao marido aludiu, sua boca apenas se abastecia de água.

Com ela estavam suas duas filhas, ambas muito bonitas, magras, de rostos belos, com uma expressão alegre e afetuosa nos olhos negros; havia um filho, um pouco parecido com o pai, mas também era um menino formidável! Durante o debate entre os proprietários, Anna Martínovna manteve silêncio com dignidade, sem mostrar qualquer perseverança especial, nem uma cobiça especial. Mas ninguém, ao contrário dela, tinha uma percepção mais real de seus próprios interesses e não poderia expor e defender seus direitos de forma mais convincente; todas as leis “pertinentes”, até mesmo circulares ministeriais, ela conhecia bem; falava pouco e com uma voz calma, mas cada palavra atingia o alvo. O resultado disto foi que todos nós concordamos em suas demandas e fizemos tais concessões, o que simplesmente era de se admirar. No caminho de volta, os outros senhores proprietários até repreendiam a si mesmo; todos gemiam e balançavam a cabeça.

– Mas que mulher inteligente! – disse um deles.

– Uma tratante esperta! – interrompeu outro senhor menos delicado – Boca de mel, coração de fel!

– E como é sovina! – ajuntou um terceiro. – Uma dose de vodca e um pedaço de caviar para cada um, como pode ser?

– O que se pode esperar dela? – de repente exclamou um proprietário que até então estivera em silêncio. – Quem não sabe que ela envenenou o marido?

Para minha surpresa, ninguém achou que fosse necessário refutar tal acusação terrível e que, provavelmente, não tinha fundamento em nada! Isto me deixou muito surpreso, pois, a despeito das expressões injuriosas que

citei, todos nutriam respeito por Anna Martínovna, sem excluir o senhor indelicado. O corretor até recorreu à eloquência.

– Coloquem-na no trono! – exclamou ele. – Assim como Semiramida ou Iekatierina, a grande! A obediência dos camponeses – é exemplar... A educação dos filho – exemplar! Que cabeça! Que cérebro!

Semiramida e Iekatierina à parte – não havia dúvida de que Anna Martínovna havia levado uma vida de fato feliz. O contentamento interior e exterior, a saúde física e mental, calma e agradável, assim emanavam dela própria, de sua família, de toda a sua vida. Até que ponto ela merecia tal felicidade... isso é outra questão. No entanto, essas questões são colocadas apenas em sua juventude. Tudo no mundo – bom ou mau – é dado às pessoas não por mérito, mas em consequência de algumas causas ainda desconhecidas, mas que pelas leis da lógica não cabe a mim apontar, embora às vezes pareça-me que as sinto vagamente.

XXXI

Indaguei ao corretor sobre Evlâmpia Martínovna e soube que ela desaparecera depois de sair de casa – e, “certamente, agora já deve ter batido as botas há muito tempo”.

Assim disse nosso corretor... mas eu estava convencido de que *veria* Evlâmpia, de que me encontraria com ela. E assim foi.

Quatro anos depois do meu encontro com Anna Martínovna, estava passando o verão em Murino, uma pequena aldeia perto de São Petersburgo, bem conhecida dos veranistas de classe média. A caça próxima a Murino era muito boa nesta época e eu ia caçar com minha espingarda quase todos os dias. Eu tinha um companheiro, um certo Vikulov, um pequeno-burguês – bastante inteligente e bom sujeito, mas, como ele se referia a si mesmo, de comportamento completamente “perdido”. Não havia lugar onde esse homem não houvesse estado! Nada podia impressioná-lo, ele sabia de tudo – mas só gostava de caça e de vinho. Um dia, voltando com a ele para Murino, tivemos que passar por uma casa solitária que ficava no cruzamento de duas

estradas e cercada por uma alta paliçada apertada. Não era a primeira vez que eu via essa casa, e toda vez ela despertava minha curiosidade: havia algo de misterioso nela, fechado, sombrio e silencioso, algo semelhante a uma prisão ou hospital. Da estrada era possível ver apenas o telhado íngreme pintado de vermelho-escuro. Em todo o muro havia apenas um portão e ele parecia hermeticamente fechado; nunca se ouvia um som vindo detrás deles. Com tudo isso se sente que nesta casa certamente mora alguém: de maneira alguma tinha o ar de uma habitação abandonada. Pelo contrário, tudo nela era tão firme, forte e apertado que poderia resistir a um cerco!

– O que há atrás dessa fortaleza? – perguntei a meu companheiro – Não sabe?

Vikulov piscou com malícia

– Uma construção maravilhosa, suponho? O isprávník local recebe uma boa renda dela!

– Por quê?

– É isso mesmo. Suponho que tenha ouvido falar sobre os khlysty-raskolniki⁴⁶ – que vivem sem pope.

– Ouvi.

– Pois é aqui que se encontra a madre superiora deles.

– Uma mulher?

– Sim, madre; a virgem deles.

– Ora essa?!

– Estou lhe dizendo. É rigorosa, dizem, essa... comandante! Governa milhares! Eu pegaria todas essas governantes... Mas não há o que discutir!

Ele chamou seu Pegachka, um cão maravilhoso, com um faro excelente, mas sem qualquer noção de direção. Vikulov foi obrigado a amarrar sua pata traseira para que ela não corresse com tanta fúria.

Suas palavras se gravaram em minha memória. Eu costumava desviar de propósito para o lado para passar pela casa misteriosa. Então,

⁴⁶ Em meados do século XVII (1652-1658), houve um cisma dentro da Igreja russa que levou à criação de diversas seitas, das quais se destacam os popovtsy, que conservaram a hierarquia eclesiástica, e os bezpopovtsy ou “sem popes”, que a rejeitavam. Os khlysty-raskolniki (*Khlyst* – chibata e *raskólnik* – cismático, dissidente) eram uma seita russa de flagelantes.

certa vez, eu passava por ela quando, de repente, aconteceu o milagre! O ferrolho ribombou atrás do portão, a chave guinchou na fechadura, depois o próprio portão abriu-se silenciosamente – apareceu a cabeça forte de um cavalo com a franja trançada sob um arco pintado – e rolou devagar para a estrada uma pequena telega semelhante àsquelas em que andavam revendedores e cavaleiros dos comerciantes. Na almofada de couro da telega, perto de mim, sentou-se um camponês de cerca de trinta anos, com uma aparência incrivelmente bonita e atraente, vestindo um casaco preto asseado e um kartuz preto enfiado para baixo na testa; ele conduzia com cuidado um cavalo bem alimentado, tão largo quanto um fogão, enquanto ao lado do homem, do outro lado da telega, sentou-se uma mulher de alta estatura e reta como uma flecha. Sua cabeça estava coberta por um xale preto caro; estava vestida com um casaco curto de veludo cor de oliva e uma saia de lã de merino azul-escura; as mãos brancas apoiavam-se uma à outra solenemente, sobre o peito. A telega virou à esquerda na estrada – e a mulher achou-se a dois passos de mim; ela inclinou ligeiramente a cabeça e eu reconheci Evlâmpia Kharlova. Eu a reconheci de imediato e não hesitei por um único momento, pois seria impossível hesitar; os olhos que tinha – e sobretudo aquele tipo de lábios sensuais e arrogantes – eu nunca vira em ninguém. Seu rosto se tornara mais fino e seco, a pele escurecera, viam-se rugas aqui e ali; mas especialmente a expressão desse rosto mudara! É difícil pôr em palavras o quanto ele se tornara arrogante, severo e orgulhoso! Não era a simples serenidade do poder – o poder inebriante que exalava em cada detalhe; o olhar descuidado que ela deixou cair sobre mim conservava o antigo e contumaz hábito de encontrar uma submissão mansa e piedosa. Essa mulher, é óbvio, vivia cercada não de admiradores – mas de escravos; ela, é óbvio, havia até mesmo se esquecido do tempo em que qualquer decreto ou desejo seu não era cumprido imediatamente! Chamei-a em voz alta pelo nome e patronímico; ela estremeceu um pouco, olhou para mim pela segunda vez – não com espanto, mas com raiva e desprezo: quem, dizia, se atreve a me incomodar? E, mal abrindo os lábios, pronunciou uma palavra imperativa. O homem sentado ao seu lado adiantou-se e, com um

aceno de seu braço, atingiu o cavalo com as rédeas – o cavalo partiu a trote forte e rápido, e a telega desapareceu.

Desde então não me encontrei mais com Evlâmpia. De que maneira a filha de Martin Petróvitch havia se convertido na virgem dos flagelantes – eu não podia imaginar; mas quem sabe, pode ser, ela havia fundado uma seita que seria chamada, ou agora já era chamada, pelo seu nome – o evlampismo. Tudo ocorre, tudo acontece.

E era isso o que eu tinha para dizer sobre o meu rei Lear da estepe, sobre a sua família e seus feitos.

O narrador se calou – nós conversamos mais um pouco e voltamos para casa.

2. Introdução

Ivan Serguéievitch Turguêniev (1818-1883), um dos grandes escritores russos, foi prosador, poeta, dramaturgo, crítico e tradutor. A publicação de obras como *Rúdin* (1856), *Ninho de nobres* (1859), *Às vésperas* (1860), *Primeiro amor* (1860), *Fumaça* (1867), por sua qualidade, significou um grande evento para a literatura russa e deu grande notoriedade ao seu autor. Seu romance *Pais e filhos*, de 1862, é certamente a sua obra mais conhecida, considerada uma obra-prima da literatura russa do século XIX. Nele Turguêniev cunhou o termo “niilista”, em seguida amplamente empregado para caracterizar a juventude radical da época, em oposição ao conservadorismo da geração mais velha.

Pelo lado paterno, Turguêniev pertencia a uma antiga linhagem de nobres que já encontrava à beira da falência quando seu pai e sua mãe, uma rica latifundiária, se casaram. Daí Turguêniev ter passado a infância toda em Spásskoie-Lutovinovo, a propriedade da mãe, onde aprendeu cedo a amar a liberdade e a natureza, tão presentes em toda a sua obra.

Em 1827 a família se mudou para Moscou, onde ele estudou até ingressar, em 1834, no curso de Filosofia da Universidade de São Petersburgo, a mais conceituada na época. Em seguida viajou para a Alemanha, para dar continuidade aos estudos na Universidade de Berlim, onde conheceu figuras como Bakúnin e Stankiévitich, então imersos na filosofia idealista alemã e que exerceram grande influência em sua formação. Ali permaneceu até 1841. De regresso à Rússia, concluiu o curso de Filosofia e na mesma época publicou o poema “Paracha”, de 1843, recebendo críticas favoráveis de Bielínski⁴⁷.

Em 1850 Turguêniev liga-se ao grupo da revista *Sovriemienik*⁴⁸, liderado pelo poeta Nikolai Nekrássov. No mesmo ano escreve a novela

⁴⁷ Vissarión Bielínski (1811-1848) foi um ensaísta, filósofo e crítico literário russo. Teve papel importante no desenvolvimento da crítica e da literatura russa ao publicar ensaios sobre os grandes escritores como Liérmontov, Púchkin, Gógol, Dostoiévski, entre outros.

⁴⁸ *O contemporâneo* foi uma revista literária, social e política russa. Criado por Aleksandr Púchkin (1799-1837), considerado o fundador da literatura russa moderna, o periódico foi publicado em São Petersburgo de 1836 a 1866.

Diário de um homem supérfluo, que torna popular a expressão “homem supérfluo”, utilizada para caracterizar os heróis idealistas, porém inativos.

Quanto aos temas de suas obras, nesse primeiro período pode-se perceber a proximidade com a estética da Escola Natural, que procurava representar a vida das pessoas mais pobres com objetividade e possuía um caráter de crítica social. Nesse sentido, de 1845 a 1852, Turguêniev publica a série de contos que compõem sua obra *Memórias de um caçador*, que apresenta uma visão muito sensível do encanto da natureza, além de revelar com todo o realismo a vida dos camponeses.

A infância passada na propriedade rural da mãe teve grande influência sobre essa obra. Isaiah Berlin, por exemplo, em seu livro *Pensadores russos*, afirma que quando criança Turguêniev testemunhou uma cena em que sua avó materna castiga um menino de um de seus servos, sufocando-o até a morte. Segundo Berlin, seriam memórias traumatizantes como essa que o teriam levado a se tornar um defensor da emancipação dos servos.

O escritor russo Leskov, grande admirador de seu conterrâneo, em sua *Nota autobiográfica*, faz o seguinte comentário a respeito da forte impressão que lhe causou a leitura de *Memórias de um caçador*:

Na aldeia vivia em plena liberdade, da qual dispunha como queria. Meus colegas eram filhos de camponeses, com quem vivi e convivi alma a alma. Conhecia os aspectos folclóricos da vida em suas minúcias e detalhes, e também conhecia as menores nuances de como relacionar-me não só com a grande casa senhorial, mas também com nossa "pequena isbá", com a hospedaria e com o pope. E, assim, quando pela primeira vez me trouxeram para ler *Memórias de um caçador* de Turguêniev, eu tremi diante da veracidade das representações e imediatamente compreendi aquilo que chamam de arte. (Tradução nossa)⁴⁹

Acerca do impacto das obras de Turguêniev sobre Leskov, seu filho Andrei Nikoláievitch Leskov, num interessante relato para a revista *Questões de literatura* (Voprosy literatury), escreve:

⁴⁹ LESKOV, 1958. Vol. 11.

O primeiro livro, depois da Bíblia, que ele me deu para ler foi *Memórias de um caçador*. Eu tinha apenas 7 anos. [...] Meu pai considerava Turguêniev mais importante que Gontcharov, como poeta. Cada nova produção de Turguêniev era um acontecimento em nossa casa. (Tradução nossa)⁵⁰

Em sua autobiografia, após tecer um comentário sobre *Memórias de um caçador*, Leskov observa: “É preciso simplesmente conhecer o povo como a própria vida, não estudando, mas vivendo-a”. E foi através da observação da vida cotidiana que Turguêniev construiu a sua estética ao longo de sua carreira literária. O que é perceptível também na novela *O rei Lear da estepe*, objeto central deste estudo. Nela são narrados fatos da vida de uma família provinciana a partir da visão de um jovem que fora vizinho dessa família. Ou seja, a obra está centrada na vivência no campo, narrada de maneira que inspira verossimilhança.

Além dessas características, também é preciso discutir o modelo utilizado para tal narrativa, visto que *O rei Lear da estepe* remete à tragédia *Rei Lear*, de William Shakespeare, que data do início do século XVII.

3. Shakespeare no contexto da literatura russa

Foram muitos os críticos, escritores, diretores teatrais, músicos, que se dedicaram a tentar determinar o significado de Shakespeare para a cultura russa. Para as comemorações de seus trezentos anos, ou seja, em 1864, o historiador de literatura Aliekséi Galakhov publicou um artigo intitulado “Shakespeare na Rússia”, que pode ser considerado como uma das primeiras tentativas de reunir dados sobre as principais traduções, encenações, artigos e demais trabalhos de suas obras no país desde Aleksandr Sumarókov (poeta e dramaturgo russo que viveu de 1717 a 1777), passando por Aleksandr Púchkin, em cuja peça *Boris Godunov* há uma

⁵⁰ YEFREMOVA, V. V. *Memorialnaia biblioteka: N. S. Leskov i kniga*. Disponível em: <http://www.nsleskov.ru/>

relação evidente com a obra shakespeariana, e por Nikolai Leskov (1831-1895), outro entusiasta das obras do escritor inglês.

Vissarión Bielínski, o grande crítico literário da época, também escreveu textos notáveis sobre as peças de Shakespeare e seu papel na dramaturgia e na vida teatral russa. Já nos primeiros trabalhos sobre a história do teatro russo, bem como em revistas teatrais dos anos 40 do século XIX, podem ser encontradas resenhas críticas de traduções e adaptações de dramas do escritor para o russo.

Também Turguêniev, na juventude se propôs a tentar traduzir algumas obras shakespearianas. Em carta a Nikítienko⁵¹, de 1837, o escritor russo diz:

No ano passado dediquei-me à tradução de “Otelo”, de Shakespeare (que não terminei – só traduzi até a metade do segundo ato), de “Rei Lear” (com lacunas grandes) e de “Manfred”. As duas primeiras traduções foram destruídas por mim – elas me pareceram muito ruins após as traduções de Vrontchesk, de Panaiév... Ademais, enveredar-me por essa direção foi um erro – eu não me encaixo como tradutor. (Tradução nossa)⁵²

Em sua coletânea *Memórias de um caçador*, de 1852, há um conto intitulado “Hamlet do distrito de Schigrí”, que em 1975 recebeu uma adaptação para o cinema. O conto apresenta um jovem excêntrico, que vive de maneira banal, exagerando em suas humilhações pessoais e reclamando o tempo todo por não ser uma pessoa original. O que se sobressai no seguinte trecho de sua fala: “[...] A venda me caiu dos olhos: via claro, mais claro que meu rosto no espelho, a pessoa vazia, insignificante, inútil e sem originalidade que eu era!”⁵³ E este não seria um caso isolado, ao contrário, pois no final o personagem afirma que Hamlets assim podem ser encontrados em todos os distritos.

Em 1856, Turguêniev publicou seu primeiro romance, *Rúdin*, cujo protagonista foi associado pelo próprio autor ao tipo de Hamlet, por ser apresentado como uma figura melancólica, de muitas idéias, mas pouca

⁵¹ Aleksandr Nikitenko (1804-1877), historiador de literatura, censor e professor russo.

⁵² TURGUÊNIEV, 1982, T. 1, s. 133.

⁵³ TURGUÊNIEV, 2013, p. 356

prática. Trata-se do mais perfeito retrato do “homem supérfluo” na literatura russa. Na personagem de Rúdin, Turguêniev traça o perfil da juventude da época, inspirada pelos ideais democráticos europeus, mas reprimida pelo regime conservador de Nicolau I, o que a fazia se sentir inútil e nutrir sonhos que era incapaz de realizar. Nada poderia ilustrar melhor esse drama existencial vivido pelo protagonista que o seguinte fragmento da carta de despedida endereçada a sua amada Natália:

[...] Sim, a natureza me deu muito, mas morrerei sem ter feito nada digno de minhas forças, sem ter deixado qualquer vestígio benéfico atrás de mim. Toda a minha riqueza se perderá em vão: não verei os frutos das sementes que plantei. Falta-me... nem eu mesmo sei dizer o que exatamente me falta... Provavelmente, falta-me algo sem o que não se pode nem mover o coração dos homens nem assenhorar-se do coração de uma mulher, e o domínio apenas sobre a mente é tão precário quanto inútil. Meu destino é estranho, quase cômico: entrego-me todo, com avidez, por inteiro – e não consigo me entregar. Acabarei me sacrificando por uma tolice qualquer, em que nem mesmo acreditarei... Meu Deus! Aos trinta e cinco anos ainda continuo a me preparar para fazer algo!...⁵⁴

As previsões se cumprem, pois Rúdin morre após ser atingido por uma bala durante uma revolta do proletariado parisiense contra a burguesia. Pode-se considerar que foi de fato uma morte banal, visto que o levante já estava quase esmagado.

Numa palestra proferida em 1860, que ficou conhecida como *Hamlet e Dom Quixote*, Turguêniev compara os intelectuais russos da época e os divide entre esses dois tipos literários. Hamlet seria um obcecado por si mesmo, imerso numa indecisão e angústia crônica, e com plena consciência de sua fraqueza. Nas palavras de Turguêniev:

[...] é um céptico – e vive eternamente preocupado consigo e obcecado por si mesmo: o que o ocupa não é o seu dever mas sim a sua situação. [...] está consciente de sua fraqueza, mas qualquer consciência de si mesmo é uma força; daí decorre a sua ironia, o oposto do entusiasmo de Dom Quixote.⁵⁵

⁵⁴ TURGUÊNIEV, 2012, p. 144

⁵⁵ TURGUÊNIEV, 2004, p. 305-306

Dom Quixote, por sua vez, é um entusiasta que vive para lutar pelo bem da humanidade: “o servo de uma idéia e, por isso, reluz sob o halo dessa idéia.” É um utópico e idealista, porém sem influência prática.

Como o presente trabalho se refere a uma novela em que Turguêniev faz a releitura de uma peça shakespeariana, é interessante destacar um trecho no discurso *Hamlet e Dom Quixote* em que o escritor russo compara Shakespeare e Cervantes:

No entanto, pensarão alguns, como será possível comparar Shakespeare a Cervantes? Shakespeare, esse gigante, um semideus... Sim; porém Cervantes não faz a figura de um pigmeu junto ao gigante que concebeu *Rei Lear*, mas sim de um ser humano, e de um ser humano em sua totalidade; e um ser humano tem o direito de ficar de pé mesmo diante de um semideus. Incontestavelmente, Shakespeare esmaga Cervantes – e não só a ele – com a riqueza e o poderio de sua fantasia, com o brilho supremo da sua poesia, com a profundidade e a amplitude da sua imensa inteligência [...]

Nessas palavras é possível perceber a grande admiração que Turguêniev nutria pelo dramaturgo inglês, inclusive ao citar sua tragédia *Rei Lear*, que, anos mais tarde, o inspiraria a escrever *O rei Lear da estepe*.

Em 1864, por ocasião das comemorações dos trezentos anos do nascimento do escritor inglês, em seu *Discurso sobre Shakespeare*, Turguêniev discorre acerca da importância da dramaturgia shakespeariana na cultura russa. No trecho abaixo de seu discurso, ao citar a personagem Lear, ele destaca a forma como o dramaturgo inglês examina os mistérios da vida e traz à tona as fraquezas humanas em suas obras:

E, afinal, será que não existe uma relação e uma proximidade especial entre um entendedor implacável do coração humano, como o velho Lear, e que tudo perdoa, entre o poeta, que penetra mais do que ninguém e mais profundamente nos mistérios da vida, e o povo, cujo traço característico principal até hoje consiste numa sede de autoconsciência quase sem precedentes, num estudo incansável de si mesmo – e o povo que também não só não respeita as suas próprias fraquezas como as perdoa nos outros –, o povo, enfim, que não teme mostrar essas mesmas fraquezas a esse mundo de deus,

assim como Shakespeare não receava submeter o lado negro da alma à luz da verdade poética, mas essa luz que ao mesmo tempo não só ilumina como purifica? (Tradução nossa)⁵⁶

Por fim, destacamos sua novela *O rei Lear da estepe*, de 1870, que também guarda estreita relação com a obra *Rei Lear* de William Shakespeare. Quanto à sua recepção na época em que foi escrita, conforme registra Joseph Frank em *Dostoiévski: os anos milagrosos (1865-1871)*, a troca de cartas entre Nikolái Strákhov⁵⁷ e Dostoiévski gerou controvérsias. Strákhov escreveu que *O rei Lear da estepe* havia lhe causado uma “impressão um tanto forte”. Dostoiévski rebate: “Não gostei de jeito nenhum. [...] Uma coisa pomposa e vazia. O tom é baixo.” Strákhov defende que os dons literários de Turguêniev mais do que compensavam suas hesitações ideológicas; já Dostoiévski julga que o escritor não sabia o que dizer sobre determinados fenômenos da vida russa e os tratava com sarcasmo.

Se antes Dostoiévski achava que a capacidade artística de Turguêniev havia enfraquecido devido à sua prolongada residência na Europa, nesse momento sentia que a razão era mais profunda e ia além de sua pessoa, porque era realmente uma literatura da pequena nobreza proprietária de terras. Vale ainda destacar que, na obra *Dostoiévski: do duplo à unidade*, René Girard salienta que Dostoiévski escreve em *Memórias do subsolo* que o russo é incapaz de sustentar até o fim a pose do “belo e do sublime”. Como um verdadeiro mujique, acaba sempre cometendo alguma falta de gosto ou bufonaria que destrói a dignidade e a solenidade de seu próprio teatro. Segundo ele, a imitação russa dos modelos europeus é sempre um pouco forçada, está sempre prestes a cair na paródia.

No que se refere à novela *O rei Lear da estepe*, pode-se afirmar que essas considerações de Dostoiévski de fato poderiam ser aplicadas aos aspectos cômicos provenientes da falta de refinamento de alguns personagens, como veremos mais adiante.

É possível promover um paralelo também entre algumas obras de Turguêniev e Leskov, a fim de levantar as semelhanças e diferenças entre

⁵⁶ TURGUÊNIEV, 1968, T. 15. s. 48

⁵⁷ Nikolái Strákhov (1828 – 1896), filósofo, jornalista e crítico literário russo.

elas, visto que, na mesma época, ambos se dedicaram a escrever obras que remetiam a Shakespeare. Com isso, iniciamos uma reflexão sobre estilização e skaz que será aprofundada mais adiante.

Em 1865 Leskov publicou sua novela *Lady Macbeth do distrito de Mtzensk*⁵⁸ e, cinco anos mais tarde, Turguêniev publicou a obra *O rei Lear da estepe*. Em *Macbeth* de Shakespeare, a esposa planeja as mortes e o marido as executa para, juntos, se tornarem rei e rainha da Escócia. Já na novela de Leskov, entre os principais temas abordados estão o papel submisso das mulheres na sociedade russa do século XIX, o adultério e a vida provinciana. A personagem principal, Katierina Lvovna, planeja e executa friamente diversos assassinatos em nome de uma paixão pelo empregado Serguiéi. Entretanto, ele a abandona e, desolada, Katierina comete suicídio, mas sem se arrepender de seus atos.

Assim como em *Macbeth*, o protagonista de *Rei Lear* faz parte da realeza. Nesta última tragédia, o rei enlouquece após ser traído por duas de suas três filhas, às quais havia legado seu reino de maneira insensata, e também ao perceber que a caçula, sim, a quem ele havia renegado, é que era a filha fiel e amorosa que iria ampará-lo. Em *O rei Lear da estepe*, Martin Kharlov Petróvitch, um proprietário de terras, temendo a chegada da morte, divide sua propriedade entre suas duas filhas. Após tomarem posse da propriedade, elas e o genro passam a maltratá-lo até expulsá-lo de vez de sua casa. Num acesso de raiva, Kharlov retorna e destrói parte da casa com as próprias mãos, mas morre com a queda de uma parede sobre ele.

O que se pode observar é que, enquanto nas tragédias shakespearianas a ação central se dá no meio da nobreza, e gira em torno de questões que envolvem disputa pelo trono e guerras para a conquista de territórios, nas versões russas o drama acontece entre personagens pertencentes a camadas sociais mais baixas, como comerciantes e pequenos proprietários de terras. Ainda que as obras do escritor inglês sirvam como

⁵⁸ Vale dizer que a novela de Leskov inspirou o músico Dmítri Shostakóvitch a compor uma ópera homônima, em 1934, e também ganhou adaptações para o cinema, incluindo *Lady Macbeth da Sibéria*, do polaco Andrej Wajda, em 1962.

impulso para as criações russas, estas estão completamente inseridas na realidade da época em que foram compostas.

Outra característica importante dessas personagens é a referência à força física. Em *Lady Machbeth do distrito de Mtzensk*, Katierina Lvova, no início, durante uma brincadeira com Serguéi, consegue empurrá-lo a ponto de fazê-lo retroceder alguns passos. Já Martin Kharlov, o rei Lear russo, é caracterizado quase como um gigante:

Imaginem um homem de estatura gigantesca! No enorme tronco assentava-se, um pouco de soslaio e sem qualquer sinal de pescoço, uma monstruosa cabeça [...] E que mãos eram as suas – verdadeiras almofadas! E que dedos, que pés!

As características físicas das personagens adquirem grande relevância por remeterem a tipos shakespearianos, que foram ambientados na Idade Média, quando a força, além da inteligência, eram qualidades de primeira importância.

Ressaltamos ainda que o molde inicial com que Leskov começa algumas de suas narrativas também apresenta um ponto de semelhança com esse texto de Turguêniev. Em obras como *A fraude*, *Homens interessantes*, *O peregrino encantado* e o *Anjo selado*, de Leskov, as narrativas são iniciadas com cenas introdutórias em que se tem um grupo de pessoas em geral desconhecidas e reunidas ao acaso. De forma semelhante ao encontro em *Homens interessantes*, em que um grupo se reúne para ler o novo texto de Tolstói que deveria ser publicado na revista *Russkaya mysl*⁵⁹, em *O rei Lear da estepe* seis amigos estão reunidos na casa de um colega de faculdade e a conversa recai sobre Shakespeare. Assim, a narrativa tem início quando um deles alega ter conhecido um rei Lear na Rússia.

Essa forma literária de moldura narrativa, que apresenta uma história dentro de outra história, está presente em muitos clássicos da literatura mundial e tem como propósito principal de conferir verossimilhança à narrativa:

Éramos umas seis pessoas reunidas numa noite de inverno na casa de um antigo colega de universidade. Nossa conversa

⁵⁹ *Pensamento russo* foi uma das mais populares revistas russas fundada em Moscou em 1880.

enveredou para Shakespeare, para seus tipos, para como eram profunda e verdadeiramente arrancados das próprias entranhas da “essência” humana. [...]

– Mas eu, senhores – exclamou nosso anfitrião, homem já de certa idade –, conheci um rei Lear.

– Como assim? – perguntamos-lhe.

– Isso mesmo. Querem que lhes conte?

– Tenha a bondade.

E nosso companheiro sem demora se pôs a narrar.

Num artigo intitulado *As faces de Janus: um olhar sobre a narrativa moldura como procedimento literário*, Medeiros destaca os objetivos desse artifício literário, que, além de tornar a narração mais verdadeira, também tenta prender a atenção do leitor ou ouvinte de maneira mais efetiva:

Além de sua função interna na composição da obra literária, a narrativa moldura serve também como procedimento retórico que empresta um caráter mais intenso, uma atmosfera de verossimilhança ao narrado, além de estabelecer uma provocação à curiosidade do leitor.⁶⁰

Podemos citar diversos exemplos de utilização dessa moldura, que vão desde *As mil e uma noites*, com Sheherazade contando histórias para o sultão como forma de adiar a própria execução; *Decamerão*, de Boccaccio, em que dez jovens se refugiam da peste em um castelo e trocam histórias para passar o tempo; *Os contos da Cantuária*, onde as personagens contam histórias durante sua peregrinação para a catedral de Canterbury; *Uma história lamentável*, de Dostoiévski; no conto *O espelho*, de Machado de Assis, até *Noite na taverna*, de Álvares de Azevedo, com jovens boêmios relembrando suas histórias macabras.

4. O *skaz* e a questão do narrador

Tanto *Lady Macbeth do distrito de Mtzensk* quanto *O rei Lear da estepe* são obras concentradas, de seqüência temporal, em que são privilegiados certos momentos particulares e certas cenas, deixando como

⁶⁰ MEDEIROS. Dossiê 2. p. 3

pano de fundo a vida do povo, da casa e o passado das personagens. Estas obras também trazem à tona a figura de um narrador que concede um traço de oralidade e veracidade à narrativa, como se o caso narrado tivesse realmente acontecido. Esse tipo de narração é chamada *skaz*⁶¹.

Em seu texto “La ilusión del *skaz*”, Boris Eichenbaum entende que essa é uma forma de prosa narrativa que em seu léxico, em sua sintaxe e na escolha de entonações revela uma orientação para o discurso do narrador. Além disso, é caracterizada pelo uso da linguagem oral com nuances profissionais ou sociais específicas: a linguagem do agricultor, do intelectual, do pequeno burguês, do sacerdote etc. O princípio do *skaz* requer a linguagem sutil do narrador não apenas no aspecto da entonação e da sintaxe, mas também no aspecto lexical, isso porque o narrador deve dominar um vasto vocabulário e uma vasta fraseologia para orientar o discurso oral das diversas personagens.

Acerca de Turguêniev, Eichenbaum afirma:

Em *Memórias de um caçador*, Turguêniev é o narrador oral e este é seu tom verdadeiro. Se sente que suas histórias realmente são narradas por alguém; muitas vezes até mesmo são construídas, à primeira vista, sobre a ilusão de uma narração oral verdadeira e reconhecida, tal como *Primeiro amor*, *A história do pai Aleksiéi*, *Hamlet do distrito de Schigrí*, *Uma relíquia viva*.” (Tradução nossa)⁶²

Nessa lista poderíamos acrescentar ainda a novela *O rei Lear da estepe*, pois ela apresenta esse narrador que dá a ilusão de estar de fato contando uma história.

Além de Eichenbaum, o filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin também discorre sobre alguns fenômenos metalingüísticos e tipos de discurso e de narrativa que poderão nos auxiliar a penetrar na estrutura narrativa de *O rei Lear da estepe*, que tem como narrador um personagem da história dotado de um discurso próprio, portanto distanciado do autor.

Nesse sentido, pelas características apontadas por Bakhtin, como *O rei Lear da estepe* foi escrito em primeira pessoa, pode-se dizer que se trata

⁶¹ Do verbo *skazat* – dizer, falar, contar.

⁶² EICHENBAUM, 1992, p. 115

da forma do skaz, que, para o crítico, é introduzida em função da voz do outro. Em geral, esse narrador pertence a camadas sociais mais baixas e apresenta um discurso falado com pontos de vista necessários ao autor. Vemos que as opiniões expressas nesse discurso podem refletir a visão do próprio autor:

Tanto a narração como o skaz puro podem perder toda a convencionalidade e tornar-se discurso do autor, intérprete direto das suas idéias. Assim é quase sempre o *skaz* em Turguêniev. Ao introduzir o narrador, Turguêniev, na maioria dos casos, não estiliza absolutamente na maneira individual e social *dos outros* de conduzir a narração. [...] O *skaz* em Turguêniev é plenamente significativo e nele há uma voz que traduz diretamente a idéia do autor.⁶³

Acreditamos que o narrador de *O rei Lear da estepe* atua dessa forma, ou seja, apresentando uma visão de mundo e expressando opiniões que seriam as do próprio Turguêniev. Na obra de Leskov, o narrador, que é desconhecido, no início utiliza como argumento para contar a história o fato de existirem muitos tipos peculiares em sua região. Já na novela de Turguêniev o narrador que introduz a narrativa é um dos homens que estão reunidos numa casa e ouvem todo o relato de um dos colegas que está narrando uma história da qual foi testemunha. De acordo com a classificação de Brooks e Warren, este narrador seria um “personagem-observador, que participa mais ou menos da ação”, pois limita-se a narrar sem fazer praticamente nada.⁶⁴

Vale destacar, como afirma Henry James em seu ensaio de 1884 dedicado ao escritor russo, que ele criava seus personagens a partir de pessoas da vida real:

O germe de uma história, para ele, jamais era uma questão de trama – essa era a última coisa em que pensava: tratava-se da representação de certas pessoas. A primeira forma em que um relato surgia para ele era na figura de um indivíduo, ou numa combinação de indivíduos, que ele desejava ver em ação, convicto de que tais pessoas deveriam fazer algo muito especial e

⁶³ BAKHTIN, 1981, p. 165-166

⁶⁴ CARVALHO, 1981, p. 4

interessante. Elas se erguiam à sua frente bem definidas, nítidas, e ele queria conhecer, e mostrar, o mais possível de sua natureza.⁶⁵

Dessa forma, Turguêniev centrava suas narrativas nas ações e reflexões dos personagens, e também na representação do cotidiano, a fim de nos mostrar a vida em si mesma, como ela realmente é.

Como vimos, tanto Leskov quanto Turguêniev utilizam-se do *skaz*, mas Bakhtin apresenta uma grande diferença entre eles:

Achamos que Lieskóv recorria ao narrador em função do discurso social de um outro e da mundividência social de um outro, e, já pela segunda vez, em função do *skaz* verbal (tendo em vista que estava interessado no discurso popular). Já Turguêniev fazia o contrário; procurava no narrador precisamente uma forma verbal de narrativa, porém em função da expressão *direta* das suas idéias. É-lhe de fato inerente a orientação para o discurso falado e não para o discurso de um outro. Turguêniev não gostava e nem sabia refratar suas idéias no discurso de um outro. Saía-se mal no discurso bivocal (por exemplo, nas partes satíricas e parodísticas de *A Fumaça*). Por este motivo escolhia narrador do seu meio social. Esse narrador devia falar necessariamente uma linguagem literária, sem levar até o fim o *skaz* verbal. A Turguêniev importava apenas vivificar o seu discurso literário com entonações do discurso falado.⁶⁶

Quanto à linguagem, vemos que Leskov tem maior tendência para o discurso popular oral. Em Turguêniev, o mais próximo que foi possível observar na reprodução da fala popular são erros de pronúncia e peculiaridades na fala de alguns personagens de *O rei Lear da estepe*. O protagonista, Kharlov, por exemplo, fala “Suéchia” em vez de “Suécia”: “– Nossa linhagem é da Suéchia (era assim que ele pronunciava a palavra “Suécia”); Kharlus veio da Suéchia [...]”.

Já o menino Maksim “por estranha brincadeira do acaso sabia ler sílabas”. O trecho a seguir mostra sua dificuldade com a leitura, fazendo cortes nas palavras e mudanças de acento. Além disso, o narrador reproduz sua cantoria que é incompreensível:

⁶⁵ JAMES, 2004, p. 347

⁶⁶ BAKHTIN, 1981, p. 167

“Mas o homem apaixonado tira do espaço vazio, o qual encontra nas criaturas efeitos completamente contraditórios. Cada criatura em particular, diz ele, não é capaz de me fazer muito feliz!” e etc. – ou entoava uma cançãozinha tristonha, com uma vozinha fina, da qual só era possível distinguir: “I... i... é... i... é... i... Aaa... sca!.. O... u... u... bi... i... i... i... la!”

O cunhado de Martin Petróvitch, Suvenir, é outro personagem cuja fala merece atenção, pois pronunciava a palavra “agora” de maneira errada, sendo assim, optamos por traduzir como “agoga”. E, por fim, citamos Sliótkin, o genro do protagonista, que em dado momento gagueja e erra ao dizer “ótimo”, escolhemos, então, traduzir por “óte-ótemo”. No final deste estudo, há um comentário mais abrangente e explicativo acerca das soluções encontradas para a tradução desses desvios nas falas dos personagens, além de outras questões tradutológicas.

Também são encontrados outros trechos que denotam traços de oralidade à narrativa. No primeiro capítulo, ao descrever Martin Petróvitch, o narrador dá um conselho, dizendo: “Se vislumbrá-lo, não desvie o olhar!” Em seguida, mostra admiração com o tamanho de Kharlov e exclama: “E que mãos eram as suas – verdadeiras almofadas! E que pés!”.

Dando continuidade à descrição física de Kharlov, o narrador utiliza-se de uma pergunta retórica: “De gravatas nunca o vi, além do mais, em volta do que haveria ele de atar uma gravata?” O narrador também faz um comentário jocoso que aparece entre parênteses quando Martin Petróvitch tenta explicar a origem de sua linhagem, mas comete um erro: “[...] e chegou à Rússia no reinado de Ivan Vassílievitch, o Obscuro (eis quando!)” Inclusive, o narrador acrescenta diversas informações entre parênteses ao longo da novela.

No capítulo II encontramos novo sinal de oralidade no trecho em que o narrador evita desviar o rumo de sua narrativa: “Kharlov era patrão decente, tinha trezentas deciátinas de terras, que fora construindo aos poucos, uma vez que os camponeses o obedeciam em tudo – mas não há porque falar disso!” No capítulo seguinte destacamos a última frase que contém um comentário do narrador sobre um episódio em que Suvenir

aborreço Kharlov e por pouco não apanha: “Em que panqueca não teria se transformado Suvenir se essas vigorosas mãos o tivessem acertado!”

Em seguida, o narrador comenta a mudança de tratamento de Kharlov em sua fala, diante da necessidade de mostrar-se mais formal: “Por aqui, faça o favor, por aqui – acrescentou ele, dirigindo-se a mim e chamando-me com o dedo indicador, insistindo para entrar. Em sua casa não me tratava por “você”: o patrão precisava ser polido.” Quando Dmítri e Kharlov voltam a ficar a sós, o narrador diz que o protagonista tornara a “cair no você”, para indicar a mudança para um tratamento mais informal.

O narrador inicia o capítulo IX relembrando a seus interlocutores uma informação já fornecida anteriormente para apresentar mais detalhes de determinado personagem: “Acho que já lhes contei, senhores, que mamãe reservava um noivo para essa segunda filha de Kharlov.” No próximo capítulo Martin Petróvitch chega atordoado à casa de Natália Nikolaiévna e sua frase entrecortada é reproduzida, durante a narrativa, sem o habitual uso do travessão ou aspas para indicar que se trata da fala de um personagem: “Martin Petróvitch cravou-lhe os pequenos olhos, em silêncio, deu um suspiro pesado, continuou em silêncio e, por fim, explicou que viera por um assunto... que... era de um tipo, que por causa...”

No capítulo XI o narrador mostra que ele e seus interlocutores compartilham certo conhecimento e ainda aproveita para fazer um comentário jocoso:

A divisão temporária do tribunal do zemstvo consiste, como se sabe, em um isprávník, um advogado e um stanovói; mas o stanovói ou, de fato, não estava presente, ou ficou em segundo plano, de modo que não o notei; aliás, em nossa província ele carregava a alcunha de “insignificante”.

Já no trecho a seguir há um comentário do narrador em que este expressa as suas impressões sobre o estado de espírito de Martin Petróvitch após a solenidade da partilha de seus bens, assim como ainda reproduz a perplexidade dos camponeses com toda a situação:

Essa nova e singular expressão combinava tão pouco com as feições amplas e corpulentas de Martin Petróvitch que eu, decididamente,

não sabia o que pensar! Seria uma nova crise de melancolia? Parece que os camponeses, por seu lado, também estavam perplexos. De fato: “O patrão ainda está vivo – e merece, ainda mais tal patrão: Martin Petróvitch!” E de repente não pode mais possuí-los... “É assombroso!”

Como já foi dito, o narrador inclui vários comentários entre parênteses durante a narrativa. Neste exemplo, presente no capítulo XV, essas inclusões contribuem para a construção da imagem que se forma durante a fala de Kharlov: “Mas o Senhor Deus sabe (nisso ele ergueu a mão para o céu) que é mais fácil a Terra se despedaçar do que eu renunciar à minha palavra, ou... (nisso ele até bufou) ou me acovardar, ou me arrepender do que fiz!” Logo em seguida há novo trecho em que a fala do personagem é repetida, aparentemente sem alterações, mas sem que haja travessão ou aspas:

[...] dizia que, para ele, o mais terrível seria morrer sem confissão, de um colapso, e fez uma promessa para si mesmo: não se irritar, pois assim o sangue do coração apodrece e sobe para a cabeça... Além do mais, ele agora se afastara de tudo; por que diabos haveria de se irritar? Agora deixe que os outros trabalhem e estraguem o sangue!

Vale também salientar que, no texto original, diversas palavras estão em itálico como se forma de indicar uma entonação diferente. Um exemplo é quando Natália Nikolaiévna questiona se seria este o momento apropriado para Kharlov fazer a partilha de seus bens entre as filhas: “– Ora, está bem, está bem – mamãe apressou-se em acalmá-lo –, mas ainda assim não compreendo por que inventou *agora* de dividir entre elas?” Outro exemplo é quando o narrador volta para a aldeia e fica sabendo, através de seu criado Prokófi, que Kharlov havia sido subjugado pela família e que, em breve, iriam “correr com ele de casa”: “A idéia de que seria possível por a *correr* um tal gigante de maneira alguma me entrava na cabeça.”

Outro recurso utilizado para expressar a entonação de fala é a separação de sílabas, como vemos na fala de Natália: “– E faça Sliótkin saber – continuou mamãe – que eu ordeno que venha até mim... Ouviu bem? Or... de... no!” Dessa forma podemos imaginar o tom grave com que a

personagem proferiu tal ordem. Se essa particularidade da entonação não é expressa graficamente, também é explicada pelo narrador, como no momento em que Jitkov, ao exprimir seu desprezo por Sliótkin, destaca bem cada letra de sua frase: “– A víbora – começou ele, pronunciando cada letra de cada sílaba com um cuidado amargo –, seu agulhão feriu-me e toda a minha vida e esperanças viraram cinzas!” No capítulo XXII também há uma frase de Kharlov com palavras entrecortadas por reticências, representando o cansaço e a fala ofegante: “– Natália Nikolaiévna... na... eu vim... de casa direto para cá cor...rendo à pé...”

Quando Kharlov já está destruindo a casa, arrancando todo o seu telhado, embaixo a família tenta convencê-lo a parar e descer. O narrador destaca a mudança de tratamento existente no apelo da filha caçula, Evlampia: “– Pare com isso, pai; desça (Evlâmpia não lhe disse “paizinho”) [...]” Essa mudança na forma de tratamento pode significar um desejo da filha de demonstrar respeito pelo pai, pois a maneira como se dirige a ele é muito formal.

No capítulo XXVII há um trecho narrado de maneira diferenciada, que se refere ao momento em que Kvitsinski tenta intervir para fazer Martin Petróvitch descer do telhado:

[...] Postou-se na frente da casa e começou, por diversão, a explicar a Kharlov que ele havia empreendido um negócio que não era nobre...

– Só mais uma vezinha! Só mais uma vez! – cantarolava Kharlov.

... que Natália Nikolaiévna estava muito insatisfeita com seu proceder e que não esperava isso dele...

– Só mais uma vezinha! Só mais uma vez! Oh! – cantarolava Kharlov.

Este chega a ser um episódio cômico, pois Kharlov ignora completamente Kvitsinski e continua a cantarolar como um barqueiro. Essa situação é demonstrada no texto através da intromissão da fala de Kharlov no meio da narrativa, que, por sua vez está reproduzindo o discurso que Kvitsinski pronuncia em vão.

Após cair do telhado, Martin Petróvitch profere palavras que estão com as sílabas destacadas: “– Que... brado... – e, como se refletisse um pouco, acrescenta: – Ei-lo, po... tro mur... zelo!” Dessa vez, no entanto, a intenção não era denotar gravidade na entonação como apontamos anteriormente. Agora as sílabas estão separadas porque Kharlov está à beira da morte e consegue apenas balbuciar suas últimas palavras. Esse recurso, inclusive, contribui para um clima de suspense na obra, como veremos mais adiante.

No capítulo XXIX o narrador, Dmítri, faz um comentário muito breve que, no entanto, nos lembra um narrador onisciente, que penetra na consciência de seus personagens: “Os pensamentos a torturavam... pensamentos duros.” Acreditamos que seja uma tentativa de nos fazer crer que Evlâmpia estava arrependida.

Dessa forma, vemos que em Turguêniev há orientação para o discurso falado e suas características, como a entonação de fala, particularidade de pronúncia, sintaxe e léxico próprios da linguagem oral. Entretanto, percebemos que há mais proximidade de sua própria visão com as impressões do narrador que, por sinal, pertence a sua camada social, pois se trata de universitários.

5. *Rei Lear* e *O rei Lear da estepe*: estilização

Já no título da novela de Turguêniev, vemos uma relação com a obra de Shakespeare que está presente no enredo de ambas, pois tratam da questão da partilha da herança de um pai entre as filhas, e seus desdobramentos trágicos.

A tragédia *Rei Lear* de William Shakespeare é uma peça em cinco atos que foi encenada pela primeira vez em 1606. A obra narra a história do rei da Bretanha, Lear, que decide dividir o reino entre suas três filhas, pois está chegando à velhice. São elas: Goneril, esposa do Duque da Albânia; Regana, esposa do Duque da Cornualha, e Cordélia, a favorita do rei, que

tinha por pretendentes o Rei da França e o Duque da Borgonha, mas se recusava a casar para permanecer ao lado do pai.

Durante a partilha, o rei Lear pede às filhas que expressem o amor que sentem por ele. Goneril e Regana fazem discursos grandiosos, porém hipócritas. Cordélia declara sua gratidão e amor ao pai de maneira simples e sincera, recusando-se a fazer um discurso pomposo, e assim irrita o rei, que a deserdar e a expulsa do reino, entregando-a sem dote ao rei da França. O conde de Kent tenta defender Cordélia, mas também é banido.

Enquanto isso, outra trama familiar se desenrola: o Conde de Gloucester também expulsa seu filho Edgar, por acreditar que este planeja matá-lo para herdar seus bens, o que, entretanto, não passa de uma conspiração de Edmundo, seu filho ilegítimo.

Após a partilha, o rei Lear deveria dispor de uma corte de cem cavaleiros e alternar a hospedagem entre a casa de Goneril e Regana. No entanto, as duas não cumprem o acordo nem a promessa feita em seus discursos, reduzem o número de cavaleiros do rei e ordenam que suas ordens sejam ignoradas. Por fim, o velho rei é expulso da casa, na companhia apenas do bobo da corte e de Kent, disfarçado de serviçal.

Além desse enredo, interessa-nos ainda que tanto Goneril como Regana tentam seduzir Edmundo, que se torna chefe do exército inglês. Regana declara que se casará com Edmundo, mas é envenenada por Goneril, que se mata quando sua traição é descoberta. Condenada por Edmundo, Cordélia é enforcada e o rei Lear finalmente morre com a filha nos braços.

O rei Lear da estepe, de Ivan Turguêniev, é uma novela dividida em trinta e um capítulos que foi publicada em 1870. O protagonista da história é Martin Petróvitch Kharlov, um proprietário de terras que, por pressentir a chegada da morte, decide dividir seus bens entre as filhas: Anna, a mais velha, é casada com Sliótkin, um homenzinho ambicioso, e Evlâmpia, sua preferida, é noiva de Jitkov, um major reformado. Kharlov exige apenas uma mesada para ter com que se sustentar. No entanto, assim como na tragédia shakespeariana, as filhas não respeitam o acordo e expulsam o pai de casa. Além disso, Evlâmpia desmancha seu noivado com Jitkov e torna-se

amante do cunhado. Num acesso de raiva, Kharlov destrói a casa com as próprias mãos e morre atingido por uma parede que cai sobre ele.

Outros personagens que merecem destaque são Natália Nikolaiévna e Suvenir. Natália era vizinha de Kharlov, por quem tinha grande consideração, pois ele salvara sua vida, impedindo que sua carruagem caísse numa ravina. Ela o casou com uma jovem que criara e, desde então, eles se tornaram amigos. Natália procurava aconselhá-lo e ajudara na criação de suas filhas, enquanto ele a considerava sua benfeitora. Suvenir é cunhado de Kharlov e faz o papel que seria equivalente ao do bobo da corte em *Rei Lear*, pois não perde uma oportunidade para zombar do protagonista, criticá-lo e até humilhá-lo.

O narrador da história, Dmítri Semiónovitch, também é um personagem de grande importância. Todos os fatos são apresentados ao leitor através do seu ponto de vista, pois ele é filho de Natália Nikolaiévna e presenciou esses acontecimentos até os quinze anos de idade. Depois da morte de Kharlov, ele e a mãe se mudam para Moscou. Quinze anos depois, o narrador retorna às suas terras, após a morte da mãe, e revê Anna, viúva e mãe de três filhos, administrando bem sua pequena área. Quatro anos depois, quando passava o verão em Murino, ele avista Evlâmpia e descobre que esta se tornou uma madre severa de um mosteiro nas proximidades.

Ou seja, Turguêniev faz aqui uma releitura da obra de Shakespeare. E, como afirma Wolfgang Kayser, “não é indício de falta de originalidade não ter o autor inventado o assunto da sua obra, mas sim tê-lo adaptado.”⁶⁷ A fonte para assuntos podem vir de mitos, notícias de jornais, narrativas orais, acontecimentos cotidianos ou de outras obras literárias. Shakespeare, por exemplo, inspirou-se em novelas italianas. O importante é o tratamento que o escritor dá ao assunto:

As modificações serão tanto mais expressivas para as novas energias produtoras, devotadas à obra. A cuidadosa análise da maneira como a fonte é aproveitada, no todo ou nos pormenores, a observação demorada e interpretação de todas as modificações, prometem por um lado reconhecimentos profundos da obra e, mais

⁶⁷ KAYSER, 1985. p. 51

ainda, da essência poética, e, por outro lado, favorecem o conhecimento do poeta, da corrente, da época.⁶⁸

Turguêniev não seguiu a forma, pois escreveu uma novela em vez de uma peça teatral, mas realizou em sua obra uma correspondência com a do escritor inglês, já que *O rei Lear da estepe* também tem um sentido trágico. Dessa forma, Turguêniev utilizou-se da estilização, um recurso que foi teorizado por Mikhail Bakhtin, teórico e filósofo da linguagem, e por Iuri Tynianov, escritor e crítico literário.

No livro *Dostoiévski e Gógol (por uma teoria da paródia)*, Tynianov dá uma definição de estilização e também de paródia, explicando que esses recursos estão próximos, apesar de seguirem por caminhos opostos. Eles estão próximos por deixarem explícita a relação com determinada obra ou gênero, mas também estão em oposição pela maneira com que conduzem essa relação e seu conseqüente sentido final. Como explica Tynianov, enquanto a paródia diverge em sentido com a obra parodiada, a estilização segue para o mesmo sentido da obra estilizada:

A estilização está próxima da paródia. Uma e outra levam uma vida dupla: por trás do plano da obra reside outro plano, que é estilizado ou parodiado. Mas na paródia é obrigatória a discrepância entre os dois planos, a inversão deles; a paródia da tragédia será a comédia (pouco importa se através da ênfase do trágico, ou do exagero de elementos cômicos), a paródia da comédia pode ser a tragédia. Na estilização não existe tal disjunção, há, pelo contrário, uma correspondência entre os dois planos: o plano estilizante e o estilizado, que deixa entrever o primeiro. (Tradução nossa)⁶⁹

No quinto capítulo de *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin trata da dicotomia *paródia versus estilização* reafirmando a idéia de que, em ambas, a palavra do outro é revestida de significação:

A estilização pressupõe o estilo, ou seja, pressupõe que o conjunto de procedimentos estilísticos que ela reproduz teve, em certa época, significação direta e imediata, exprimiu a última instância da significação. [...] A idéia objetivada do outro (idéia artístico-

⁶⁸ Ibidem, p. 55

⁶⁹ TYNIÁNOV, 1929, s. 416

objetiva) é colocada pela estilização a serviço dos seus fins, isto é, dos seus novos planos. O estilizador usa o discurso de um outro como discurso de um outro e assim lança uma leve sombra objetiva sobre seu discurso.⁷⁰

Na novela russa a estilização pressupõe as tragédias shakespearianas, que abordavam questões éticas e morais presentes em meio aos nobres e a política inglesa, para apresentar dilemas morais entre camponeses e pequenos proprietários de terras russos.

Os desdobramentos trágicos da obra *O rei Lear da estepe* colocam em evidência de que a novela trata de uma estilização de *Rei Lear* de Shakespeare. Dessa forma, também é possível estabelecer um diálogo entre ambas e, de acordo com a teoria bakhtiniana, o estabelecimento desse diálogo é da vontade do autor que realizou a estilização:

O ponto crucial é que o estilizador constrói o seu enunciado de modo que a voz do outro seja ouvida através da sua própria. Caso contrário, se ele quisesse que sua fonte não fosse detectada e construísse a seu enunciado dessa maneira, a voz do outro se converteria num andaime e teríamos um enunciado do primeiro tipo. Mas, se ele quer que a voz do outro seja ouvida e que ele próprio seja ouvido como concordando com e talvez reforçando essa voz, o enunciado passa a ser bivocalizado.⁷¹

A estilização apresenta um enunciado bivocalizado que deixa entrever mais de uma voz, pois não é possível ignorar a referência da obra estilizante à estilizada. Dessa forma, a novela russa imediatamente nos remete às tragédias shakespearianas e seus estudos psicológicos, além dos temas políticos e morais. De fato, Turguêniev deixa clara a relação com a tragédia inglesa não só no título como já nos primeiros parágrafos da novela. Além disso, utiliza-se da estilização e não da paródia, o que torna ainda mais evidente que se trata de uma homenagem a Shakespeare.

Como vimos, enquanto na tragédia de Shakespeare a ação se dá em meio à nobreza, na novela de Turguêniev o foco está em camadas mais baixas da sociedade. O protagonista é um proprietário de terras que diz

⁷⁰ BAKHTIN, 1981, p. 164

⁷¹ MORSON; EMERSON, 2008, p.166-167

possuir linhagem nobre, no entanto, por pronunciar uma palavra incorreta e ter pouca formação, sua explicação sobre o assunto se transforma num episódio cômico:

Ele era orgulhoso; mas não era de sua força que se orgulhava, mas de seu título, de sua origem, de sua inteligência e sensatez.

– Nossa linhagem é da Suéchia (era assim que ele pronunciava a palavra “Suécia”); Kharlus veio da Suéchia – assegurava ele – e chegou à Rússia no reinado de Ivan Vassílievitch, o Obscuro (eis quando!); e o sueco Kharlus não quis ser um conde finlandês – preferiu ser um nobre russo e registrar-se no livro de ouro. Eis de onde nós, os Kharlov, viemos!.. É por essa mesma razão que nós todos, os Kharlov, nascemos loiros, com o rosto de olhos claros e límpidos! Porque somos filhos da neve!

– Sim, Martin Petróvitch – tentei objetar –, não era absolutamente Ivan Vassílievitch, o Obscuro, mas Ivan Vassílievitch, o Terrível. O grão-príncipe Vassili Vassílievitch é que era chamado de o Obscuro.

– Que mentira – respondeu-me Kharlov calmamente –, se eu estou dizendo é porque é assim!

Logo em seguida é apresentada outra cena em que a pouca instrução de Kharlov contribui para criar um efeito humorístico no texto:

Numa outra vez, um alto funcionário de passagem, recebido por minha mãe, inventou de zombar de Martin Petróvitch. Este tornou a se pôr a falar sobre o sueco Kharlus que viera para a Rússia.

– No tempo dos Afonsinhos? – interrompeu o alto funcionário.

– Não, não no tempo dos Afonsinhos, mas no tempo do grão-príncipe Ivan Vassílievitch, o Obscuro.

– Então eu suponho – prosseguiu o alto funcionário – que a origem do senhor seja muito mais antiga e remonte, até mesmo, ao tempo antediluviano, quando ainda existiam mastodontes e megalodontes.

Estes termos científicos eram inteiramente desconhecidos a Martin Petróvitch, mas ele entendeu que o alto funcionário zombava dele.

Apesar de sua pouca instrução e de não pertencer à nobreza, Kharlov estava tão convencido de seu poder como se fosse de fato um rei:

[...] esse gigante estava acostumado a considerar as pessoas todas como ignorantes. Confiava muito em si mesmo e, decididamente, a ninguém temia. “Por acaso podem fazer algum mal para mim? Onde no mundo estaria essa pessoa?” – perguntava ele e, de repente, se punha a gargalhar com um riso curto, mas estrondoso.

Vemos aqui uma semelhança com o rei Lear, que exige que as filhas o elogiem e declarem seu amor por ele para mostrar que são dignas de receber sua herança.

No segundo capítulo da novela são apresentadas algumas informações sobre Natália Nikolaiévna, mãe do narrador, que nos permite compará-la ao Conde de Kent da peça shakespeariana, por ser uma personagem que está sempre ao lado do protagonista, tentando aconselhá-lo e ampará-lo. Mas, enquanto na peça inglesa, Kent foi rechaçado pelo rei Lear e teve que se disfarçar de serviçal para aproximar-se dele, na novela russa a relação de Martin Petróvitch e Natália Nikolaiévna é bastante amistosa, e conta com uma proteção e admiração mútuas. É interessante destacar que no capítulo seguinte há um novo episódio que reforça a falta de familiaridade de Kharlov com o estudo e a escrita, que se revela quando ela o convoca para servir de testemunha a um testamento espiritual por ela redigido:

[...]ele foi para casa buscar seus óculos redondos de ferro, sem os quais não podia escrever; e, com os óculos no nariz, ao longo de um quarto de hora, ofegando e resfolegando, mal conseguiu traçar sua patente, nome, patronímico e sobrenome, sendo que dispôs com letras quadrangulares e garrafais, com pernas e floreios, e, depois de realizar o seu trabalho, comunicou que estava cansado e que para ele escrever e catar pulga eram a mesma coisa.

No capítulo IV descobrimos que Martin Petróvitch sofria de momentos de melancolia e meditativos. Quando isso acontecia, ele chamava seu menino criado Maksim para ler o único livro que, por algum motivo desconhecido, havia em sua casa. Esse livro era um volume da revista maçônica chamada “Uma trabalhadora descansando”. O moleque então lia com muita dificuldade ou entoava uma canção tristonha para entreter o patrão. Além disso, Kharlov tinha em seu gabinete o quadro de uma vela acesa sendo soprada por todos os lados, no qual se lia a inscrição: “Assim é a

vida humana”. Mas esse quadro só ficava a mostra nos momentos de melancolia, dessa forma, o narrador conclui que Kharlov temia a morte.

Em seguida somos apresentados ao cunhado de Kharlov, um personagem que claramente faz o papel que seria do bobo da corte em *Rei Lear*:

Homens fortes como Martin Petróvitch costumam a maioria das vezes ser de temperamento fleumático; ele, ao contrário, irritava-se com bastante facilidade. Costumava perder a paciência sobretudo com o irmão de sua falecida esposa, que se abrigava em nossa casa na qualidade de bobo ou agregado – um tal de Bitchkov, que desde a infância fora apelidado de Suvenir e assim ficou.

Não fica clara a razão de ter o apelido de Suvenir. No entanto, é possível supor que, assim como o bobo da corte da tragédia shakespeariana assume o papel de consciência do rei, Suvenir está presente na novela para lembrá-lo de que foi um erro confiar em suas filhas e de que deveria puni-las por sua ingratidão, conforme havia prometido na solenidade da partilha de seus bens. Ao longo de toda a obra, Suvenir incomoda e irrita os demais personagens, mas, principalmente Kharlov. Com este faz zombarias, é rude e chega até a xingá-lo:

Ouvia atrás das portas, mexericava e, o pior, “amolava”, irritava – outrem com quem nada tinha –, e “amolava” de tal modo como se tivesse o direito, como que se vingando por algo. Chamava Martin Petróvitch de irmãozinho e não se cansava de importuná-lo.

A descrição física de Suvenir condiz com sua personalidade tortuosa e grosseira:

De um lado da boca faltavam-lhe todos os dentes, o que dava a seu pequeno rosto enrugado uma aparência torta. [...] enxotavam-no de todo lugar, mas ele se limitava a dar de ombros, apertar os olhinhos vesgos e rir de um modo feio e aguado como um enxágüe de garrafa. Sempre me pareceu que, se Suvenir tivesse dinheiro, teria se transformado na pessoa mais indecente, imoral, perversa e até cruel.

Essa correlação entre aparência física e características da personalidade e de caráter está presente inicialmente na apresentação do protagonista, que possui estatura de gigante, ao mesmo tempo em que é

cheio de si em tudo, seja de seus feitos, de sua inteligência e linhagem, e também acompanhará as descrições das demais personagens. No capítulo VII, o narrador faz a seguinte descrição da filha mais velha de Kharlov, Anna Martínovna: “Qualquer um que olhasse para ela certamente pensaria: “Bem, como você é inteligente – e ranzinza!”

A aparência, mas, principalmente, a postura de Anna transmitia a imagem de uma mulher severa, inteligente e ranzinza, e, de fato, essas são as principais características de suas ações desde o início da novela até o encontro final com o narrador. Por estar apaixonado pela primogênita de Kharlov, o narrador também repara em sutilezas nas feições e em pequenos gestos de Anna Martínovna:

E com tudo isso havia nela algo de encantador; até os sinais escuros como trigo sarraceno espalhados pelo rosto lhe caíam bem e aguçavam as sensações que ela despertava. Com os braços metidos sob o lenço, lançava-me olhares furtivos de alto a baixo (eu estava sentado e ela de pé); um sorrisinho hostil se esboçava pelos seus lábios, pelas bochechas, na sombra de seus longos cílios. “Ora, seu fidalgote mimado!” – parecia dizer esse sorriso. Toda vez que inspirava, suas narinas dilatavam-se ligeiramente.

No capítulo seguinte o narrador descreve o genro de Kharlov, Vladímir Vassílievitch Sliótkin, marido de Anna Martínovna:

Mamãe o chamava de judeuzinho, e ele, com seus cabelos encaracolados, olhos negros e sempre úmidos como ameixa seca cozida, o nariz aquilino e a boca vermelha e larga, realmente lembrava um tipo judeu; mas a cor da pele era branca e, no conjunto, tinha muito boa aparência. Seu temperamento era prestimoso apenas para assuntos que não diziam respeito a seu proveito pessoal. Aí se perdia na ganância no mesmo instante, chegava até mesmo às lágrimas; ficava pronto a gemer o dia inteiro por ninharias; cem vezes lembrava a tal promessa, ofendia-se e reclamava se ela não era cumprida de imediato.

Sliótkin é chamado de “judeuzinho” por Natália Nikolaiévna, pois toda a sua figura, como apresentada na novela remetia a um tipo judeu. No entanto, não é apenas por sua aparência que Sliótkin é relacionado com um judeu. É preciso lembrar que a fama que os judeus possuíam era de serem

sovinas e gananciosos, assim como o genro de Kharlov, que demonstra sua ganância e mesquinharia em diversos momentos da novela. Além disso, ele tinha os olhos “sempre úmidos” de alguém que estava “pronto a gemer o dia inteiro por ninharias” e poderia chegar às lágrimas por causa de sua ganância.

No mesmo capítulo é apresentada também uma descrição da caçula de Kharlov, Evlâmpia Martínovna:

Era alta e tinha uma compleição robusta; tudo nela era grande: a cabeça, as pernas, os braços, os dentes brancos como a neve e, sobretudo, os olhos saltados, lânguidos, cinza e escuros como avelórios. Tudo nela era até monumental (não por acaso era filha de Martin Petróvitch), mas belo. [...] Sua boca era encantadora, fresca como uma rosa cor de framboesa, e quando falava a metade superior de seus lábios soerguia-se com muita graça. Mas, em seu olhar, em seus olhos grandes, havia algo de selvagem e quase severo. “É livre, tem sangue cossaco” – assim falava dela Martin Petróvitch. Eu a temia... A presença dessa beldade lembrava-me seu pai.

Vemos que a figura de Evlâmpia está atrelada à do pai não só porque tudo em ambos era grande e robusto, mas também por terem “algo de selvagem”. Talvez por essa afinidade ela fosse a predileta de Kharlov. Em seguida, é feita a descrição do noivo de Evlâmpia:

Mal sabia ler e escrever e era muito tolo, mas nutria em segredo a esperança de se tornar administrador de minha mãe, pois se sentia “um homem de execução”. [...] O rosto de Jitkov era comprido e cavalaresco; todo delineado por cabelos louro-empoeirados, até mesmo a face sob os olhos era toda empoeirada; mesmo num frio intenso, ficava coberto de suor abundante, como se fossem gotas de orvalho. Na frente de mamãe, ele imediatamente se retesava, a cabeça começava a tremer de zelo, as enormes mãos batiam de leve nas coxas e toda a sua figura parecia assim clamar: “Pode ordenar!... E eu me lanço!”

A aparência cavalaresca, suada e empoeirada de Jitkov também condiz com sua personalidade servil de um major do exército reformado, pobre e já de certa idade. No entanto, é importante lembrar que são descrições baseadas em impressões do narrador. Todas as informações que nos são

dadas sobre as personagens passam pelo crivo do narrador e, conseqüentemente, por seu julgamento.

A descrição física é um elemento importante na construção da narrativa, pois está relacionada com a personalidade e o proceder das personagens no decorrer da novela, de maneira que aparência e atitude se complementam. Já no texto de *Rei Lear*, a personalidade das personagens é delineada principalmente por suas falas, mas também por suas ações na obra.

No terceiro capítulo há a informação de que Kharlov servira como voluntário nas invasões napoleônicas na Rússia em 1812. Isso significa que ele era um homem do século XVIII, período que ficou conhecido como o século das luzes em razão da propagação dos ideais iluministas pela Europa. Esses ideais são caracterizados pela centralidade da ciência e da racionalidade crítica no questionamento filosófico, o que implica a recusa do dogmatismo, das doutrinas políticas e religiosas tradicionais. No décimo capítulo, Kharlov tem um sonho com um potro murzelo e o toma por um sinal de que sua morte está próxima. Sendo assim, elabora seu testamento e realiza uma solenidade para formalizá-lo. Vemos que diversos fatos mostram que o protagonista pode ser caracterizado como um homem de livre-pensamento do século XVIII: sua revista maçônica, a inclinação ao misticismo (por causa do sonho com o potro murzelo como a aproximação da morte), a pintura da vela representando a fragilidade da vida humana, a antipatia pelo clero (no capítulo II é dito que ele não gostava muito de popes), o orgulho de sua inteligência e suas crises de melancolia. Dessa forma, a rejeição de seus bens seria um resultado natural de sua investigação moral e não um simples capricho.

Na ocasião da leitura do testamento, além de Martin Petróvitch, seus familiares e demais convidados, também estão presentes autoridades da região, como o reverendo, o chefe e o comissário de polícia. Esse episódio remete à primeira cena do Ato I de *Rei Lear*, em que o soberano partilha seus bens entre as duas filhas mais velhas e deserda a caçula. Inclusive, antes de iniciar a leitura da ata, Kharlov exclama: “Reinei, agora basta!” Ele

atribui a si mesmo grande poder e importância, como se fosse um rei ou soberano, o que o aproxima ainda mais do personagem shakespeariano, que de fato é um rei inglês. Além disso, essa altivez irá contrastar com a submissão e conseqüente decepção e revolta de Kharlov quando as filhas e o genro o subjugarem, após a tomada de posses de seus bens e de seu poder. Enquanto na tragédia de Shakespeare as exigências de rei Lear são cem homens para a sua escolta e alternar entre as casas das filhas em ciclos mensais, na novela *O rei Lear da estepe* Kharlov “reservou a si próprio o direito de continuar ocupando seus aposentos e atribuiu a si, sob a alcunha de “opritchnik”, total manutenção de “provisões naturais” e dez rublos por mês para roupa e calçado.”

Após a solenidade destacam-se situações que evidenciam elementos da cultura russa, como o isprávník, ou seja, o comissário de polícia exortando aos camponeses (dentre os quais estava um “tocadorzinho de trompa” cego que teria servido no couraçado Potiómkin), e durante o discurso emitia interjeições como “Ouçam, demônios! Entendem, diabos!”. Em seguida Martin Petróvitch quis rezar o Te Deum e fazer aspersões com água benta. Depois foi servido o almoço e, com isso, o isprávník fez um gesto típico ao esfregar as mãos, um hábito que precede o “primeiro trago do calicezinho”, isto é, o primeiro cálice de vodka. Na refeição havia muitos pratos e todos saborosos, de maneira que os convidados se fartaram.

Durante o almoço Suvenir se levantou para escarnecer de Martin Petróvitch e de sua decisão de partilhar seus bens entre as filhas:

- Magnânimo! Magnânimo! – tagarelou ele – Mas então veremos se essa generosidade será de seu gosto quando ele, o servo de Deus, estiver com as costas desnudas... e na neve!
- Que mentira é essa? Tolo! – preferiu Kharlov com desprezo.
- Tolo! Tolo! – repetiu Suvenir. – Só Deus Todo-Poderoso sabe qual de nós dois é o verdadeiro tolo. Mas o senhor, meu caro, matou minha irmãzinha, sua esposa – e então agora destruirá a si mesmo... Ha-ha-ha!

Essa fala é semelhante àquela dita pelo bobo da corte na peça *Rei Lear* de Shakespeare:

Quando partiste ao meio tua coroa e doaste as duas partes, levaste o burro no lombo através do lamaçal. Não havia nenhum juízo nessa coroa careca ou não terias doado tua coroa de ouro. Ao dizer isto eu não falo como Bobo, mas se alguém perceber isso deve ser chicoteado como um bobo.

Tanto Suvenir quanto o bobo da corte tentam alertar o protagonista sobre as conseqüências de seus atos, mas são imediatamente repreendidos e suas palavras não são levadas em consideração por sua posição social e o modo grosseiro com que expressam suas opiniões.

No dia seguinte, Kharlov vai almoçar na casa de Natália Nikolaiévna e afirma estar preocupado com a reação de sua filha caçula, Evlâmpia, com a partilha da herança, pois ela teria demonstrado frieza:

– Evlâmpia? Sua filha? Como foi isso?

– Perdão, senhora – é como se fosse uma pedra! Imóvel como uma estátua! Será que não tem sentimentos? A sua irmã, Anna – bem, essa agiu como devia. Essa é refinada! Mas Evlâmpia – pois eu a ela –, é preciso confessar! – dei muita preferência! Será que não tem pena de mim? Pois me faz mal, então sinto que não sou desta terra, se renuncio a todos eles; e é como se fosse uma pedra! Se ao menos emitisse algum som! Se curva, se curva, mas gratidão não se vê.

[...]

– Se ela realmente se mostra uma filha ingrata – murmurou Kharlov com voz rouca –, então parece que o melhor para mim seria matá-la com minhas próprias mãos!

Essa queixa e condenação são próximas daquelas proferidas pelo rei Lear a Cordélia, sua filha caçula:

Lear: Tão jovem e tão dura?

Cordélia: Tão jovem, meu senhor, e verdadeira.

Lear: Pois se assim é, assim seja: tua verdade será então teu dote. [...] renego aqui todas as minhas obrigações de pai, parentesco e afinidade de sangue, e, de hoje em diante, e para todo o sempre, te considero estranha a meu coração e a mim mesmo. Ao bárbaro Cita, e ao Canibal que transforma os filhos em alimento para satisfazer o apetite, darei em meu peito acolhida, piedade e proteção igual a ti, que não és mais minha filha.

Quando Natália Nikolaiévna e o conde de Kent tentam objetar, os protagonistas reiteram suas sentenças. O rei Lear é rude com Kent, renega e deserda Cordélia, entregando-a ao rei da França, que era um de seus pretendentes:

Lear: Cala, Kent! Não te metas entre o dragão e sua fúria. Eu a amava demais, e pensava confiar o meu descanso aos seus ternos cuidados. Daqui! e sai da minha vista! Agora só me resta a paz do túmulo, agora, depois que retirei dela o coração de pai. Chamem o Rei da França! Ninguém se move? Chamem Borgonha! Cornualha e Albânia, juntem este terceiro dote aos dois anteriores. Que esse orgulho, que ela chama franqueza, case com ela. Transfiro aos dois, conjuntamente, o meu poder, soberania, e todos os grandes privilégios que compõem a realeza. [...]

Se por um lado o rei Lear é rude com Kent, por outro Kharlov é educado com Natália, mas sem voltar atrás em sua decisão de manter-se severo, caso as filhas se mostrassem ingratas e desobedientes:

– Não sou esse homem, Natália Nikolaiévna, que reclama ou se acovarda – começou ele sombriamente. – Apenas quis revelar meus sentimentos à senhora como minha benfeitora e pessoa respeitável. Mas o Senhor Deus sabe (nisso ele ergueu a mão para o céu) que é mais fácil a Terra se despedaçar do que eu renunciar à minha palavra, ou... (nisso ele até bufou) ou me acovardar, ou me arrepender do que fiz! Pois tive meus motivos! E minhas filhas não devem faltar à obediência, para todo o sempre, amém!

Natália Nikolaiévna continua tentando acalmar Kharlov e sugere que ele busque ajuda na religião e vá para um mosteiro. Ao se despedir, Martin Petróvitch deixa o volume do livro “Uma trabalhadora descansando” marcado numa página que contém uma reflexão obscura sobre a morte.

Por questões familiares, Natália Nikolaiévna e o filho Dmítri, narrador da história, precisam se ausentar da aldeia por alguns meses e, na volta, encontram Martin Petróvitch irreconhecível. O tempestuoso e imponente proprietário de terras agora estava manso, recluso e praticamente miserável. As filhas e o genro haviam lhe tirado tudo: sua velha égua rocinante, a equipagem, o menino criado Maksim, seus aposentos e regulavam até mesmo sua comida.

No início do capítulo XVIII há uma bela descrição da natureza que também pode ser vista como premonitória: “Um silêncio tal que era possível ouvir, a cem passos de distância, um esquilo saltando pelas folhas secas e um raminho solto de início se prendeu fracamente a outros ramos e caiu, por fim, na grama macia – caiu para sempre: ele não se mexeria mais até apodrecer.” Isso porque, assim como o raminho, após destruir sua casa, Kharlov despencaria do telhado para cair e morrer.

Evlâmpia havia dispensado o noivo, Jitkov, e se tornado amante de Sliótkin, seu próprio cunhado. Certo dia o narrador encontra os cunhados passeando numa clareira e Evlâmpia entoa uma canção popular que, aliás, possui uma letra curiosa, pois versa sobre a morte de membros da família. Ao ser questionada por Sliótkin, a jovem retruca que não se pode subtrair palavras de uma canção. Esse episódio é digno de nota por conter mais um elemento da cultura popular russa, que é essa canção, que o narrador afirma ser famosa, além de uma breve menção à colheita de cogumelos, que é uma prática tradicional dos camponeses russos. Isso porque, enquanto canta, Evlâmpia procura algo na grama, “cogumelos, ou algo assim”. Essa disputa de irmãs pelo mesmo amante também nos remete à briga das irmãs mais velhas Regana e Goneril por Edmundo, que havia se tornado chefe do exército inglês na peça *Rei Lear*.

Natália Nikolaiévna manda chamar Kharlov em sua casa para terem uma conversa, mas recebe apenas um vago bilhete em resposta. Em outra ocasião, o narrador se aproxima de Martin Petróvitch – este, aliás, pescava com uma linha rompida – na tentativa de convencê-lo da necessidade de reagir frente a tantas injustiças e maus tratos. No entanto, as palavras de Dmítri irritam Kharlov a ponto de fazê-lo ameaçar e expulsar o jovem da represa. Esse é um dos poucos momentos da novela em que o narrador toma uma atitude, pois, até então, ele apenas contava passivamente os fatos.

Três semanas depois desse encontro, ao observar uma tempestade da janela de seu quarto, o narrador vislumbra um vulto enorme que atravessa o quintal e entra na casa. Tal vulto era Martin Petróvitch, que havia sido expulso de casa pelas próprias filhas. Esse episódio remete ao início do

terceiro ato da tragédia de Shakespeare, em que o rei Lear, o bobo da corte e o conde de Kent estão vagando sem rumo, pois também foram expulsos do castelo, e uma grande tempestade desaba sobre eles. Os três se abrigam numa cabana e o rei Lear começa a evidenciar os primeiros indícios de loucura. Vale destacar que a descrição da paisagem, além de ser primorosa, desempenha um papel importante, contribuindo não só para a caracterização psicológica do protagonista como também para a composição estrutural da obra.

Graças aos conselhos de Natália Nikolaiévna, Kharlov estava disposto a perdoar suas filhas. Ela havia conseguido acalmá-lo e o convencido a limpar-se e descansar. Entretanto, Suvenir ri e zomba de Martin Petróvitch irritando-o a ponto de fazê-lo voltar a sua propriedade e empreender sua vingança, que é centrada na palavra “teto”, que é destacada na fala de Suvenir e repetida diversas vezes por Martin Petróvitch:

– Sim, sim, venerável! – se pôs a papaguear de novo. – Eis que agora o senhor e eu nos achamos em tais circunstâncias delicadas! Enquanto suas filhinhas e o seu genro, Vladímir Vassílievitch, zombam do senhor à vontade sob seu *teto*! E o senhor deveria amaldiçoá-los, conforme prometeu! [...]

Um rugido furioso abafou o discurso de Suvenir... Kharlov explodiu. Cerrou e ergueu os punhos, o rosto se tornou azul, a baba se punha à mostra nos lábios rachados, e ele se pôs a tremer de raiva.

– Você fala em teto! – ressoou com sua voz de ferro. – Você fala em maldição! Não! Eu não os amaldiçoarei... Isso não lhes fará mal algum! Mas o teto... o teto deles eu porei abaixo, e eles não terão mais um teto, assim como eu! Hão de saber no que dá escarnecer de mim!.. Não terão mais um teto!

Martin Petróvitch volta a sua propriedade a pé, sobe na casa e a destrói arrancando barras, tábuas e tijolos do telhado. No entanto, ele cai quando um par de vigas em que se agarrava cede e se fere gravemente. Suas últimas palavras são dirigidas a sua filha caçula, Evlâmpia, e causam uma grande dúvida não só no narrador, mas também no leitor, por estarem entrecortadas: “Mas Kharlov ainda abriu todo o olho direito (a pálpebra esquerda não se movia, como a de um cadáver) e, fixando o olhar em

Evlâmpia, proferiu de modo quase inaudível: – Bem, fi... lha... Eu não te des...” Mais adiante o narrador se questiona sobre o que Kharlov tentara dizer antes de morrer: “O que ele queria dizer a ela, ao morrer” – perguntei a mim mesmo ao voltar para casa em meu klepper: “Eu não te des... erdo ou des...culpo?” Ao contrário de Cordélia, a filha mais nova de Kharlov também havia abandonado o pai, por isso, enquanto em *Rei Lear* o protagonista se arrepende de ter renegado a única filha que de fato o amava, em *O rei Lear da estepe* temos dúvida se Kharlov havia perdoado ou não a caçula no momento de sua morte. O narrador escolhe acreditar que Martin Petróvitch iria dizer que a perdoava. Essa suposição reafirma a imagem de pessoa piedosa e de boa conduta, apesar de bruta, com que foi construído o personagem ao longo da obra.

Na tragédia de Shakespeare, tanto o pai quanto as filhas acabam mortos. Já na novela russa, apenas o pai morre. Anna, a filha mais velha, teve duas filhas com Sliótkin, e quando este falece corre o boato de que ela o teria envenenado. Isso mostra que ela teria permanecido uma figura cruel e severa. Já Evlâmpia, se tornara líder religiosa de uma seita de flagelantes. Esse destino, por um lado, pode mostrar que ela teria se arrependido de ter sido ingrata ao aliar-se à irmã e ao cunhado para tomar as posses do pai e deixá-lo na miséria. Por outro lado, é preciso lembrar que, antes de encerrar a narrativa, Dmítri reflete acerca da nova condição de Evlâmpia à frente de uma seita religiosa:

Eu a reconheci de imediato e não hesitei por um único momento, pois seria impossível hesitar; os olhos que tinha – e sobretudo aquele tipo de lábios sensuais e arrogantes – eu nunca vira em ninguém. Seu rosto se tornara mais fino e seco, a pele escurecera, viam-se rugas aqui e ali; mas especialmente a expressão desse rosto mudara! É difícil colocar em palavras o quanto ele se tornara arrogante, severo e orgulhoso! Não era a simples serenidade do poder – o poder inebriante que exalava em cada característica; o olhar descuidado que ela deixou cair sobre mim conservava o antigo e contumaz hábito de encontrar uma submissão mansa e piedosa. Essa mulher, é óbvio, vivia cercada não de admiradores – mas de escravos; ela, é óbvio, havia até mesmo se esquecido do

tempo em que qualquer decreto ou desejo seu não era cumprido imediatamente!

Pode ser que Evlâmpia tivesse se arrependido de ter destruído o pai, no entanto, o fato de ter se tornado uma líder religiosa, demonstra que havia sucumbido novamente ao entusiasmo do poder, ao transformar-se numa figura arrogante, que sentia prazer em ser atendida e dar ordens.

O tema central e o fim trágico são os mesmos tanto na novela russa, quanto na peça inglesa, no entanto, é importante salientar na forma como essa estilização foi realizada. *Rei Lear* é um texto teatral devidamente estruturado em atos e cenas, enquanto *O rei Lear da estepe* é uma novela dividida em capítulos e apresenta uma narrativa bastante marcada com traços de oralidade. Na tragédia shakespeariana se destacam questões políticas e morais na nobreza; já na novela, o enfoque está nas camadas mais baixas da sociedade e no viés social e psicológico; ganham destaque a descrição física e elementos da cultura popular russa. Além disso, *Rei Lear* possui mais personagens e um enredo paralelo ao central que é o drama de Gloucester e os filhos. Em Turguêniev, por outro lado, a narrativa permanece focalizada na relação de Kharlov com a família e alguns outros personagens.

Essas duas obras podem ainda ser relacionadas à tragédia grega *Édipo Rei*, de Sófocles, escrita por volta de 427 a.C., em que o protagonista é predestinado a matar o pai e casar-se com a mãe, mas, ao saber disso, tenta evitar ao máximo que essa previsão se cumpra. Assim como Édipo, o rei Lear e Kharlov vão de encontro ao seu destino ao tentar modificá-lo, pois, com a chegada da velhice, ambos acreditam que vão morrer em breve, por isso decidem entregar seus bens às filhas e abdicar de grande parte de seu poder. No entanto, é justamente em consequência dessa partilha que Lear e Kharlov morrem. Como afirma Schelling: “A tolice pueril de um homem velho se apresenta no *Rei Lear* como um oráculo délfico desconcertante”⁷². O filósofo alemão também apresenta outra relação interessante entre as

⁷²SHELLING, 2001, p. 338

tragédias: a inversão dos papéis no drama familiar, pois “ao destino do rei Lear repellido pelas filhas, se opõe a história de um filho repellido pelo pai”⁷³.

É preciso ainda refletir sobre o motivo pelo qual Turguêniev teria escolhido uma obra de Shakespeare para se inspirar. O fato de o dramaturgo inglês ter se tornado um clássico para a literatura ocidental já justifica em grande parte essa escolha, mas também é preciso lembrar as características que fizeram seus textos serem reconhecidos. De acordo com Pedro Sússekind:

“Em geral, quando se pensa a grandeza de Shakespeare, ela é associada à riqueza do seu pensamento, à amplitude e profundidade de suas reflexões ao abordar diversos temas, seja de natureza política, moral, histórica e filosófica.”⁷⁴

Sússekind afirma ainda que a importância de Shakespeare vai além, pois o dramaturgo inglês tornou-se referência ao romper com as regras da arte definidas pela tradição e abandonar a imitação dos antigos. Ou seja, além de realizar reflexões profundas acerca de diversos temas, também se mostrou original.

Já Bakhtin argumenta quanto à sobrevivência de grandes obras, pois se enriquecem e ganham novos significados ao longo do tempo como se superassem a si mesmas, ao que eram na época de sua criação. Grandes obras como as de Shakespeare, mas também as de Turguêniev, são grandes, por serem sempre objeto de estudo e ganharem sempre novos sentidos e interpretações. Inclusive porque à época em que foram compostas não seria possível mensurar sua importância para a cultura, já que uma obra valiosa tem a capacidade de romper as barreiras do tempo e ser sempre atual. O oposto se dá com obras menores, que têm seu significado rapidamente esgotado e acabam esquecidas. É preciso destacar ainda a importância da matéria das obras shakespearianas para sua longevidade. Como explica Bakhtin:

Os tesouros dos sentidos, introduzidos por Shakespeare em sua obra, foram criados e reunidos por séculos e até milênios: estavam escondidos na linguagem, e não só na literária como também em

⁷³ Ibidem, p. 157

⁷⁴ SÜSSEKIND, 2008, p. 18

camadas de linguagem popular que antes de Shakespeare ainda não haviam penetrado na literatura, nos diversos gêneros de formas de comunicação verbalizada, nas formas da poderosa cultura popular (predominantemente nas formas carnavalescas) que se formaram ao longo de milênios, nos gêneros do espetáculo teatral (dos mistérios, farsas, etc), nos enredos que remontam com suas raízes à Antiguidade pré-histórica e, por último, nas formas de pensamento. Shakespeare, como qualquer artista, não construiu suas obras a partir de elementos mortos nem de tijolos mas de formas já saturadas, já plenas de sentido. Aliás, os tijolos também possuem uma determinada forma espacial e, por conseguinte, expressam alguma coisa nas mãos de um construtor.⁷⁵

De acordo com esse excerto, vemos que Shakespeare se utilizou de matéria-prima muito rica e plena de significados para a composição de suas obras. Ademais, até mesmo os assuntos mais simplórios dão bons resultados se trabalhados por um Shakespeare. A partir deste trecho também podemos perceber a semelhança entre o dramaturgo inglês e Ivan Turguêniev, pois ambos se voltaram para a poderosa cultura e linguagem popular. Na novela *O rei Lear da estepe* essa característica é notada em razão da construção do protagonista como personagem arquetípico e da presença de elementos do folclore russo e da cultura popular russa, como veremos a seguir.

6. Personagem arquetípico e folclore russo

Turguêniev recorre à estilização ao aludir à peça shakespeariana em sua novela. No entanto, o mais importante é que, ao definir Martin Petróvitch Kharlov, o autor russo está criando um personagem arquetípico. Chegamos a essa conclusão analisando os diversos elementos do folclore e da cultura russa presentes no texto e a abordagem com que Turguêniev trabalha o tema shakespeariano, pois, apesar da alusão, *O rei Lear da estepe* é uma obra completamente russa, e não mera releitura do texto inglês.

⁷⁵ Ibidem, p. 363-364

No início da novela, Martin Petróvitch é caracterizado de tal forma que transmite ao leitor a impressão de ser um verdadeiro gigante. As referências a ele são todas hiperbólicas; tudo nele é enorme e beira o horrendo:

Imaginem um homem de estatura gigantesca! No enorme tronco assentava-se, um pouco de soslaio e sem qualquer sinal de pescoço, uma monstruosa cabeça; sobre ela se elevava uma grande cabeleira louro-grisalha e desgrenhada, despontando junto das sobrancelhas arqueadas. Na ampla área do rosto cor de pombo, como que descascado, se sobressaía um nariz colossal cheio de bossas, uns olhinhos azuis minúsculos altivamente eriçados e se revelava uma boca também minúscula, mas torta e gretada, da mesma cor que o resto do rosto. A voz que saía dessa boca, ainda que fosse roufenha, era extremamente forte e retumbante... Seu som lembrava o tinido de uma barra de ferro transportada numa telega por uma calçada precária – e Kharlov falava como se gritasse ao vento forte para alguém através de uma vasta ravina. Seria difícil dizer o que exatamente expressava o rosto de Kharlov, de tão amplo que era... Às vezes a pessoa mal conseguia abarcá-lo com um olhar! Mas desagradável ele não era – notava-se nele até certa imponência, só que era surpreendente e incomum. E que mãos eram as suas – verdadeiras almofadas! E que dedos, que pés! Lembro-me de que não conseguia contemplar os dois archins de costas de Martin Petróvitch e seus ombros semelhantes a mós de moinho sem um horror de certa forma respeitoso. Mas, o que mais me admirava eram as suas orelhas. Perfeitos kalatchis com dobras e curvas que se erguiam nas faces de ambos os lados. [...] Respirava lenta e pesadamente como um touro, mas não fazia barulho. Podia-se pensar que, ao entrar em um aposento, sempre temia quebrar e derrubar tudo e por isso se movia de um lugar para o outro com cautela, sempre de lado, como que sorrateiramente.

Em russo, adjetivos utilizados para essa descrição, como “gigantesco” (исполинский) e “cor de pombo” (сизый), são termos muito recorrentes nas histórias folclóricas e bylinas, que são os poemas épicos tradicionais transmitidos oralmente dos séculos X ao XII. Em seguida, o protagonista também é comparado a um bogatir, que era o herói das bylinas. Isso porque

o povo da aldeia compôs lendas sobre Kharlov, como se ele tivesse a força sobre-humana e a intrepidez dos heróis antigos:

Era dotado de uma força realmente hercúlea e, graças a ela, gozava de grande respeito nas redondezas: nosso povo ainda hoje faz reverência diante dos bogatirs. Chegaram até a compor lendas sobre ele: contava-se que uma vez encontrou um urso no bosque e por pouco não o derrotou; que, ao flagrar um mujique gatuno estranho em seu colmeal, ele o lançou junto com a telega e o cavalo para o outro lado da cerca, e assim por diante.

As descrições que visam caracterizar a força e a figura grandiosa do protagonista são sempre empregadas para criar imagens expressivas. Esse aspecto também está presente no trecho em que o tamanho diminuto do moleque Maksim aparece em contraposição ao tamanho gigantesco de Kharlov:

Não ousou repetir quantos puds tinha o nosso vizinho. Às costas de Martin Petróvitch cabia, na drójkí de corrida, seu criado Maksim, um moleque trigueiro. Estreitando o rosto e o corpo todo em seu senhor e apoiando os pés descalços no eixo traseiro da drójkí, ele parecia uma folha ou verme colocado por acaso junto ao corpanzil gigantesco que se movia diante dele. Esse menino criado barbeava Martin Petróvitch uma vez por semana. Para realizar essa operação, dizem que subia na mesa; outros brincalhões asseguravam que ele era obrigado a correr em volta do queixo do patrão.

Também podemos ainda citar o trecho em que o narrador revela que Kharlov havia salvado Natália Nikolaiévna da morte ao impedir com as próprias mãos que sua carruagem e os cavalos caíssem numa ravina profunda. Ou ainda quando é dito que Martin Petróvitch não freqüentava muito a igreja, pois temia espremer todos para fora por causa do tamanho do seu corpo.

No capítulo XXVI, quando Kharlov está no telhado de casa destruindo-a, Sliótkin ameaça atirar se ele não descer e este o desafia dizendo: “E você atire então, covarde, herói bogatir!” Vemos que a citação ao herói épico das bylinas foi empregada em sentido jocoso, pois o genro não teria coragem e intrepidez para impedir o gigante Kharlov.

É importante lembrar, como aponta Meletínski, que Púchkin fora o precursor nas transformações dos arquétipos literários na literatura clássica russa:

Voltando-se aos temas tradicionais do folclore e romance de cavalaria (contos maravilhosos, *Ruslan e Liudmila*), Púchkin propõe um jogo irônico com os motivos tradicionais e com os clichês estilísticos. Em seguida ele utiliza de forma livre e original, transforma de forma polêmica ou irônica, mistura, adapta a seus próprios fins artísticos os modelos de gêneros e de estilo de Ariosto, Shakespeare, Walter Scott, Byron, do romance psicológico francês do século XVIII e de outros.⁷⁶

Assim como em Púchkin, a questão do personagem arquetípico é problematizada, pois o protagonista de *O rei Lear da estepe*, apesar de ser comparável aos heróis épicos russos por sua força e ousadia, será destruído por suas filhas, duas jovens aparentemente submissas à sua vontade. Nesse sentido, distancia-se dos bogatirs, que eram sempre invencíveis.

São citados ainda outros elementos folclóricos ao longo da novela, como a cabana com patas de galinha da bruxa Baba Iagá e as criaturas mitológicas, liéchi e kikimora. Mais adiante veremos as soluções encontradas para a transmissão desses termos na tradução.

A Baba Iagá é um personagem da mitologia e do folclore dos povos eslavos, especialmente dos contos de fadas. É uma velha feiticeira dotada de poderes mágicos, como uma bruxa. Em geral, possui caráter negativo, mas também em algumas pode ajudar o herói em certas situações. Também possui diversos atributos estáveis: é capaz de fazer magia, voa em um almofariz e pilão, vive na floresta numa cabana com pés de galinha, rodeada por uma cerca feita de ossos humanos. Ela atrai jovens bons e crianças pequenas para fritá-los no forno, sendo assim, trata-se de uma canibal. De acordo com Vladimir Propp:

[...] os traços característicos de Baba-Iagá são: seu nome, sua aparência (perna descarnada, o nariz que sobe ao teto etc.), a casinha que gira sobre patas de galinha; e seu modo de entrar em

⁷⁶ MELETÍNSKI, 2002, p. 172-173

cena: a chegada num almofariz voador, sempre acompanhada de silvos e ruídos.⁷⁷

Quanto à etimologia da palavra, vemos que “bába” significa mulher, mas no russo moderno pode ter conotação pejorativa. Já a palavra яг (iág) é referente a bosque ou floresta, mais especificamente florestas de pinheiros localizadas no norte da Rússia. Na novela, a referência à Baba Iagá aparece no capítulo em que Kharlov está mostrando sua propriedade ao narrador: “Adiante, bem em frente ao portão, erguia-se uma casa de fundos decrepita, com telhado de sapé e alpendre com colunas; ao lado havia outra, mais nova e com um mezanino minúsculo, e também com patas de galinha.”

Mais adiante, Martin Petróvitch é comparado a um liéchi por causa de seu odor:

Exalava um odor muito forte: tinha cheiro de terra, de mato e de lodo pantanoso. “Um verdadeiro liéchi!” – assegurava minha velha ama-seca. No almoço, colocavam Martin Petróvitch no canto, numa mesa à parte, mas isso não o ofendia – sabia que os outros ficariam incomodados de sentar-se a seu lado e assim tinha mais liberdade para comer; e comia de um modo que, suponho, ninguém comesse desde os tempos de Polifemo.

O liéchi é um espírito da floresta, protetor dos animais silvestres. Após o estabelecimento do cristianismo na Rússia, foram-lhe atribuídos traços negativos. As poucas qualidades positivas que foram preservadas remontam a crenças populares do paganismo eslavo. Ele pode deixar pessoas confusas e perdidas, se passar por uma pessoa conhecida para desviar o viajante de seu caminho, esconder objetos, roubar gado ou raptar pessoas. Mas também pode punir alguém por uma conduta imprópria.

Em geral, é representado como um velho alto num casaco de pele de carneiro com o lado esquerdo aberto e o direito fechado, sem sobrelombas nem cílios, às vezes aparece com o cabelo e a barba verdes. Pode ainda aparecer com o rosto coberto de musgo e a pele grossa como casca de árvore, ou o com o corpo peludo, garras e pequenos chifres curvos. O liéchi também pode ser chamado de lesovik, lesnik (guardião da floresta), lechak, dentre

⁷⁷ PROPP, 1984, p. 82

outros nomes provenientes da palavra “les” que significa mata, bosque ou floresta.

É interessante observar que, no mesmo trecho, por causa de suas maneiras à mesa, o protagonista também é comparado a um personagem da mitologia grega: Polifemo, um ciclope filho do deus Poseidon e da ninfa Teosa. Na *Odisséia* de Homero é narrado o encontro de Ulisses e seus companheiros com Polifemo, que agarra dois homens e os devora.

No capítulo XI, o cunhado de Kharlov o compara a outra criatura floclórica na intenção de ofendê-lo: “Durante todo o caminho, Suvenir tagarelou, deu risadinhas, refletiu se o irmãozinho lhe concederia alguma coisa e então o chamou de besta e de kikimora.” A kikimora é uma personagem feminina que se estabelece na casa de uma pessoa e lhe traz prejuízos. Também pode prejudicar animais de estimação, como galinhas. Ela vive atrás do fogão e gosta de fiar e tecer renda; o som da fiação é um mau presságio.

A kikimora é feia e pequena; sua cabeça é um dedal, e o corpo é fino como uma palha. É dotada da capacidade de ser invisível, correr rápido, e ver a grandes distâncias; gostam de estar sempre batendo e sacudindo coisas, assobiando e soltando silvos. Vagam sem roupas e sapatos e nunca envelhecem. No entanto, também pode ter a aparência de uma mulher comum, de uma menina nua com uma longa trança, ou de uma velha de cara enrugada, cabelo desgrenhado, um nariz comprido, vestida com roupa de camponesas e trapos.

Sua origem pode estar relacionada a crianças não batizadas que são atiradas para dentro da casa de uma bruxa, crianças natimortas, abortos, ou filhos de relacionamentos perversos. Já o nome “kikimora”, pode ter vindo de “kik” que seria o som do grito de um pássaro, e “mor” que significa epidemia, peste. Outra teoria é de que o nome seja oriundo do verbo “chichit” que significa mexer, cavar.

Além da presença destes elementos mitológicos, vale destacar a referência à estação do ano no qual se dá o início do desenlace da obra. Ao final do capítulo XV da novela, Natália Nikolaiévna e o filho viajam para a

aldeia onde morava sua irmã, cujo marido falecera. E o narrador informa: “Mamãe pretendia passar um mês com ela, mas permaneceu até o outono tardio – e retornamos para nossa aldeia apenas no fim de setembro.” Quando eles retornam, o narrador percebe a brusca mudança no comportamento de Kharlov e como ele estava sendo maltratado pelas filhas e pelo genro. Esse desenlace se passa durante o outono e, de acordo com Meletínski no texto “Sobre a origem dos arquétipos temáticos, literários e mitológicos”:

Os ritmos poéticos – afirma Frye – são estritamente ligados ao ciclo natural pela sincronização do organismo como os ritmos naturais, por exemplo, com o ano solar [...] O pôr-do-sol, o outono, a morte levam aos mitos do dilúvio, do caos e do fim do mundo (arquétipo da sátira). A primavera, o verão, o outono e o inverno originam respectivamente a comédia, o romance de cavalaria, a tragédia e a ironia.⁷⁸

Dessa forma, o outono está ligado ao caos e à tragédia e realmente é o que acontece após o retorno do narrador e de sua mãe para junto do protagonista, pois Kharlov é desprezado por sua família até o ponto de ser expulso de casa e retornar para destruí-la e morrer.

7. Comentários sobre a tradução

A partir da versão já realizada para o português da novela *O rei Lear da estepe*, é possível apontar algumas questões que criaram dificuldades à tradução, a começar pelo próprio título da obra. Como na língua russa não existem artigos definidos ou indefinidos, o tradutor tem de optar pelo emprego de um deles, ou ainda pela ausência do artigo.

Para explicar e exemplificar essas questões optamos por realizar o cotejo de nossa tradução com versões francesa, inglesa e portuguesa. Existe uma tradução para o português, publicada em 1968 com o título *O grande Karlof*, que, no entanto, não entrará para esse comentário por ser uma versão com muitas alterações em relação à obra original. No título já vemos

⁷⁸ MELETÍNSKI, 2002, p. 31-32

uma grande diferença, além do que, ela apresenta omissão de trechos e mudança na estrutura da novela, já que os capítulos têm uma divisão aleatória e estão intitulados, algo que não ocorre no original. Acreditamos que essas grandes modificações no texto se devem ao fato de se tratar de uma tradução indireta do russo. A tradução portuguesa, datada de 1975 e realizada por Daniel Augusto Gonçalves, também é indireta, provavelmente oriunda de uma versão francesa, visto que alguns nomes apresentam grafia afrancesada, como “Sliotkine” e “Potemkine”.

Questões lexicais

Ao longo do texto nos deparamos com a dificuldade em escolher léxicos específicos para definir alguns cargos da época. O protagonista Martin Petróvitch Kharlov redigiu uma ata para deixar suas propriedades e bens às filhas, Anna e Evlâmpia. Para que tal ata tivesse efeito, era necessária a presença de um *stanovói* e um *ispravnik*. O dicionário Russo-Português indica que *stanovói* era o “comissário de polícia rural”. Entretanto, no artigo *Apontamento de um tradutor de Tolstói*, encontramos uma explicação mais acertada para o termo:

Stanovói é abreviatura de *stanovói prístav*. *Prístav* significa “comissário, chefe da polícia” e o adjetivo *stanovói* vem de *stan* (“subdivisão administrativo-policia de um concelho”, segundo o *Dicionário da Língua Russa*, de S. I. Ójegov). *Stanovói prístav* significa, por conseguinte, o nome dos comandantes da polícia na província, no meio dito *rural*. Resolvemos deixar o termo russo no texto e explicar o seu significado em nota de rodapé: “chefe da Polícia nos concelhos da Rússia de então.”⁷⁹

Para o termo *isprávník* o dicionário registra: “comissário de polícia de concelho na Rússia tsarista”. Entretanto, preferimos transliterar e acrescentar a definição do dicionário Russo-Russo: “*Исправник* м. начальник уездной полиции, председатель земского суда. [*Isprávník* м. comissário da Polícia nos concelhos e presidente do tribunal do *zemstvo*].

⁷⁹ SILVA, 2008, p. 125

Sendo que é necessária ainda uma definição para *ziênstvo*: sistema de administração local vigente de 1864 a 1918, referente a assuntos como vias de comunicação e trânsito, comércio, assistência médica e educação.

Na tradução inglesa utilizou-se o termo “police captain” que seria “capitão de polícia” para “isprávník” e “rural police commissioner”, isto é, “comissário da polícia rural” para “stanovói”.

Já na versão francesa, a opção escolhida também foi transliterar os termos em russo e incluir uma nota de rodapé que indica que o isprávník é o chefe de polícia do distrito, enquanto o stanovói é seu adjunto. Na tradução para o português foram utilizados os termos “inspector” e “delegado-adjunto”.

Próximo ao final da novela nos deparamos com uma frase entrecortada do protagonista: “Bem, fi... lha... Eu não te **des...**”⁸⁰. A seguir, o narrador presume acerca do final da frase: “O que ele queria dizer a ela enquanto morria?” – [...] “Eu não te des... erdo ou des...culpo?”⁸¹ Dessa maneira, tivemos que encontrar palavras que comesçassem de forma semelhante, mas cujos sentidos fossem opostos e se encaixassem no contexto da narrativa. Nas versões francesa, inglesa e portuguesa, os tradutores optaram por manter o início da frase como “eu não te...” e, em seguida, durante a suposição do narrador, incluir palavras e expressões que não se iniciavam da mesma forma. Acreditamos que dessa maneira o suspense presente no texto original perde um pouco de sua intensidade.

No último capítulo, o narrador descobre que Evlâmpia havia se convertido na madre superiora de um grupo religioso quando seu companheiro lhe diz: “Suponho que tenha ouvido falar sobre os khlysty-raskolniki – que vivem sem pope uma nota explicativa, visto que se trata de um grupo específico que não seria facilmente reconhecido pelos leitores brasileiros. Além disso, essa fala contém informações acerca do cisma que ocorreu dentro da Igreja russa, em meados do século XVII, que levou à criação de diversas seitas, das quais se destacam os “com popes”, que conservaram a hierarquia eclesiástica, e os “sem popes”, que a rejeitavam.

⁸⁰ “Ну, доч... ка... Тебя я не **про...**”

⁸¹ “Что он хотел сказать ей, умирая?” – [...] “Я тебе не про... клинаю или не про... щаю?”

Também consideramos importante esclarecer a origem do nome da seita, pois nele já indica que se trata de uma vertente que pratica o flagelo: khlyst – chibata e raskólnik – cismático, dissidente.

Na versão francesa traduziu-se apenas como “les flagellants” [os flagelantes] e incluiu-se uma nota explicativa, na inglesa como “the Flagellant dissenters” [os flagelantes dissidentes], e na portuguesa: “os Khlisti... os dissidentes”. Ou seja, nesse último caso vemos que se transliterou e traduziu apenas parte do nome e assim a informação de que é uma seita de flagelantes se perde.

Personagens folclóricos e mitológicos

Optamos também por transliterar e explicar através de notas de rodapé alguns elementos do folclore russo presentes no texto. No primeiro capítulo, durante a descrição de Kharlov, o protagonista, encontramos a seguinte frase: “Era dotado de uma força realmente hercúlea e, graças a ela, gozava de grande respeito nas redondezas: nosso povo ainda hoje faz reverência diante dos **bogatirs**”⁸² Preferimos, então, manter “bogatir” e indicar na nota explicativa que se trata de um herói épico russo.

Entretanto, verificamos que na versão francesa com a qual fizemos o cotejo optou-se por deslocar o elemento para a cultura de chegada, pois “bogatirs” foi traduzido por “paladinos”, que às vezes são associados aos Doze Pares de França, a tropa pessoal do rei Carlos Magno: “Sa force herculéenne lui valait le respect de tout le canton: notre peuple vénère encore lês **paladins**.”

A tradução inglesa recorreu à mitologia grega optando pelo equivalente a “heróis titânicos”: “He was possessed of a strength truly Herculean, and in consequence enjoyed great renown in the neighbourhood. Our common people retain to this day their reverence for **Titanic heroes**.” Em português temos: “Possuía a força de um verdadeiro Hércules e isso granjeava-lhe o respeito de todo o distrito – o nosso povo ainda hoje continua

⁸² “Силой он обладал истинно **геркулесовской** и вследствие этого пользовался большим почетом в околотке: народ наш до сих пор благоговеет перед **богатырями**.”

a respeitar os **gigantes lendários**". É uma referência mais vaga e geral que foge da especificidade do termo no original que é particular do folclore eslavo.

Vale ressaltar que a referência a Hércules, personagem da mitologia grega, foi mantida em todas as versões, pois se trata de um elemento já bastante difundido e reconhecido nas culturas das línguas analisadas.

No terceiro capítulo, é citado um outro ser da mitologia eslava, o *liéchi*. Novamente mantivemos a transliteração e explicamos na nota de rodapé que se trata de um espírito protetor dos animais selvagens e das florestas: "Exalava um odor muito forte: tinha cheiro de terra, de mato e de lodo pantanoso. "Um verdadeiro **liéchi**!" – assegurava minha velha ama-seca."⁸³

Nas versões francesa, inglesa e portuguesa houve a tentativa de passar a idéia de mitologia contida na palavra original: "C'est un véritable **homme des bois**" [É um verdadeiro homem selvagem]; "He's a forest-demon!" [Ele é um demônio da floresta] e "Um duende da floresta... é o que ele é".

Outro elemento folclórico surge na descrição de uma casa localizada na propriedade de Kharlov: "[...] ao lado havia outra, mais nova e com um mezanino minúsculo, e também **com patas de galinha**"⁸⁴. Nesse caso, acreditamos que uma nota explicativa é indispensável, pois há uma referência à cabana de uma personagem do folclore russo, a Baba Iagá, que mora em uma casa móvel, com patas de galinha, e cuja fechadura é uma boca cheia de dentes.

A versão inglesa, no entanto, omitiu essa informação, dizendo apenas que se tratava de uma casa em ruínas: "On one side stood another, rather newer, and with a tiny attic; but it too was **a ramshackly affair**." Na edição de Portugal, o aspecto folclórico também foi omitido: "[...] a pouca distância dessa ficava outra, de construção recente, com um sótão, mas igualmente modesta".

⁸³ "Уж очень сильный шел от него дух: землей отдавало от него, лесным дромом, тиной болотной. "Как есть **леший**!" – уверяла моя старая няня."

⁸⁴ "[...] в стороне стоял другой, поновей и с крохотным мезонином – по тоже **на курьих ножках**."

Na tradução francesa temos: “Sur un des côtés de la cour s’allongeait un autre pavillon, de construction recente et surmonté d’un semblant de mezzanine, mais qui lui aussi paraissait être **la cabane de la fée Carabosse**”. Vemos que o tradutor procurou domesticar o texto fazendo um paralelo da Baba Iagá, personagem da cultura eslava, com uma personagem da cultura francesa, a fada Carabosse, que também é uma espécie de bruxa má dos contos de fadas. Dessa forma, o leitor francês se sentiria mais familiarizado com a obra.

Mais adiante há referência a mais um personagem folclórico: “Durante todo o caminho, Suvenir tagarelou, deu risadinhas, discutiu se o irmãozinho lhe concederia alguma coisa e então o chamou de besta e de **kikimora**.”⁸⁵

O personagem Suvenir, com raiva do protagonista, chamou-o de kikimora que é mais uma criatura malévola da mitologia eslava. Em alguns contos ela aparece como mulher do Liéchi e também pode sugerir uma mulher feia e rabugenta que se esforça para tornar a vida de seu marido (e dos homens em geral) insuportável. Em português, mantivemos o termo “kikimora” acrescido de uma nota de rodapé. Na versão inglesa, temos a tradução por “old fogey”, que seria “velho ultrapassado” ou “velho caturra”. Em francês, utilizou-se “loup-garou”, que também é um personagem folclórico semelhante ao lobisomem, ou seja, um homem amaldiçoado, fadado a metamorfosear-se numa criatura grotesca. Na tradução portuguesa o elemento folclórico não aparece, restando apenas os termos “monstro e truão”.

Expressões idiomáticas

Além de referências a figuras folclóricas e mitológicas, a novela *O rei Lear da estepe* apresenta ainda algumas expressões idiomáticas. Para a tradução, adotamos um princípio defendido por Brenno Silveira na obra *A*

⁸⁵ “Во всю дорогу Сувенир трещал как сорока, хихикал, рассуждал о том, предоставит ли ему братец что-нибудь, и тут же обзывал его идолом и **кикиморой**.”

arte de traduzir, que, apesar de referir-se a provérbios, acreditamos ser também aplicável às expressões populares e fraseologismos:

Há, todavia, em outras línguas, provérbios inteiramente desconhecidos entre nós. A origem de muitos deles muitas vezes se perde no tempo [...] Como regra geral, só nos casos em que o provérbio não tenha equivalente em português é que se deve traduzi-lo como aparece no original. Do contrário o mais acertado é buscar o seu correspondente. Uma frase ou expressão pouco usual – principalmente em se tratando de provérbio – pode modificar completamente o efeito que o autor procurou transmitir ao leitor, detendo por mais tempo a sua atenção numa máxima ou ditado corriqueiro, que devia ser lido apenas de passagem. (SILVEIRA, 2004, p. 212-213)

A tradução de “яко тать в нощи”, presente no capítulo XII da novela, não apresentou problemas, pois é uma expressão advinda do texto bíblico também presente em nossa cultura: “como um ladrão à noite”, apesar de estar escrita de maneira arcaica no original em russo. Já no final do capítulo XVI, optamos por buscar um equivalente para a expressão “Прижали ужа вилами!” que, se traduzida literalmente, seria algo como “Prenderam a cobra na forquilha”. Essa frase se refere ao fato de Martin Petróvitch estar obedecendo aos caprichos de sua família sem reclamar, algo bastante inusitado, visto que ele sempre fora aquele que ditava as ordens e exigia ser obedecido. Sendo assim, escolhemos por utilizar um dito popular brasileiro e traduzimos a expressão por “O mantém na rédea curta.”

Devemos destacar que, nas versões francesa e portuguesa analisadas, os tradutores também optaram por buscar uma solução baseados na cultura da língua de chegada. Em francês temos a frase: “Cette fois-ci le brochet est dans la nasse!” “Brochet” é um tipo de peixe predador típico do hemisfério norte e “nasse” é uma armadilha aquática que fica submersa, ou seja, significa que o peixe foi capturado. Já no português europeu temos: “Sim, na verdade, aquele encontrou a sua dama de pé-de-cabra...” Em linhas gerais, a dama de pé-de-cabra é personagem sobrenatural de uma lenda portuguesa que, ao ser desobedecida, pune marido. Por fim, ressaltamos que, na versão inglesa, houve uma tradução literal da expressão: “They've got the snake

under the pitchfork!” [Eles têm a serpente sob a forquilha]. Em todos os casos, o sentido de algo que foi subjugado se mantém.

Nossa opção de recorrer a um ditado popular local também foi realizada na tradução do seguinte trecho:

Numa outra vez, um alto funcionário de passagem, recebido por minha mãe inventou de zombar de Martin Petróvitch. Este tornou a se pôr a falar do sueco Kharlus que viera para a Rússia.

– No tempo dos Afonsinhos? – interrompeu o alto funcionário.

– Não, não no tempo dos Afonsinhos, mas no tempo do grão-príncipe Ivan Vassílievitch, o Obscuro.⁸⁶

Em russo, se traduzirmos literalmente, teremos “no tempo do tsar Ervilha”, uma expressão lúdica, originária dos contos populares russos, que se refere a uma época muito distante. No português, existem expressões semelhantes como “no tempo da onça”, “no tempo do rei velho” e “no tempo dos Afonsinhos” que escolhemos para a tradução. Em inglês, traduziu-se por “King Solomon” [Rei Salomão], famoso personagem bíblico. Já na tradução francesa analisada, a solução encontrada foi traduzir por “roi Guillot”, provavelmente uma referência ao rei da França, Luís XVI, guilhotinado em 1793, durante a Revolução Francesa. Na tradução de Portugal, inventou-se a expressão “no tempo do rei Couve” que, no entanto, não passa a idéia de tempo remoto.

É importante destacar que optamos pela domesticação tendo em vista que esta foi a solução encontrada por Paulo Bezerra para a tradução da seguinte frase da obra *Crime e castigo* de Dostoiévski, em que a mesma expressão referente ao “tsar Ervilha” aparece: “Foi nesse último mês que aprendi a matraquear, varando dias e noites deitado num canto pensando... na morte da bezerra.”⁸⁷ Traduzir literalmente, ou seja, indicar que o protagonista estava “pensando no tsar Ervilha” causaria estranhamento ao leitor brasileiro. Foi então necessário recorrer a uma expressão da cultura

⁸⁶ “В другой раз вздумалось гостившему у моей матушки заезжему сановнику подтрунить над Мартыном Петровичем. Тот опять заговорил о вшеде Харлусе, который выехал в Россию...

– При **царе Горохе**? – перебил сановник.

– Нет, не при **царе Горохе**, а при великом князе Иване Васильевиче Темном.”

⁸⁷ “Это я в этот последний месяц выучился болтать, лежа по целым суткам в углу и думая... **о царе Горохе**.”

local. Essa escolha está embasada na teoria elaborada por Paulo Bezerra no prefácio à mesma obra:

Toda tradução é a tradução possível, o ato de traduzir, particularmente ficção, encerra uma boa dose de saudável ilusão, na medida em que acreditamos, honestamente, traduzir o que está no texto. Portanto, não podemos enfrentar um texto literário com a pretensão do “dois e dois são quatro”, pois estamos diante de discurso literário com toda a sua carga polissêmica, o que nos obriga constantemente a interpretar o sentido ou os sentidos de uma palavra ou expressão no contexto específico desse discurso e procurar o modo mais adequado de transmiti-los. Para tanto é indispensável, é essencial que o tradutor conheça, e bem, o universo cultural em que se produz esse discurso e seus referentes vários, somando-se a isso outra questão essencialíssima: a honestidade profissional, o comprometimento ético com a palavra do outro. Isso os obriga a ir às últimas consequências, ao fundo do poço à procura do sentido mais próximo de determinada palavra ou expressão nas circunstâncias concretas da sua enunciação.⁸⁸

São com esses preceitos de fidelidade ao texto original e preocupação com o entendimento do leitor que procuramos realizar, não só a tradução do texto literário, como também sua análise e explicação das resoluções escolhidas.

Pronomes de tratamento e indicadores de formalidade

Encontrar equivalência entre pronomes de tratamento e indicadores de formalidade entre as diversas línguas configura outra dificuldade na tradução. Martin Petróvitch tem grande consideração por sua vizinha Natália Nikolaiévna e dirige-se a ela com o pronome pessoal da segunda pessoa do plural, *вы* (*vi*), que denota formalidade e respeito. Com suas filhas, empregados e outras pessoas, o protagonista costuma utilizar a segunda pessoa do singular, *ты* (*ti*).

Os correspondentes em português seriam os pronomes *tu* e *vós*, mas, escrito dessa forma, o texto ficaria demasiado arcaico e causaria

⁸⁸(BEZERRA, 2001 apud DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 8)

estranhamento aos leitores brasileiros. Essa questão foi teorizada por Paulo Henriques Britto na obra *A tradução literária*:

Digamos que quero traduzir para o português brasileiro um texto literário escrito em inglês no século XVIII. A operação tradutória envolverá, na verdade, mais do que a transposição do inglês para o português: o texto original vem com uma série de marcas associada ao lugar (Inglaterra) e tempo (século XVIII) em que foi escrito. Ao fazer uma tradução assim, portanto, posso – segundo Schleiermacher – adotar duas estratégias opostas. Uma delas (hoje em dia normalmente denominada “domesticação”) é trazer o texto inglês setecentista até o leitor brasileiro de hoje; isto é, facilitar ao máximo sua fruição pelo leitor que tenho em mente. Nesse caso, utilizarei um português contemporâneo, eliminando todas as marcas de antiguidade da linguagem do original: empregarei as formas de tratamento atuais, “você” e “o senhor”, em vez de “tu” e “vós”, empregadas nos países lusófonos no século XVIII [...]⁸⁹

Seguindo essa teoria, nossa tradução também utiliza *você* e *senhor(a)* no lugar de *tu* e *vós* a fim de não causar estranhamento ao leitor brasileiro. Em alguns trechos foram acrescentados demais indicadores de formalidade como *meu senhor*, *por gentileza* e *tenha a bondade*. Situação semelhante foi descrita por Fátima Bianchi, ao comentar a tradução da novela *A senhoria* de Fiódor Dostoiévski:

O termo bárin, que era usado para se referir a um homem da nobreza e como forma de tratamento a ele, assim como o pronome pessoal *Vi*, segunda pessoa do plural, nós traduzimos por senhor. Também a partícula *—s*, que se liga a uma palavra para transmitir ao discurso um sentido de servilismo, deferência, polidez, e às vezes um sentido irônico, assim como as palavras *sudar* e *gosudar*, são usadas em abundância por Múrin como formas de tratamento a Ordínov, que pertence a uma classe social superior, e também para este caso só temos as palavras *senhor*, *meu senhor*. Acontece que neste trecho estas expressões aparecem frequentemente, e não só numa frase, às vezes até num mesmo período. Isso tudo criou uma grande dificuldade para a tradução, que teve de ser contornada de forma a não prejudicar a intenção subjacente no discurso de Múrin. Todas essas nuances da fala de Múrin, que têm um propósito claro

⁸⁹ BRITTO, 2012, p. 60

na novela – e não só nesse trecho, pois seu modo de falar varia de acordo com as circunstâncias –, praticamente desaparecem nas traduções indiretas.⁹⁰

No trecho a seguir é indicado que, a sós, Kharlov tratava o narrador, filho de Natália Nikolaiévna, com familiaridade, ou seja, pela segunda pessoa do singular. No entanto, na frente de parentes e criados o protagonista muda para um tratamento mais formal, passando a usar a segunda pessoa do plural: “Por aqui, **faça o favor**, por aqui – acrescentou ele, dirigindo-se a mim e chamando-me com o dedo indicador, insistindo para entrar. Em sua casa não me tratava por “você”: o patrão precisava ser polido.”⁹¹

Traduzimos o verbo com terminação de segunda pessoa do plural pela expressão “faça o favor”, pois o verbo russo de fato tem esse significado. Em inglês, o tradutor recorreu a expressões mais explicitadas quanto à formalidade: “This way, **please**, this way,” he added, addressing me, and beckoning with his forefinger. In his own house he treated me **less familiarly**; as a host he felt obliged to be more formally respectful”.

Já no francês, a tradução desse trecho resolveu-se muito bem, pois, assim como no russo, na língua francesa também há a utilização corrente, e com as referidas nuances de formalidade, entre os pronomes de segunda pessoa do singular e do plural. Além disso, há um verbo com o significado de “tratar-se pela segunda pessoa do singular, ou melhor, “tratar-se por tu”: “**Venez** par ici, ajoute-t-il en faisant signe du doigt. Chez lui il ne me **tutoyait** plus: um maître de maison doit observer les convenances.”

Na tradução portuguesa, houve a alternância entre conjugações da segunda pessoa do singular e do plural para mostrar a mudança na forma de tratamento: “Venha ver isto – acrescentou, voltando-se para mim e chamando-me com o dedo. – (Dirigia-se-me cerimoniosamente, não me tratando por “tu” dentro de sua própria casa para acentuar a cortesia própria de um anfitrião.)” No entanto, consideramos os empregos da ênclise,

⁹⁰ BIANCHI, 2006, p. 95-96

⁹¹ Пожалуйте сюда, сюда, – прибавил он, обратиться ко мне и зазывая меня указательным пальцем. У себя в доме он меня не “**тыкал**”: надо ж хозяину быть вежливым.

do advérbio “cerimoniosamente” e da repetição da palavra “própria” inadequados para a frase, deixando-a empolada.

Um exemplo da deferência utilizada por Martin Petróvitch com Natália Nikolaiévna está na maneira como respondia a ela: “**Барыня! госпожа!** Нашего поля ягодка” [**Patroa! Senhora!** Flor do nosso campo]. O primeiro termo, *bárinia*, já citado anteriormente em sua forma masculina, de acordo com o dicionário Russo-Português pode significar: “fidalga; grã-senhora; senhora; patroa”. O segundo termo, *gospojá*, significa: “senhora; dona”. No cotejo com as versões francesa e inglesa, vemos que os tradutores utilizaram-se de adjetivos para reforçar o tom elogioso: “C’est une **maîtresse femme**, une **vraie grande dame**” [É uma mulher notável, uma verdadeira grande dama] e “She is a **real gentlewoman**, one of our **sort**” [Ela é uma verdadeira dama, uma de nossa **classe**].

Consideramos que a tradução portuguesa empregou adjetivos em excesso, distanciando-se um pouco do original: “Uma dama! Uma grande dama! Uma verdadeira senhora da nossa melhor nobreza!”. Nas três últimas traduções apresentadas vemos que a comparação singela entre Natália e uma flor do campo deu lugar a elogios mais pomposos.

Em outro momento, por estar apreensivo e preocupado, Kharlov utiliza uma construção muito formal para falar com Natália Nikolaiévna e esta reclama, pedindo que fale de modo mais claro e simples:

- Apenas não estou certo de que isso há de lhe ser agradável...
- Fale, fale, meu caro, sem cerimônias. Não me deixe preocupada!
- Para que esse *há de lhe ser?* Fale de modo mais simples. [...] ⁹²

Como no original esse aspecto formal se dá pela utilização dos pronomes na segunda pessoa do plural (вам сие), escolhemos traduzir com uma colocação pronominal que também soasse empolada. Na versão francesa analisada a solução encontrada é semelhante, pois utilizou-se a locução adverbial “ce faisant”. Além disso, assim como no original, há a mudança de tratamento entre os personagens, pois, enquanto Martin

⁹² “– Только сомневаюсь я, будет ли вам сие приятно...

– Говори, говори, отец, да попроси. Не волнуй ты меня! К чему тут сие? Говори проси. [...]”

Petróvitch se dirige à sua interlocutora utilizando a segunda pessoa do plural, Natália Nikolaiévna responde usando a segunda pessoa do singular:

- Seulement, je crains fort, ce faisant, de vous importuner...
- Parle, mon cher, parle, mais plus simplement, je t'en supplie. À quoi bon “ce faisant” ? Ne m'agace pas... [...]

Na tradução em inglês optou-se por incluir a palavra “contingency” para conferir esse ar de refinamento à fala do protagonista:

- “I'm only in doubt, whether it will be agreeable to you in this same contingency...”
- “Speak away, speak away, my good sir, but more simply. Don't alarm me! What's this same contingency? Speak more plainly. [...]”

Da mesma forma, na tradução portuguesa houve o acréscimo de uma palavra para transmitir esse tom demasiado culto:

- O que me faz hesitar é não saber se a supramencionada proposta será aceitável para si...
- Vamos, diga tudo, meu amigo, mas não seja tão pomposo. Essas coisas causam-me nervoso. Que vem aqui fazer essa “supramencionada”? Use palavras simples. [...]

Nesse caso, também contribuiu para reafirmar o tom cerimonioso da fala, o emprego do pronome reflexivo “si”.

Humor: erro de pronúncia

Ivan Turguêniev inclui um elemento de humor ao apresentar personagens que pronunciam palavras de forma peculiar. Já no primeiro capítulo, é indicado que Martin Petróvitch pronuncia errado a palavra “Suéchia”:

- Nossa linhagem é da **Suéchia** (era assim que ele pronunciava a palavra “**Suécia**”); Kharlus veio da **Suéchia** – assegurava ele – e chegou à Rússia no reinado de Ivan Vassílievitch, o Obscuro (eis quando!)⁹³

Na tradução foi necessário inventar uma pronúncia errada e engraçada para manter o efeito humorístico. No entanto, não há a

⁹³ “– Наш род от **вшеда** (он так выговаривал слово **швед**); от **вшеда** Харлуса ведется, – уверял от, – в княжение Ивана Васильевича Темного (вон оно когда!) приехал в Россию.”

necessidade de uma nota de rodapé, pois o narrador dá a explicação do desvio na pronúncia no próprio texto. Em francês, essa mesma idéia foi seguida e “Suédois” virou “Chédoi”: “– Notre famille, répétait-il souvent, descend du **Chédois** (il voulait dire Suédois). Kharlus, qui se fixa en Russie sous le règne d’Ivan Vassiliévitch l’Aveugle (cela ne date pas d’hier comme vous voyez!)”

No inglês, infelizmente, esse elemento de humor foi omitido, como se o protagonista pronunciasse a palavra corretamente: “‘Our family’s descended from the **Swede** Harlus,’ he used to maintain. ‘In the princely reign of Ivan Vassilievitch the Dark (fancy how long ago!) he came to Russia.’” No português europeu, também houve a tentativa de manter o humor através de uma nova pronúncia errada da palavra: “A nossa família veio da **Suédia** (era assim que pronunciava o nome **Suécia**) com o **suedo** Kharlus – afirmava. – Ele veio para a Rússia no reinado de Ivan, o Negro... sim, somos antigos cá na terra!...”

No quinto capítulo, somos apresentados a Suvenir que, como já vimos anteriormente, também comete erro de pronúncia, mas, no seu caso, é da palavra “agora”. Em russo, o correto é **сейчас**, translitera-se *seitchas*, mas pronuncia-se “sitchas”. Suvenir, porém, pronuncia **чичас**, ou seja, “tchitchas”. Para a tradução, optamos por transformar a palavra em “agoga”: “Suvenir volta e meia repetia: “Cá estou, com licença, **agoga, agoga**” – “O que é **agoga**?” – mamãe perguntou-lhe com enfado.”⁹⁴

O tradutor para o francês também criou uma nova pronúncia para uma expressão francesa, mas incluiu no texto uma explicação, apresentando a expressão correta e a forma com a qual Suvenir pronunciava: “Sa locution favorite était: ‘voilà, voilà, **tout de suite**, qu’il prononçait ‘**tout de chuite**’. – Qu’est-ce que ce ‘**tout de chuite**?’ lui demandait ma mère agacée.” Em inglês, colocou-se um apóstrofo no lugar da letra *i* da palavra “directly” (imediatamente) para indicar que ela era pronunciada de maneira diferente pela personagem, que talvez omitisse a letra em questão: “Souvenir was constantly repeating, ‘Certainly, **d’rectly, d’rectly.**’ ‘**D’rectly** what?’ my

⁹⁴ “Сувенир то и дело твердил: ‘Я вот, позвольте, я **чичас, чичас**’. – ‘Да что **чичас**?’ – с досадой спросит его матушка.”

mother would ask, with annoyance”. Na versão portuguesa, o desvio de pronúncia foi omitido da fala da personagem, como se Suvenir pronunciasse a palavra corretamente: “Souvenir não cessava de repetir: ‘Sim, se fizer o favor, imediatamente!’. ‘O que é que queres dizer com esse imediatamente?’, perguntou-lhe uma vez minha mãe, irritada.”

No capítulo XVIII o personagem Sliótkin comete um erro de pronúncia e gagueja: “Pois então no dia de São Pedro comprei-lhe ganchos **óte-ótemos** na cidade – ingleses originais: ganchos caros!”⁹⁵ Na grafia original, a primeira letra da palavra, que seria “o” é trocada por “a”. Nesse caso optamos por adaptar o erro para o português e acrescentar uma nota explicativa. Infelizmente, esse trecho foi traduzido sem nenhum desvio ou nota nas versões estrangeiras analisadas.

⁹⁵ “Вот я к Петрову дню **а-атличные** крючки в городе ему купил – настоящие английские: дорогие крючки!”

8. Considerações finais

Se por um lado a obra de Shakespeare é valorizada por ser original e profunda, essa nova abordagem dada por Turguêniev ao modelo shakespeariano também apresenta inovação ao incluir em sua releitura do clássico inglês tantos elementos da cultura popular e do folclore russo, revelando seu profundo conhecimento sobre o assunto.

As descrições de paisagens e de personagens que, além de grandiosas, fazem parte da composição estrutural da novela, mostram sua maestria na arte de narrar. Ambos os escritores se aproximam ao criarem personagens que penetram na alma humana, de maneira a mostrar a essência do homem, ao apresentá-los como são verdadeiramente. Mas cada um está inserido em sua realidade, que são deveras distintas. No entanto, semelhanças podem ser encontradas seja na nobreza da Inglaterra seja no campesinato russo.

Em Shakespeare predomina a interpretação de temas morais e políticos; da ambição, do poder e de sua influência sobre a personalidade humana. Analisando as formas de existência de tais personagens em solo russo, Turguêniev os vê principalmente do ponto de vista social e psicológico. Ele é mais atraído por questões como obediência e rebeldia como traços do caráter humano, pois procurava mostrar a vida em si mesma, a partir da representação de certas figuras.

No que diz respeito à tradução da novela *O rei Lear da estepe*, vemos que grande parte das questões apontadas estão relacionadas a marcas da cultura russa e a elementos extralingüísticos. Algumas características, se não explicadas, poderiam não ser entendidas nem identificadas por leitores de outras culturas, como, por exemplo, os brasileiros.

Dessa forma, estamos no que João Azenha denomina de segundo momento do olhar sobre a tradução. No primeiro momento, o texto de partida é o parâmetro por excelência e, na prática, a noção de competência tradutória coincide com a de competência lingüística. Já no segundo momento:

[...] ganha primazia o olhar prospectivo: a ênfase se desloca do texto de partida para o complexo da recepção, quer dizer, não apenas se tem em vista um receptor ancorado histórica e geograficamente, mas também se atenta, por exemplo, para a acomodação do texto traduzido às normas e convenções da cultura receptora. Tal ideia questiona a posição de isenção do sujeito intermediador desse processo, principalmente porque a leitura que se faz do Outro não mais depende apenas dos conhecimentos de língua; em sua complexidade, ela é singular, única: ao se estabelecerem os parâmetros para a acomodação do texto traduzido, o sujeito se identifica e revela sua maneira de ver. Como decorrência disso, a prescrição deixa de ter a primazia e o processo todo – texto de partida, texto traduzido, considerações sobre a recepção etc. – mais descreve do que prescreve.⁹⁶

O domínio das línguas de partida e de chegada não basta para a tradução. Acreditamos que, especialmente para a tradução literária, são necessários conhecimentos de cultura e história. Além disso, em alguns momentos, encontrar um equivalente na língua de chegada também não é suficiente, sendo preciso explicar o contexto e recuperar o sentido do texto original através de notas de rodapé.

Pela experiência aqui realizada, é possível concluir que, longe de ser uma atividade mecânica, a prática da tradução requer reflexões várias que vão desde as questões gramaticais das línguas envolvidas, passando pelas literárias e de estilo do autor e sua obra, até àquelas que fazem referência a aspectos presentes fora do texto.

⁹⁶ AZENHA, 2010, p. 40-41

9. Bibliografia

- ANDRADE, H. F. Tradução. Paródia. Estilização. A propósito da tradução de "Os Malavoglia" para o português. *Revista de Italianística*, v. XIV, p. 147-151, 2006.
- AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. São Paulo: Ed. Cultrix.
- AZENHA, J. Linguística textual e tradução: redefinindo o conceito de marca cultural. *TradTerm*, 12, São Paulo, 2006, p.13-32.
- _____, J. Transferência cultural em tradução: contextualização, desdobramentos, desafios. *TradTerm*, 16, São Paulo, 2010, p. 37-66.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: HUCITEC; UNESP, 1988. (Linguagem e cultura).
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERLIN, I. *Pensadores russos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- BIANCHI, M. F. O “sonhador” de *A senhoria*, de Dostoiévski: um “homem supérfluo”. 2006. 175 f. Tese (Doutorado em Letras) – FFLCH. Universidade São Paulo, São Paulo.
- BRITTO, P. H. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CÂNDIDO, A. *Recortes*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.
- DAL. V. I. *Dal Tolkovyi slovar jivogo velikorusskogo iazika (sovremennoie napisaniie slov)*. Moskva: Tsitadel, 1998.
- CARVALHO, A. L. C. *Foco narrativo e fluxo de consciência*. São Paulo: Pioneira, 1981.
- DOSTOIÉVSKI, F. *Crime e castigo: romance em seis partes com epílogo*. São Paulo: Editora 34, 2001.

- EICHENBAUM, B. *Antología del formalismo ruso y el grupo de Bajtin*. Madrid: Fundamentos, 1992.
- EICHENBAUM, B. [el al] *Teoria da literatura: formalistas russos*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1976.
- FERREIRA, J. P. *Matrizes impressas do oral: conto russo no sertão*. Cotia: Ateliê Editorial, 2014.
- FRANK, J. *Dostoiévski: os anos milagrosos, 1865-1871*. São Paulo: Edusp, 2013.
- FRANK, J. *Pelo prisma russo: ensaios sobre literatura e cultura*. São Paulo: Edusp, 1992.
- FREEBORN, R. *The russian revolutionary novel: Turgenev to Pasternak*. Cambridge: Great Britain at the University Press, 1985.
- GIRARD, R. *Dostoiévski: do duplo à unidade*. São Paulo: É Realizações, 2011.
- GOMIDE, B. B. (org.). *Antologia do pensamento crítico russo*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- GOMIDE, Bruno Barreto. *Da estepe à caatinga: o romance russo no Brasil (1887-1936)*. São Paulo: Edusp, 2012.
- HOUAISS, A; VILLAR, M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- JAMES, H. "Ivan Turguêniev" In: TURGUÊNIEV, I. *Pais e filhos*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- KAYSER, W. J. *A análise e interpretação da obra literária: introdução à ciência da literatura*. 7. ed. Coimbra: Arménio Amado, 1985.
- LEITE, L. C. M. *O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)*. São Paulo: Ática, 1985. Série Princípios.
- LESKOV, N. *A fraude e outras histórias*. São Paulo: Editora 34, 2012.
- _____. *Homens interessantes e outras histórias*. São Paulo: Editora 34, 2012.
- _____. *Sobranie Sotchiniênii v odinnadtsati tomakh*. Moskva: Gossudárstvionoe Izdátelstvo Khudójiestvienoi Literaturi, 1958.
- LO GATTO, E. *La literatura rusa moderna*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1972.

- MEDEIROS, C. L. *As faces de Janus: um olhar sobre a narrativa moldura como procedimento literário*. Revista Palimpsesto, ano 11, vol. 14, 2012.
- MELETÍNSKI, E. M. *Os arquétipos literários*. 2. ed. Cotia: Ateliê, 2002.
- MELETÍNSKI, E. M. (et al). *A estrutura do conto de magia: ensaios sobre mito e conto de magia*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2015.
- MORSON, G. S.; EMERSON, C. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. Trad. de Antonio de Paula Danesi. São Paulo: Edusp, 2008.
- RODRIGUES, C. C. *Tradução e diferença*. São Paulo: UNESP, 2000.
- SANT'ANNA, A. R. *Paródia, paráfrase & cia*. São Paulo: Ática, 1988. (Princípios).
- SCHNAIDERMAN, B. *Tradução, ato desmedido*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- _____, B. *Semiótica russa*. São Paulo: Perspectiva, 2010. (Debates. Semiologia).
- SCHNAIDERMAN, B; COHN, Sergio. *Boris Schnaiderman*. Rio de Janeiro: Azougue, 2010. (Encontros).
- SHAKESPEARE, W. *O Rei Lear: texto integral*. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- SILVA, N. "Apontamentos de um tradutor de Tolstói". *Tradterm*, v. 14, 2008, p. 123-143. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/46391>
- SILVEIRA, B. *A arte de traduzir*. São Paulo: Melhoramentos; UNESP, 2004.
- SIMONI, A. R. *Contos de Machado de Assis: para uma gramática do foco narrativo*. 2004. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Universidade de São Paulo.
- TOURGUÊNIEV, I. S. *Romans et nouvelles complets, Tome III*. Paris: Gallimard, 1981.
- TURGENEV, I. S. *A Lear of the steppes and other stories*. London: William Heinemann, 1926. Disponível em: <http://www.eldritchpress.org/ist/lear.htm>
- TURGUÊNIEV, I. *Fumaça*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.
- _____. *Memórias de um caçador*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- _____. *O grande Karlof*. São Paulo: Clube do livro, 1968.

- _____. *Pais e filhos*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- _____. *Rúdin*. São Paulo: Editora 34, 2012.
- _____. *Terra virgem e outras histórias*. Porto (Portugal): Civilização, 1975.
- _____. *Polnoie sobraniie sochinenii i pisem v dvadtsati vosimi tomakh*. Moskva: Nauka, 1968.
- _____. *Sobraniie sochinenii v dvenadtsati tomakh*. Moskva: Khudójiestviennaia Literatura, 1978.
- _____. *Polnoie sobraniie sochinenii i pisem v dvadtsati vosimi tomakh*. Moskva: Nauka, 1982.
- TYNIÁNOV, I. Dostoiévski i Gógol (k teorii parodii). In: *Arkhaisty i novatory*. Leningrad: Priboi, 1929.
- VALDEZ, J. F. *Dicionário francês-português, português-francês*. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.
- VOGUÉ, M. *O romance russo*. Rio de Janeiro: Editora A Noite, sd.
- VÓINOVA, N. I. e outros. *Rússko-Portugálskii Slovar* (Dicionário Russo-Português). Moskva, Rússkii Iazik, 1989.
- Shekspir i russkaya kultura* / pod red M. P. Alekseieva. Moskva: Nauka, 1965.
- YEFREMOVA, V. V. *Memorialnaia biblioteka: N. S. Leskov i kniga*. Disponível em: <http://www.nsleskov.ru/>